

LIVRO #1 DA SÉRIE  
ASSASSINATOS NO CARIBE



# MORTE NA LUA DE MEL

JADEN SKYE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# MORTE NA LUA DE MEL

Livro #1 da Série Assassinatos no Caribe

Jaden Skye

## Sobre Jaden Skye

Jaden Skye é a autora da série best-seller # 1 O ASSASSINATO NO CARIBE, que possui 14 livros até o momento. O primeiro livro da série, MORTE NA LUA DE MEL, um best-seller # 1, está agora disponível como um **[download GRATUITO no Amazon!](#)**

Jaden sempre foi fascinada por mistérios, mortes injustas, mentiras, falsidade e pelo poder que a verdade tem de prevalecer. Seus romances de suspense / mistério apresentam fortes protagonistas do sexo feminino que devem superar obstáculos intransponíveis e, através deles, elas buscam chegar ao centro da natureza da justiça e do amor.

Por favor, visite [www.jadenskye.com](http://www.jadenskye.com) para encontrar os links para manter contato com Jaden via Facebook, Twitter, Goodreads, o blog dela e mais um monte de outros lugares. Jaden gosta de ouvir sua opinião, por isso não se acanhe e volte sempre!

## Livros de Jaden Skye

### **SÉRIE ASSASSINATOS DO CARIBE**

- MORTE NA LUA DE MEL (Livro # 1)
- MORTE NO DIVÓRCIO (Livro # 2)
- MORTE NO CASAMENTO (Livro # 3)
- MORTE PELO DESEJO (Livro # 4)
- MORTE POR ENGANO (Livro # 5)
- MORTE POR INVEJA (Livro # 6)
- MORTE PELA PROPOSTA (Livro # 7)
- MORTE POR OBSESSÃO (Livro # 8)
- MORTE POR DEVOÇÃO (Livro # 9)
- MORTE POR TRAIÇÃO (Livro # 10)
- MORTE POR PEDIDO (Livro # 11)
- MORTE POR COMPROMISSO (Livro # 12)
- MORTE POR SEDUÇÃO (Livro # 13)
- MORTE PELA TENTACÃO (Livro # 14)

### **A SAGA DO RIO TOM**

- UM PERFEITO ESTRANHO (Livro # 1)

[Clique aqui para baixar os livros de Jaden Skye agora mesmo!](#)



Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pela lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor.

Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não deve ser revendido nem doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

# Índice

[Capítulo 1](#)  
[Capítulo 2](#)  
[Capítulo 3](#)  
[Capítulo 4](#)  
[Capítulo 5](#)  
[Capítulo 6](#)  
[Capítulo 7](#)  
[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Capítulo 23](#)  
[Capítulo 24](#)

# Capítulo 1

Finalmente, não havia nada a temer. A festa casamento já tinha terminado, ele era seu, e sua lua de mel, até o momento, estava sendo tudo o que ela sempre sonhara. Deitada ao lado dele, em um lençol sobre as areias brancas do Caribe, rodeada pela beleza das águas azul-turquesa, ela respirou aliviada.

Nada poderia tê-la preparado para a beleza inacreditável daquele lugar. A praia era cercada por palmeiras, estradas sinuosas e pássaros escondidos. Alguns deles cantavam de forma intermitente enquanto as ondas se desenrolavam costa acima. Esta cena tinha o poder de curar a tristeza pela qual ela havia passado. Ninguém fora capaz de impedir seu casamento de acontecer, embora a família dele tivesse tentado.

Clint se aproximou. Ela podia sentir o cheiro de seu protetor solar misturado com o sal do mar. Ele pegou em sua mão esguia e sua força robusta espalhou por dentro dela, então ela se virou para ele e sorriu. Era um sorriso de satisfação. De vitória. Cindy tinha vencido. Ela havia lutado muito por aquele casamento, e nada poderia tirá-lo dela.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Clint sussurrou em seu ouvido, “Nós conseguimos. Estamos juntos agora, para sempre. Todo o resto está no passado”.

Cindy respirou fundo. Ela sempre teve medo de acreditar no “para sempre,” mas, agora ela podia. Seu relacionamento com Clint acalmava sua mente. Seu pai morreu quando ela era criança e, somente após um longo tempo, ela se dispôs a confiar novamente na vida. Com Clint ao seu lado, ela podia.

Cindy admirou o sol brilhando sobre as ondas, elevando-se cada vez mais rápido. A maré alta estava subindo. As ondas eram alimentadas pela agitação das correntes do Oceano Atlântico, que se derramavam na enseada. O som das ondas quebrando nas pedras a assustou por um momento. Aquele local era perfeito para Clint. Ele era um ávido surfista, adorava o oceano e exigia desafios. Aquela praia não fazia parte dos roteiros comuns, era selvagem, indomada, não o destino habitual dos viajantes. Era famosa por suas fortes ondas.

“Isso fará com que a nossa lua de mel seja ainda mais emocionante,” ele tinha dito ao sugerir aquele local. Havia águas mais tranquilas por perto, onde ela também poderia surfar. Mas Cindy queria que aquela fosse a lua de mel dos seus sonhos. Ela não se importava que a maioria dos casais se dirigisse para o confortável lado oeste de Barbados, enquanto eles haviam ido para a costa acidentada do leste.

“Para onde vocês disseram que estão indo?” O motorista que os pegou no aeroporto lhes perguntara duas vezes.

“Hotel El Barado,” Clint repetiu.

O motorista encarou os dois, cético. “Vocês sabem para onde estão indo? Vocês estão indo para a verdadeira Barbados. Têm certeza?”

“Certeza absoluta.” Clint sorriu.

“Ok.” Em seguida, o carro se afastou rapidamente do aeroporto, deixando a estrada principal.

Cindy estava orgulhosa de Clint. Ele tinha certeza sobre tudo. Ele não era do tipo que pegava caminhos antigos, chatos e familiares. Cindy amava isso nele. Ele a lembrou do que era possível. Ela costumava ser forte e confiante assim. Suas palavras a trouxeram de volta a si.

À medida que o carro percorria seu caminho, Cindy percebeu que eles estavam indo para algum lugar fora do comum. Eles passaram por estradas rurais, antigas fazendas de cana-de-açúcar e aldeias pitorescas formadas por pequenas casas térreas. Havia barracas de comida ao longo das estradas e também igrejas simples de madeira. Era claramente onde os habitantes locais viviam e trabalhavam.

O carro deles havia atravessado rapidamente os vilarejos, em direção ao hotel. Ele parecia ter pressa, como se não houvesse um minuto a perder.

“Aí está,” o motorista tinha apontado.

O hotel apareceu, espalhado por trás de pedras, na beira da praia, com vista para o oceano. “Muitas pessoas não sabem deste lugar.”

O exterior do hotel era enfeitado com persianas de enrolar, lâmpadas de suspensão bronzes e lampiões. Clint havia descoberto aquele lugar através de alguns executivos da sua empresa, que também eram surfistas dedicados como ele. Eles adoravam Clint. Como presente de casamento, a empresa ofereceu pagar uma parte das despesas.

Ele ficou animado. Cindy e Clint deram uma generosa gorjeta ao motorista, já que ele havia levado suas malas até a porta da frente.

Alex, um homem robusto, local, na casa dos cinquenta, os cumprimentara com um sorriso.

“Bem-vindos à ilha,” ele disse com um tom melódico. “Estamos felizes em ter vocês aqui. Nossos hóspedes em lua de mel são os nossos favoritos. Parabéns.”

Cindy se sentiu acolhida ao entrar. Ela olhou pelas grandes janelas do lobby, que tinham vista para o oceano, e viu quilômetros de ondas. Ela sabia que Clint veria aquilo e teria um irresistível impulso de surfar.

Alex deu um tapinha no ombro de Clint. “Você é um bom nadador?” ele perguntou.

Clint tinha sorriu. Fora um salva-vidas quando mais jovem, aquela era a sua última preocupação. “É para isso que eu vim aqui. Não se preocupe; estou no lugar ao qual pertença.” Ele sempre dizia aquilo quando ia para o mar.

Havia muito o que fazer. Mergulhar, snorkeling, visitar as tartarugas indígenas da ilha, tirar fotos daquele lugar incrível.

Eles pegaram uma chave e foram até seu quarto. Era amplo, arejado, com brisas salgadas pairando no ar. Havia um pátio e uma mesa de café de madeira baixa cheia de conchas e ouriços do mar. E o melhor de tudo, podia-se escutar as ondas, constantemente quebrando na areia e nas rochas do lado de fora. Eles soltaram as bagagens, se trocaram rapidamente e foram diretamente para a praia.

\*

Todos os dias estavam sendo fantásticos. Eles mergulharam, nadaram, dançaram, tiveram jantares deliciosos e fizeram amor a noite toda. Enquanto estava ali deitada na areia com seu novo marido, Cindy sentiu como se tivesse sido acolhida por uma nova fase da vida. Ela pousou sua cabeça no ombro de Clint.

Aqueles dias de felicidade haviam apagado as pressões e preocupações as quais eles tinham se acostumado nos últimos meses. O alvoroço e os esquemas da família dele foram dissipando como fumaça no céu azul de cristal. Não fora fácil. Houve um obstáculo após o outro.

Agora, o tempo estava passando rapidamente. Eles tinham apenas mais dois dias restantes. O coração de Cindy despencou com o pensamento de ir embora.

“Eu não quero que isso acabe,” ela falou ao acordar naquela manhã, antes de sair da cama.

“Isso não vai acabar,” ele respondeu gentilmente. “Vamos nos lembrar disso para sempre.”

“Você promete?”

Ele riu. “É claro.”

“Não prometa algo que você não poderá cumprir,” Cindy brincou. Ela sabia que ele sempre cumpria sua palavra.

“Eu prometo,” ele repetiu.

Por nenhuma razão específica, seu coração apertou novamente. “Mas tudo acab-”

“Não necessariamente.” Ele acariciou o cabelo longo e castanho-avermelhado dela e beijou as sardas em sua testa. “Nós levamos as nossas memórias conosco aonde quer que formos.”

Nunca ocorreu a Cindy que havia alguma possibilidade de eles não saírem daquela ilha em dois dias.

Nem que, quatro dias depois, ela *ainda* estaria na ilha - embalando o corpo morto de seu marido em seus braços.

## Capítulo 2

O dia que passou havia sido perfeito. Eles acordaram cedo em um dia sem nuvens, aninhados nos braços um do outro. Eles tomaram banho juntos e desceram para o café da manhã, rindo. Parecia que o mundo inteiro estava em paz naquele dia. Enquanto tomavam o café da manhã na varanda, eles ouviam a serenata de uma multidão de pássaros que voavam pelos galhos das árvores que cercavam o hotel.

“Deve ser este clima incrível,” comentou Clint, olhando para a água e para o céu. “O céu tão azul, sem vento, nem parece que pode haver uma onda no oceano.” Era um tempo incomum para a ilha.

Durante o café da manhã, eles falaram sobre as lembranças que estavam levando para casa: conchas grandes e duras, troncos, almofadas decorativas com estampas tropicais, fotografias de tartarugas, botos e peixes voadores. Havia alguma coisa para todo mundo.

Enquanto eles se demoravam com o café, Cindy sabia que a lua de mel estava chegando ao fim. Ela começou a pensar sobre retornar para casa, para a casa pitoresca e pequena que eles tinham comprado lá em Long Island, Nova York. Ficava em uma enseada, perto do final de uma longa estrada particular. Eles tinham se apaixonado por aquela casa no momento em que a viram e ficaram extasiados quando a oferta foi aceita.

“Em breve, estaremos em nossa nova casa,” disse Cindy. “Só mais dois dias.”

“Há muita coisa ainda para fazermos hoje,” ele falou.

Clint havia planejado cada minuto das atividades, não querendo perder um único segundo. Eles estavam planejando surfar juntos na parte da tarde, ela tinha feito reservas para o jantar no restaurante principal do hotel, sob as palmeiras, às oito horas. Seria um jantar especial, o aniversário da noite em que eles se conheceram.

Enquanto eles ainda estavam sentados no café da manhã, outros hóspedes desceram, circularam por ali e sentaram-se nas mesas perto deles. Todos sorriram um para os outros casualmente, dando a todos a privacidade que eles queriam. Pedro, seu garçom preferido, cantarolava uma canção local enquanto servia-lhes um prato de croissants, ovos, frutas, café e mimosas. Ele teve um cuidado especial para que Cindy recebesse exatamente o que ela queria. Na verdade, ele tinha feito uma sobremesa especial para ela, uma torta. Exatamente o sabor que ela amava e que tinha encomendado todos os dias. “Mas hoje está melhor,” disse ele. Cindy sorriu. Aquelas eram boas pessoas.

Cindy olhou para Clint e sentiu como ela estava grata e feliz. Logo depois que ela o conheceu, ela sabia que ele era o homem com quem ela queria viver sua vida. Alto, robusto, bonito e determinado, ele era o homem mais honesto e carinhoso que ela já tinha conhecido.

Depois do café da manhã, eles fizeram uma longa e tranquila caminhada durante a manhã pela praia, ele olhava para o horizonte, tentando memorizar aquela vista, e ela pegava ocasionalmente uma ou outra concha. Depois eles voltaram para o quarto para se trocarem e irem surfar.

E, enquanto subiam as escadas, foi quando aconteceu.

Cindy, de repente, começou a se sentir tonta.

*Provavelmente por causa do sol,* ela pensou, *especialmente depois daqueles coquetéis de mimosa.*

E então ela teve câibras.

*Elas provavelmente vão passar,* disse a si mesma e foi até o banheiro, onde estava mais fresco. Mas as dores pioraram.

Clint estava se trocando e pegando seu equipamento de surfe, quando outra onda de tontura tomou conta dela e ela apertou seu estômago de dor. Ela deitou-se na cama, esperando que aquilo passasse.

Clint veio, surpreso ao vê-la deitada ali.

“O que está acontecendo?,” ele perguntou, preocupado.

“Eu não sei... Apenas cólicas, eu acho. Sinto como se eu precisasse tirar uma soneca.”

“Agora? No meio da tarde?” Ele ficou surpreso.

“Eu sinto muito. Eu não sinto que eu consiga ir. Eu provavelmente só preciso descansar. Mas não me deixe impedi-lo. Eu vou tirar uma soneca por uma hora e depois encontro você lá na praia. Eu prometo.”

Isto pareceu animá-lo. “Tudo bem, mas apenas por uma hora,” ele aceitou. “Eu não quero ficar longe de você por muito tempo.”

Cindy queria estender a mão e abraçá-lo, mas uma onda de exaustão tomou conta dela. Sem conseguir evitar, ela fechou os olhos e, no segundo seguinte, ela estava dormindo.

\*

Cindy despertou com um sobressalto. Ela sabia que era tarde.

Com um choque, ela sentou-se na cama. O relógio marcava 5:00. Ela tinha dormido por três horas.

Ela pulou da cama, foi até a pia e jogou água fria em seu rosto. Ela havia dito a Clint que estaria na praia em uma hora. E estava duas horas atrasada. Ele estava, provavelmente, lá na areia, esperando por ela.

Sentindo-se mal por estar tão atrasada, ela vestiu seu shorts novo e uma camisa, pegou sua chave e depois desceu voando pela escada de madeira em direção ao lobby.

Alex, atrás da mesa principal, sorriu e acenou para ela quando ela apareceu. Durante os últimos dias, ele parecia ter tomado uma afeição especial por Cindy e Clint. Ele havia servido o café da manhã e ficava perguntando se havia mais alguma coisa que eles desejavam para tudo ficar perfeito.

“Você precisa de alguma coisa, senhorita?” Ele gritou para ela naquele instante.

“Não, obrigada, obrigada,” Cindy agradeceu e correu para fora do hotel, em direção à praia.

Ela correu para o local onde ela e Clint deveriam se encontrar, esperando vê-lo ali, aguardando por ela. O sol estava se pondo, a temperatura havia caído, e ela percebeu que ele devia ter esperado por ela por horas. Ele provavelmente estava decepcionado. Eles só tinham mais dois dias de lua de mel e ela tinha prometido que surfaria com ele. Ela já podia imaginar sua expressão de frustração.

Ela dobrou o seu ritmo, tirando suas sandálias e carregando-as e, quando ela virou a curva, parou em surpresa.

A praia estava vazia.

Ela olhou ao seu redor, em todas as direções. Ele tinha que estar em algum lugar. Será que ele estaria deitado na areia, debaixo de uma palmeira?

Mas ela inspecionou as árvores atentamente e não havia ninguém. Todas as redes estavam vazias. É claro que elas estavam; estava ficando escuro e frio, e o vento estava soprando descontroladamente.

Talvez Clint estivesse caminhando ao longo da praia? Ela correu para a beira da água e olhou de uma ponta a outra.

Mas não havia ninguém à vista.

Ela pegou seu celular e o verificou novamente. Não havia novas mensagens.

Seu coração começou a bater mais forte quando o pânico tomou conta dela. Ela caminhou rapidamente pela costa, olhando para todos os lados.

Olhou para o oceano e notou que havia uma forte correnteza lateral. Talvez ela o levara ao longo da praia, como acontecia às vezes, e ele nem tinha percebido. Devia ser isso.

Ela seguiu a correnteza, pela praia, aumentando seu ritmo a cada passo.

Mas, ainda assim, nada. A praia estava vazia. Não havia nenhuma pessoa lá.

Uma onda de medo de repente tomou conta dela, Cindy começou a correr, correr sem pensar pela praia, olhando para a água.

Sem fôlego, ela finalmente parou de correr e respirou fundo, o ar estava úmido e salgado. Nos últimos minutos, o céu havia escurecido de repente, o vento estava mais intenso, tornara-se muito mais forte, quase a desequilibrando. O vento açoitava seu cabelo em seu rosto e nos seus olhos. Ela lutava para afastá-lo.

“Clint!” Ela gritou, sua voz foi rapidamente afogada pelas ondas estrondosas. “Onde está você!?”

E então, ao olhar para cima, ela viu. Ao longe, havia algo na água.

Ela correu em direção ao mar e, ao se aproximar, viu do que se tratava.

A prancha azul de Clint. Ela estava flutuando sobre as ondas.

E nada de Clint à vista.

Suas mãos ficaram úmidas e seu coração batia forte, uma onda de horror tomou conta de seu corpo.

Não havia nenhuma possibilidade, absolutamente nenhuma, de Clint abandonar sua prancha.

As ondas ferozes, mais fortes que o habitual, chocavam-se umas contra as outras sem piedade, jogando a prancha de surf para todos os lados.

Um estranho pássaro voou sobre ela, berrando.

E, naquele momento, Cindy sabia, com cada parte de seu corpo, que seu marido estava morto.

# Capítulo 3

## Uma semana depois

Os dias pareciam um borrão. Cindy não tinha ideia de como ela havia conseguido voltar para casa. Um espesso nevoeiro pairava sobre ela, ela se movia como se estivesse em um sonho. Ela se mexia lentamente, seus membros estavam congelados e dormentes. Tudo parecia surreal. Ela estava paralisada no tempo, em um pesadelo do qual ela não podia sair.

De vez em quando, o nevoeiro se dissipava e ela se ouvia soluçando.

*Aquilo não podia estar acontecendo. Era um sonho. Eu irei acordar e ele estará aqui comigo. Clint, você prometeu.*

Em seguida, o nevoeiro voltava e era difícil se lembrar de algo.

Durante a primeira semana em casa, ela dormiu a maior parte do tempo. Ela podia ouvir o telefone tocando fora do gancho - não apenas seu telefone celular, que ela ignorou e finalmente desligou - mas também o telefone fixo que Clint havia instalado na casa. Parecia que aquilo nunca iria parar. Sua irmã Ann, que tinha vindo de Wisconsin e estava hospedada em sua casa, felizmente, atendeu ao telefone por ela.

Naqueles primeiros dias, Ann estava sendo sua salvação. Um fluxo interminável de visitantes continuava vindo e, quando Cindy se recusou a vê-los, Ann os encontrava na porta e gentilmente lhes pedia que voltassem em outra hora.

A mãe de Cindy havia ligado no primeiro dia para dizer o quanto lamentava e falar que ela não iria aguentar, que ela precisava manter sua galeria de arte funcionando, em seu antigo lar em Wisconsin. Típico dela, Cindy pensou.

Ela tentou oferecer conselhos a Cindy pelo telefone. “Isso vai levar tempo,” ela murmurou. “Seja paciente. Pouco a pouco, você vai se sentir melhor.”

Suas palavras não confortaram Cindy nem um pouco. Será que um dia ela se sentiria melhor? Cindy duvidava. Como ela ousaria se sentir melhor quando Clint estava morto?

A família de Clint, apesar de viver a apenas uma milha de distância, ainda não tinham ido visitá-la. Cindy esperava que eles nunca o fizessem.

Ann continuava insistindo que ela saísse do quarto e cumprimentasse as pessoas e, no dia em que Cindy finalmente cedeu, Ann a ajudou a sair da cama. Então ela gentilmente a guiou escada abaixo, pela sala de estar, até o sofá de camurça azul marinho que ela e Clint tinham acabado de comprar. Clint tinha adorado aquele sofá porque ele o lembrava do oceano. E agora ele a lembrava das ondas que tinham abatido seu marido de forma tão brutal. Ela teria que se livrar dele, ela pensou de passagem, ao se sentar nele e estremecer.

Os convidados que vieram para oferecer condolências não ficaram muito tempo. Eles pareciam não ter palavras para se expressarem. Muitos deles eram os mesmos que tinham sido convidados para seu casamento, um pouco mais de uma semana atrás. A maioria estava pálida e acinzentada. Eles balançaram a cabeça em descrença.

“Ele era tão jovem,” Moira mencionou, com lágrimas nos olhos. Ela era uma velha amiga de faculdade de Clint. “Eu não posso acreditar que isso aconteceu.”

“Ele tinha tanta coisa pela frente,” um dos amigos da mãe de Clint repetia.

Havia uma variedade de pessoas, amigos, colegas de trabalho, vizinhos da rua de baixo que Cindy e Clint mal conheciam.

Finalmente, Cindy já havia tido o suficiente. Sem aviso, ela voou para fora da sala de estar.

Ann agarrou o braço dela na cozinha. “O que você está fazendo?” Perguntou ela, mortificada.

“Eu já aguentei o suficiente!” Cindy gritou, rompendo-se em lágrimas. “Eu não quero ver ninguém! Eu me recuso!”

E, com isso, ela disparou de volta para seu quarto, deixando que Ann resolvesse a situação - e não tinha saído de lá desde então. Isso foi dias atrás.

Cindy estava lá agora, olhando para o teto, perdida em pensamentos. Pela milionésima vez, ela lutava para se lembrar, para tentar recordar os acontecimentos dos últimos dias.

Quando eles finalmente encontraram o corpo dele, dois dias depois, afogado entre as rochas, dentro de uma enseada, enrugado, com a cabeça estatelada, arreventado pelas ondas, ela sentiu-se morta com ele.

Ela tinha sido chamada imediatamente para identificar o corpo.

“Não é ele,” disse ela à primeira vista.

A polícia olhou para ela, estranhando-a.

“Não é ele,” ela repetiu. “Clint está vivo. Ele era mais forte do que qualquer onda.”

A polícia anotou algumas palavras em um bloco de papel.

“Ele se parece com ele?” um dos policiais perguntou em voz baixa.

“É o corpo do Clint,” ela começou a gritar. “Mas não é o Clint. Eu o conheço. Eu o amo. Ele nunca teria deixado isso acontecer.”

\*

Um busca intensa por ele havia sido realizada na ilha quando ele não aparecera no hotel naquela noite. Cindy se lembrou de uma corrida selvagem de telefonemas entre os Estados Unidos e a ilha. Sua família não conseguiu arranjar um voo. Dois altos executivos da empresa de Clint se envolveram. Chamaram oficiais para a ilha. A empresa tinha bons contatos e enviaram pessoas em um jato da companhia para ajudar com a busca. Alguns deles sugeriram que ela voltasse para casa. Isso poderia levar semanas, disseram, até meses. Eles iriam cobrir todas as bases.

Cindy se recusou a ir embora sem Clint. Ela passou o tempo todo olhando para o oceano, orando. Mesmo que ela implorasse para que Clint fosse salvo, no fundo, ela sabia que era tarde demais.

Ela perdeu a noção do tempo. Era como se vidas inteiras tivessem passado por ela enquanto ela estava sentada, imóvel, olhando para o céu.

Mas, para espanto de todos, passaram dois dias até que o encontrassem, seu corpo aparecera na praia.

“Um golpe de sorte,” ela ouviu um oficial dizer. Um cara alto com um bigode e olhos estrábicos.

Que tipo de sorte? Cindy perguntou-se.

“É,” o outro oficial, um sujeito atarracado e baixinho, concordou. “Esses tipos de buscas podem continuar por anos sem nada ser encontrado. Normalmente, o mar os leva para longe e para as profundezas. Quem encontraria um corpo aqui?”

Ambos deram de ombros e olharam um para o outro. O estômago de Cindy se apertou. Ela imaginou Clint sendo levado pelo oceano implacável, arrastado em direção ao esquecimento, sem deixar nada para trás. Ela deveria considerar-se afortunada por eles terem encontrado seu corpo?

A polícia tinha chamado alguém da empresa de Clint para identificar o corpo também. Henry Greerson. Ele tinha sido enviado pela empresa para supervisionar tudo e certificar-se de que Cindy estivesse sendo bem tratada. Cindy o havia encontrado uma ou duas vezes antes. Ela nunca gostou muito dele. Ele era um cara de meia-idade, usava um terno de botões, e parecia frio e distante em relação a ela. No entanto, Clint sempre gostara dele. Eles trabalharam juntos em vários projetos. Clint dizia que ele era um bom homem. Clint dizia isso sobre todo mundo, ou quase todo mundo. Se ele gostava de você, ele amava você.

Greerson identificou imediatamente o corpo. Logo depois, a morte foi declarada acidental. Ondas fortes, correnteza súbita. Estas correntezas aconteciam o tempo todo na costa leste de Barbados.

Cindy lembrava-se de Greerson escoltando-a no avião de volta para casa, junto com os restos

mortais. Os dois não conversaram entre si. Ela não tinha nada a dizer, e nem ele. Pelo menos ele respeitava sua necessidade de silêncio e, provavelmente, percebeu que ela estava em estado de choque.

\*

Cindy passou os primeiros dias de volta enrolada na casa. Ann não se intrometeu. Ela só ajudava Cindy a sair do quarto quando visitas apareciam. Caso contrário, ela trazia comida em uma bandeja e colocava uma música suave no CD player. Ann sempre fora a irmã mais velha mais maravilhosa que qualquer um poderia desejar. Seu marido, Frank, disse-lhe para ficar o tempo que fosse necessário. Eles tinham um casamento adorável. Parecia que as coisas sempre corriam bem na vida de Ann. Cindy nunca sentiu que conseguiria ter uma vida como a dela.

As relações de Cindy com rapazes ao longo de sua vida sempre foram curtas e intermitentes. Ela sempre temia que eles a deixariam, assim como seu pai fizera. Ela teve alguns bons amigos, mas se tornara muito livresca, preferindo passar o tempo sozinha, estudando, pesquisando, reunindo todos os tipos de informações para os artigos que ela escrevia, desenhando e fazendo colagens. Ann sempre esteve lá, cuidando dela, se preocupando com Cindy durante todos os seus anos de amadurecimento.

Quando Cindy conheceu Clint, tudo pareceu mudar. Ela se tornara feliz, segura, confiante. Ela saía de casa à vontade, ia a novos lugares com ele, ria muito, parecia uma pessoa diferente. Ann lhe disse que ela não confiava naquele relacionamento, embora ela não soubesse por quê. Agora era como se uma velha premonição de Ann tivesse se tornado realidade. Ficou claro quão preocupada Ann estava sobre o que seria de Cindy agora.

Aos poucos, Cindy começou a sair do quarto. Ela sentia-se claustrofóbica lá, sonhava com Clint quase todos os dias. Nos sonhos, ele parecia real, completamente vivo. Ele estava de pé sobre sua prancha de surf, acenando para ela, tentando falar.

Mas ela não conseguia entender o que ele estava dizendo. As ondas eram muito fortes, muito barulhentas. Atrapalhavam. Ela acenava de volta, mas não conseguia alcançá-lo. Em seguida, uma onda o puxava para trás e o levava.

Ela acordava com um susto todas as vezes.

“Ele está tentando falar comigo,” Cindy dizia a irmã.

Ann não dizia muito de volta.

“Eu sei que ele está,” Cindy insistiu. “No meu sonho, sua boca está aberta e ele está tentando falar. Eu não consigo ouvi-lo.”

“São apenas sonhos,” Ann finalmente disse, em voz baixa. “Ele se foi, Cindy. É você que quer vê-lo novamente. Estes são os *seus* desejos.”

Cindy ficou frustrada. Seus sonhos pareciam muito mais do que desejos. Ela ia dizer outra coisa, mas Ann a interrompeu, “Leva-se tempo para uma pessoa absorver um choque como este. Leva-se tempo para que isto pareça real.”

Ann sempre tinha algo sensato a dizer, mas, desta vez, Cindy não quis ouvi-la. O que acontecera a Clint não era sensato - não fazia o menor sentido. Ela tinha visto Clint surfar em águas muito mais perigosas que aquelas. Ela não conseguia entender como ele poderia ter se afogado.

Cindy pensou em todos os planos que ela e Clint tinham para o futuro. Só de estar em casa os trazia de volta. Ela olhou para as fotografias penduradas nas paredes e para as fotos dos dois juntos, sorrindo, rindo, de mãos dadas. Nada daquilo parecia real. Suas roupas ainda estavam penduradas no armário, seus livros estavam nas estantes. Havia até mesmo algumas pranchas velhas no porão lá embaixo. Era como se nada daquilo tivesse acontecido, era como se o tempo tivesse parado.

Ela pensou na família que eles tanto queriam começar. Ela nunca mais teria os filhos dele. Ela nunca teria esta parte dele.

“Ele está em todos os lugares,” ela falou para Ann. “Basta olhar ao redor.”

“Pouco a pouco, você vai ter que começar a arrumar as coisas dele,” Ann respondeu.

Isto chocou Cindy. “Nunca,” ela expirou. “Eu nunca vou jogá-lo fora.”

“Ninguém está dizendo que você está jogando-o fora. Mas, pouco a pouco, você vai precisar tirar as coisas dele, limpar os armários.”

De repente, Cindy desejou que Ann fosse embora. Sua irmã sequer podia ter ideia da dor que Cindy estava sentindo. Se ela pudesse, ela jamais falaria assim.

“Olha, eu sei que é uma coisa terrível que aconteceu,” disse Ann. “Eu sei que você ainda está em estado de choque. Porém, estes acidentes terríveis acontecem. Não é culpa de ninguém.”

Cindy sentiu seu sangue gelar. “Acidente?”

Ann encarou-a. “Sim, claro. Foi um acidente. ”

“Quem disse?” Cindy indagou.

“Do que você está falando? A polícia de Barbados declarou que foi um acidente. Clint caiu da prancha, esta bateu em sua cabeça e atingiu seu pescoço.”

“Não,” respondeu Cindy, “não aconteceu assim.”

O rosto de Ann empalideceu. “Sim, foi assim. Os hematomas em seu corpo são consistentes com o relatório. Uma correnteza súbita apareceu.”

“Não havia correnteza naquela tarde. O sol estava brilhando. Era um belo dia.”

“Cindy,” Ann falou lentamente, “correntezas vêm de repente e, em seguida, se vão.”

“Não foi um acidente,” entou Cindy.

Ann encarou-a, chocada.

“De acordo com quem?” Ann perguntou.

“De que lado você está, Ann?” Cindy quis saber, irritada.

“De que lado? Do que você está falando?”

“A polícia só queria encerrar o caso num piscar de olhos,” disse Cindy metodicamente.

Ann levantou-se da cadeira e começou a andar lentamente para frente e para trás. Cindy poderia dizer que sua irmã estava agitada.

Cindy também se levantou e começou a andar ao lado da irmã. “Clint era um surfista muito bom,” continuou Cindy. “Ele conhecia o oceano, ele conhecia as ondas. Ele surfou em águas muito mais perigosas. Não havia nenhuma razão para ele morrer.”

Ann parou e olhou Cindy diretamente nos olhos.

“Olha,” ela disse, “Eu sei o quão difícil isto é para você. Não o torne pior do que já é. Não comece a imaginar todos os tipos de coisas.”

“Eu não estou imaginando nada,” disse Cindy. “Tive muito tempo para pensar sobre as coisas e nada me convence. Não faz sentido.”

Ann começou a esfregar as mãos para cima e para baixo em suas laterais. Era um velho hábito dela, algo que ela fazia quando estava nervosa e não sabia mais o que fazer.

“Cindy, eu imploro, não enlouqueça,” ela finalmente disse. “Eu amo você e eu preciso que você fique bem para mim também.”

Os olhos de Cindy se encheram de lágrimas. “Eu nunca vou ficar bem,” disse ela, “e eu não estou ficando louca. É algo que eu apenas *sei*.”

“Vamos deixar assim por enquanto,” disse Ann suavemente. “É comum pensar todos os tipos de coisas quando alguém que você ama morre repentinamente. Seu problema é que você está enfiada aqui há dias. Você não está pensando claramente. Você não está trocando de roupa, não toma banho, nem mesmo sai de casa.”

“Eu não quero,” Cindy replicou. “Deixe-me assim.”

“Há mais pessoas que querem vir visitá-la. Você precisa deixá-los entrar. Você precisa vê-los.”

“Eu não estou preparada!” Cindy gritou de volta.

“Bem, há alguns visitantes que você não tem escolha.”

Cindy olhou para ela friamente. “Quem?” indagou ela finalmente.

“A família de Clint. Eles ligaram. Virão hoje, às três horas.”

“Eu não estou pronta para vê-los,” disse Cindy.

“Eles não perguntaram isso,” Ann falou.

O corpo de Cindy se encolheu.

“Não se preocupe,” disse Ann, “eles têm que vir. É um dever. Mas não vou deixar nada acontecer. Eu estarei aqui. Tudo vai ficar bem.”

Se Cindy conhecia bem a família de Clint, ela sabia que uma visita deles, mesmo no melhor momento, poderia ser qualquer coisa, menos boa.

## Capítulo 4

Cindy temia ver a família de Clint, mas sabia que não tinha escolha. Era um dever, ela continuou lembrando a si mesma. Estamos todos no mesmo barco aqui.

A família de Clint se opôs à Cindy desde o primeiro dia em que ele a trouxe para casa. Ela não era alta o suficiente, inteligente o suficiente nem rica o suficiente para eles. Ela também não era magra o suficiente. Sua mãe disse a ele que o corpo de Cindy iria engordar depois que eles tivessem um filho e provavelmente nunca voltaria ao que era. Cindy tampouco era daquela região, já que ela fora criada em Wisconsin. Nada era bom o bastante para eles.

Cindy percebeu que a mãe de Clint iria encontrar qualquer coisa que pudesse para romper o relacionamento dos dois. Mas não só com ela - com qualquer mulher. A mãe dele fizera tudo que podia para lançar todas as dúvidas possíveis. Clint tinha tido outros dois relacionamentos longos antes dela e Clint tinha dito a ela que sua mãe tinha conseguido envenenar os dois namoros.

Cindy tinha conversado muito com Clint sobre isso. Como eles podiam ter comprado aquela casa a apenas uma milha de distância da sua família? O que aconteceria depois de se casarem? Como os pais dele reagiriam quando tivessem filhos?

Mas ele não via realmente nenhum problema, e ele inventava todos os tipos de desculpas para sua mãe, dizia para Cindy não pensar só no pior. Sua irmã Marge era uma história diferente. A relação de Clint com Marge sempre fora difícil, embora Marge e sua mãe fossem inseparáveis. Marge morava a poucos quarteirões de distância dela e não suportava ver Clint e sua mãe tão próximos.

Marge se casara um ano atrás. O homem com quem ela se casou, Ralph - negro, quieto e inescrutável - era um advogado, vinha de uma família pobre do outro lado da cidade. Ele submeteu-se à faculdade e escola de direito e estava indo bem agora - bem o suficiente para ser aceito pela família. Mas eles sempre esperaram que Marge se casasse com James Torton, um garoto rico do bairro. Marge teria se casado com ele também, mas ele a deixou, de repente, por outra pessoa. Marge disse que levaria estas cicatrizes pelo resto de sua vida.

Agora Cindy estava se preparando para sua visita. Ela sabia que deveria vestir algo mais agradável. Mas ela simplesmente não podia suportar trocar de roupa. Com Clint morto, ela não se sentia no direito de usar nenhuma coisa agradável. Ela teria que cumprimentar a família dele com as calças confortáveis que ela estava vestindo e com o mesmo moletom velho. Ela sabia que, assim que eles entrassem, eles a olhariam da cabeça aos pés, assistiriam todos os seus movimentos. Eles iriam zombar de sua roupa. E, se algo estivesse fora de ordem, falaria sobre isso por dias. Mas ela não se importava.

A família também verificaria a casa para ver se tudo estava exatamente onde pertencia. Eles ficaram furiosos quando Clint comprara aquele lugar sem consultá-los. Eles disseram que não combinava com ele e era muito longe, naquela longa estrada deserta. Quem, no seu perfeito juízo, iria comprar uma casa de madeira que parecia uma casa de praia?

Clint parecia não se importar com o que eles pensavam dela, ele apenas colocou suas fotos em todos os lugares, até as que eles não gostavam. Decorações de Cindy estavam empoleiradas em plena exibição, nas prateleiras brancas de madeira - eram patos e pássaros de porcelana pintados à mão. A mãe de Clint também não gostava deles. Que mulher adulta iria exhibir objetos como aqueles? E quem tinha projetado a decoração da sala de estar? O sofá tinha almofadas de cores tropicais, havia plantas que eram demasiado grandes crescendo por todos os lugares. Era claramente uma influência de Cindy, de sua falta de bom gosto. Aquela definitivamente não era a vida que ela tinha imaginado para seu filho. Sua mãe também não tinha pudores em contar isso para ele. Ela não entendia como Cindy arranjava alguém como Clint.

Cindy estava desconfortável com a ideia de ver a família dele agora. Ela sabia que eles estavam devastados e não tinha ideia de como consolá-los. Graças a Deus, Ann ainda estava ali. Ela não seria

capaz de enfrentá-los sozinha.

Agora Ann estava na cozinha preparando café e bolo. Cindy esquadrinhou a sala rapidamente para se certificar que tudo estava em ordem. Mas não importava o quanto ela tentasse enfeitá-la, a sala parecia triste e desarrumada.

Cindy estufou as almofadas no sofá e as arranjou ordenadamente. Ela juntou as pilhas de presentes que eles receberam de casamento em um canto. Ela tinha esquecido completamente deles, não tinha notado os presentes desde que ela tinha retornado. Ficaram ali como um lembrete terrível de uma vida que poderia ter sido.

Em seguida, ela passou rapidamente por cima deles, pegou um pouco de cada vez e os levou para o estúdio de Clint, na parte de trás da casa. A última coisa que ela queria era ter a família dele olhando para aqueles presentes, pedindo a ela que os abrisse ou pressionando-a a enviar cartões de agradecimento. Ela o faria quando estivesse pronta. Tudo era demais para ela agora.

“Como você está?” Ann chamou-a da cozinha.

Cindy podia sentir o cheiro da fragrância deliciosa de café e biscoitos caseiros flutuando na sala de estar.

Ann saiu da cozinha e olhou para Cindy. Ann estava usando um par de calças casuais e um velho suéter azul. Seu cabelo castanho claro estava penteado para baixo, arrumado em volta do seu rosto em forma de lua. Ann estava profundamente à vontade com ela mesma. O que quer que ela usasse, ela ficava linda, pronta para qualquer circunstância que passasse. Cindy invejava isso. Ela muitas vezes se sentia estranha e a família de Clint intensificava isso. Quando eles estavam por perto, ela se sentia reprovada.

Ann olhou-a em desaprovação. “Se você não vai se trocar, pelo menos escove seu lindo cabelo ondulado?”

Cindy sorriu. Ann sempre tentava fazê-la se sentir bonita. A campainha tocou, e Cindy e Ann se entreolharam.

“Você pode atender?” Pediu Cindy.

Ann assentiu com a cabeça e se dirigiu para a porta.

Cindy foi ao banheiro, fechou a porta e escutou. As vozes baixas, abafadas apareceram. Cindy jogou água fria em seu rosto inchado e respirou fundo.

Finalmente, ela abriu a porta.

A família de Clint já estava sentada. Sua mãe se sentou ao lado do pai de Clint no sofá. Eles se sentaram em lados opostos e não se tocavam. Sua irmã Marge sentou ao lado de seu marido Ralph nas cadeiras cor de areia, em frente ao sofá. Todos estavam vestindo azul marinho ou preto. Ann sentou-se de frente para a família em um banco de madeira fina. Havia uma longa almofada Paisley nele. A sala estava estupidificante.

Ann rapidamente se levantou quando Cindy entrou e puxou uma cadeira confortável para ela. Cindy perguntou-se como ela aguentaria passar por aquilo sem Ann ao seu lado. Quando ela se sentou, sentiu todos os olhos da família atravessando-a. Marge começou a tossir e a mãe de Clint colocou a cabeça entre as mãos. Era um momento terrível para todos eles. Cindy queria dizer, *Eu sinto muito, eu sinto muito*. Mas as palavras não saíam.

“Vocês gostariam de um pouco de café e biscoitos?” Ann perguntou, levantando-se para servi-los.

“Agora não,” o pai de Clint resmungou. Ele parecia muito mais fraco e soou distante e triste, como se aquilo fosse demais para ele suportar.

“Esta é a pior coisa que poderia acontecer para o meu pai,” Marge deixou escapar. “Ele precisa cuidar do coração e tem sentido dores terríveis durante toda a semana. Ele está usando uma medicação extra agora,” e ela olhou sombriamente para Cindy, como se ela talvez fosse a culpada.

“Eu sinto muito,” disse Cindy.

“Nós pensamos que você fosse cuidar bem de Clint.” Sua mãe levantou a cabeça e olhou para Cindy.

Não havia um pingo de simpatia por ela. A família inteira estava envolvida em sua própria dor. “Ainda não consigo entender como algo assim poderia ter acontecido,” a mãe insistiu.

Cindy sentiu seu coração começar a bater forte e seus lábios ficaram secos. O que eles estavam insinuando? Felizmente, Ann veio para o resgate.

“Foi um acidente horrível,” disse ela calmamente. “Se Cindy pudesse tê-lo evitado, ela teria. Ela está sofrendo também.”

Ralph, o marido de Marge, limpou a garganta quando Ann disse isso. “Nós todos estamos sofrendo,” ele falou. “Nós reconhecemos isso.”

“Bem, eu estou aliviada por ouvir isso,” respondeu Ann.

“Nós não viemos aqui para discutir,” afirmou Ralph, em seu tom plano, ordenado e seco.

*O que você veio fazer aqui?* Cindy queria perguntar, mas segurou a língua. Ela podia sentir a emoção crua não apenas dela, mas de todos. Podia explodir a qualquer momento e causar estragos em suas vidas. Ela tinha ouvido falar de coisas assim acontecendo após uma morte - famílias brigavam, faziam acusações selvagens, mesmo quando a morte era esperada, mesmo quando era natural. Cindy colocou as mãos no colo e as cruzou, juntando-as.

“Nenhum de nós sabe bem o que aconteceu exatamente.” Ralph assumiu a liderança. Parecia que ele tinha preparado as suas palavras ao pé da letra.

Em um momento rápido, Cindy percebeu que aquela não era uma visita de condolências. A família queria fatos, informações, eles queriam alguém para culpar por aquele pesadelo. Felizmente, Ann tinha alguma experiência com aquele tipo de situação. Antes de ela começar seu próprio negócio de consultoria, ela fora treinada como assistente social e tinha trabalhado em um hospital por alguns anos antes de seu casamento.

Cindy olhou para Ann, suplicando. *Faça alguma coisa*, ela queria dizer, *preencha os espaços silenciosos, responda as perguntas deles, faça tudo isso acabar*.

Ann entendeu o recado.

“O que você gostaria de saber, Ralph?” Ela perguntou.

“Não sou só eu, é claro, é a família inteira,” Ralph respondeu com cuidado.

“É claro,” concordou Ann profissionalmente. “Que perguntas eu posso responder para vocês?”

“Eu não quero ouvir de você.” O rosto da mãe de Clint corou. “É da Cindy que eu quero ouvir. Ela é a única que estava lá.”

“Cindy já contou a todos o que aconteceu,” disse Ann.

“Não, ela não contou. Não o suficiente. Eu quero saber mais, muito mais.”

“Sei como isso é difícil para você,” disse Ann para a mãe de Clint calmamente.

“Não, você não sabe,” sua mãe sibilou. “Ninguém pode saber o que é para uma mãe perder um filho. Certamente não uma recém-casada, que o conhecia apenas há um ano. Eu o conheci por toda a sua vida. Desde o dia em que ele nasceu. Eu o carreguei dentro de mim por nove meses.”

Cindy sentiu tonta mais uma vez, quase desmaiando. “Eu sinto muito,” ela disse à mãe.

A mãe de Clint empinou a cabeça para cima, como um gato. “Desculpe, não é o suficiente,” ela respondeu.

Ann se levantou e ficou entre ela e Cindy. “Desculpe-me,” ela interrompeu, “mas minha irmã está sofrendo também. Espero que você perceba isso.”

“Eu não percebi nada,” retrucou a mãe de Clint. “Eu não sei como é possível eu ter perdido um filho. E eu quero respostas da última pessoa que o viu vivo.”

Cindy sufocou as lágrimas que se formavam.

“Nunca aprovamos este casamento,” Marge entrou na conversa. “Havia um monte de perguntas que não foram respondidas.”

“Como o quê?” Ann perguntou.

Marge se virou e olhou para Ralph para obter ajuda.

“Como, por que Clint, um homem tão jovem, iria concordar com uma apólice de seguro cara um pouco antes de um novo casamento. Não faz parte do percurso.”

“Eu pedi para Clint contar a vocês que ele estava fazendo isso,” disse Cindy. Ela havia tido o suficiente e se levantou. “Eu nunca quis o seguro. Eu lhe disse que não, mas ele disse que queria me proteger, caso acontecesse alguma coisa. Clint era assim. Muito protetor.”

“Você não precisa nos contar sobre como o Clint era,” Marge falou.

“Então por que vocês têm todas essas perguntas?” Cindy indagou.

“Nós ouvimos histórias diferentes sobre o que aconteceu na ilha,” o pai de Clint falou de repente.

“De quem?” Perguntou Cindy.

“De parentes diferentes.”

“Seus parentes não estavam na ilha,” disse Cindy energicamente.

“Mas todo mundo que saber o que aconteceu,” o pai continuou. “Todos eles têm opiniões diferentes.”

Cindy sentiu-se mal. A família de Clint desconfiava de tudo, ela sabia disso antes de se casarem. Até Ann a avisou sobre isso, mas ela não tinha prestado nenhuma atenção. Agora, por um momento rápido, ela estava arrependida de ter se casado. Ela não queria nunca mais ter de ver nenhum deles novamente.

Marge se levantou de repente e alisou seu vestido de raíom preto. “Para começar,” ela se irritou, “você poderia nos dizer por que raios você escolheu ir para a costa leste da ilha, em vez do oeste? Todo mundo sabe que lá é perigoso.”

“Fomos pelo surfe,” Cindy respondeu rapidamente. “Alguns amigos de Clint haviam recomendado aquele lugar. Eu não preciso falar que Clint gostava de surfar.”

“Ele surfou toda a sua vida e nada aconteceu,” comentou Marge amargamente. “Ele surfou em lugares mais perigosos e era um nadador fantástico. Ele foi salva-vidas por anos. Ele conhecia o oceano por dentro e por fora.”

Cindy viu a cabeça do pai de Clint balançar para cima e para baixo. Ela não sabia se ele estava chorando ou se ele tinha adormecido. Ninguém mais parecia notar. Marge, no entanto, o fez.

“Você vê o quão doente o pai está?” Ela perguntou. “E tudo isso o fez piorar.”

“Sinto muito,” disse Cindy novamente.

Agora, a mãe se levantou e caminhou até onde Cindy estava sentada.

“Quando foi a última vez que você viu o meu filho vivo? Qual foi a última coisa que vocês disseram um para o outro? “Seus olhos estavam apertados como se uma luz forte os ofuscasse.

Cindy tentou lembrar-se de permanecer calma, de que a família dele estava passando por uma dor horrível.

Ela não deveria levar aquilo para o lado pessoal. Por outro lado, era terrível ser forçada a voltar para aquela tarde. Mas ela queria dar a eles o maior conforto possível.

“Eu o vi pela última vez à tarde. Nós estávamos planejando surfar juntos. Foi cerca de uma hora ou mais depois do almoço. Fomos até o quarto para nos trocarmos e, de repente, comecei a ter cólicas fortes. Fiquei muito cansada. Então eu me deitei para tirar um cochilo. Tinha planejado tirar uma soneca durante mais ou menos uma hora e, depois, sair e encontrá-lo na praia.”

“E?” Sua mãe era implacável.

“E eu dormi demais. Acordei três horas mais tarde.”

“Isso não faz sentido,” disse a mãe. “De repente, você teve cólicas do nada?”

“Isso é o que aconteceu,” respondeu Cindy. “Acordei em um pulo, sai da cama e corri até a praia para me juntar a ele. E ele não estava lá.”

“Onde ele estava?” Ralph questionou.

“Ele não estava lá,” Cindy repetiu.

“Aonde você acha que ele foi?” Marge quis saber. “Ele estava morto no oceano.” Ela se virou para Ralph, que se encolheu.

“A hora da morte,” Ralph continuou, sem expressão, “foi determinada como sendo por volta das cinco horas da tarde.”

Um manto longo e escuro pairava sobre a sala.

“Onde isto vai parar?” Ann interrompeu.

“Quando Cindy chegou à praia?” perguntou Ralph.

“Eu fui para lá umas cinco e quinze mais ou menos,” respondeu Cindy.

“Nada disso faz sentido.” A mãe de Clint começou a torcer as mãos novamente. “Ele morreu poucos minutos antes de você chegar? Como isso é possível?”

“Quando cheguei lá na praia, ela estava vazia,” Cindy repetiu ofegante. “Eu corri para cima e para baixo. Não conseguia encontrá-lo.”

“Vocês dois brigaram? Ele estava arrependido por vocês terem se casado?” “As palavras saíam de Marge irregularmente.

“Basta,” disse Ann com força, e ficou na frente de Cindy para protegê-la do ataque. “Esta visita acabou. Eu não sei o que vocês estão pensando, mas vocês estão perdendo a linha.”

“Por qual outro motivo uma noiva não iria até a praia com o marido quando ele está surfando? Por que ela, de repente, teria câibras e dormiria durante toda a tarde?” Marge estava alvoroçada.

“O que você está insinuando?” Perguntou Ann.

“Os fatos levam a perguntas.” Ralph se levantou. “Nós temos que perguntá-las. Em honra à memória de Clint, temos que saber o que realmente aconteceu.”

Cindy sentiu-se sufocar. Esta família horrível estava acusando-a de má conduta? Desde o início eles queriam atrapalhar o relacionamento deles - e mesmo agora, depois de sua morte?

“Não houve testemunhas de nada,” continuou Ralph. “Ninguém sabia que você estava dormindo em seu quarto?”

“O homem que cuidava do hotel, Alex, me viu sair quando eu corri para a praia,” disse Cindy.

“Que conveniente,” Marge respondeu.

“Desculpa?” Ann a encarou.

Cindy mal conseguia controlar suas palavras. “Eu mesma pensei sobre isso,” continuou Cindy. “Quem realmente é responsável? Existem lacunas aqui, lacunas graves.” Ela olhou de volta para Ralph. “Não pense que eu não quis saber exatamente o que me aconteceu.”

Ralph não fez nada a não ser piscar os olhos. Mais uma vez, um estranho e escuro silêncio pairou sobre todos eles. Cindy olhou de repente para a parede e viu uma foto dela e de Clint, sorrindo juntos, de braços dados, encostados em seu novo e pequeno barco que eles haviam atracado ali às margens. Eles tinham sido tão feliz em todos os sentidos. Como alguém poderia pensar de outra forma? Clint podia ver o que estava acontecendo agora? O que seria necessário para fazê-lo perceber? Não havia nada que pudesse fazer para protegê-la agora?

Cindy desejou ter melhores respostas para as perguntas que tinham sido feitas. Ela relembrou do quarto de hotel, do momento em que ela acordou à tarde. Ela estava desorientada. Não era comum para ela tirar uma soneca tão longa no período da tarde. E ela não costumava ter cólicas. Ela e Clint tinham estado juntos cada minuto de lua de mel. Ela não tinha intenção de abandoná-lo. Esta era a última coisa em seu coração ou mente.

Ela não iria compartilhar estes fatos com a família dele, nem iria se defender de qualquer forma. Isto só iria piorar as coisas. Claramente, eles a odiavam e queriam puni-la por tudo. Eles estavam à procura de qualquer detalhe que pudesse deixá-la contra a parede.

Mais uma vez, Ann interrompeu a situação tensa.

“Eu acho que isso é o suficiente para o momento,” disse ela. “Cindy parece exausta, assim como o pai

de Clint”.

“Quando?” Sua mãe explodiu de repente, de pé. “Quando eu vou saber a verdade?”

## Capítulo 5

Depois que eles saíram, tanto Cindy quanto Ann suspiraram de alívio, exatamente no mesmo momento.

“Como pode alguém tão maravilhoso ter uma família assim?” Cindy perguntou, trêmula.

“Sente-se, eu vou trazer um pouco de chá,” Ann falou.

Cindy não conseguia se sentar naquele mesmo sofá onde os pais dele haviam se sentado. “Eles são terríveis,” ela murmurou.

“A família dele está enfrentando uma perda terrível,” disse Ann em voz baixa.

“Eles estão me culpando.” Cindy sentiu seu rosto ficar vermelho.

“É, eles estão,” disse Ann, sem vacilar, “Cindy, eu realmente acho que você deveria voltar para casa.”

Por um momento, Cindy não entendia do que Ann estava falando. “Estou em casa,” ela falou.

“Eu quero dizer, de volta para Wisconsin. Você poderia morar com a mãe por um tempo e eu estaria por perto. Não posso ficar aqui para sempre. Frank está sendo um amor, mas ele também precisa de mim. Mais cedo ou mais tarde, ele vai me pedir para voltar.”

O coração de Cindy despencou com o pensamento de Ann ir embora. No fundo de sua mente, ela sabia que isso aconteceria. Ann não poderia ficar ali para sempre. Ela estava ali há muito mais tempo do que ela deveria. Lágrimas encheram os olhos de Cindy.

“Eu não posso voltar a viver com a mãe,” disse Cindy, desesperada. “Não iria dar certo, ela não ficaria confortável e nem eu. Ela precisa do espaço dela.”

“Bem, você pode arranjar seu próprio apartamento perto de nós. Por um ano mais ou menos. Isso iria ajudá-la a voltar a si mesma novamente. A maioria dos seus amigos já voltou para casa, também. Você só esteve aqui no Leste por um ano e meio.”

“Esta é a minha casa agora. E do Clint.”

“Ele não está mais aqui.”

“Mas nós a compramos juntos. Nós a escolhemos, nos mudamos, colocamos fotos nas paredes. Começamos a plantar o jardim juntos. As coisas de Clint estão por toda parte. Como eu posso simplesmente deixar tudo para trás?”

Ann pegou as mãos de Cindy. “Cindy, querida,” ela disse suavemente, “as coisas do Clint estão aqui. Mas ele não.”

As palavras não se processaram. Cindy não podia entendê-las. Olhando em volta, ela se sentia como se ele estivesse em todos os lugares.

“É preciso estar perto de pessoas que a amam, que vão cuidar de você por um tempo. Você passou por uma tremenda provação,” disse Ann.

“Eu tenho alguns novos amigos aqui,” Cindy falou. Pensou em alguns amigos do trabalho com quem ela almoçava e outros que ela conheceu no clube local do livro. Sua vida estava começando a criar raízes lá. A maior parte do tempo, é claro, Cindy tinha passado com Clint.

“Quero dizer, você precisa estar perto da família,” disse Ann.

Cindy sentou-se no sofá. Ann era mais do que uma irmã para ela, ela era uma melhor amiga. Ela queria voltar e ficar perto dela, mas também sabia que não podia. Aquela era sua casa e ela não podia fugir dela. Havia muito trabalho inacabado, muitas coisas a serem feitas. Ela tinha presentes de casamento para desempacotar e devolver. Cartões de agradecimento a escrever e cartas a serem respondidas. Ela tinha todas as roupas e pertences de Clint para cuidar. E ela tinha um trabalho que ela amava, como assistente de pesquisa, em um jornal importante da cidade. Cindy sempre amou encontrar fatos pouco conhecidos, investigar detalhes de uma história. E seu chefe havia dito que ela poderia tomar o tempo que ela precisasse; quando ela estivesse pronta, o trabalho estaria esperando por ela. Pouco a pouco, ela iria se sentir pronta. Ela aprenderia a viver sozinha e entenderia tudo o que havia acontecido.

“E a família de Clint?” Ann continuou. “Eles são estranhos. Eles são perigosos. E vivem só a uma milha de distância. Fico nervosa de deixá-la aqui tão perto deles.”

“Eles não têm a chave da casa,” disse Cindy rapidamente, com uma onda de raiva crescente. “Esta é a minha casa, e Clint era *meu* marido, quer eles gostem ou não. Sinto muito, Ann, de verdade, mas não há nenhuma maneira de eu deixar a minha casa com Clint para trás.”

Cindy se afastou violentamente para seu quarto e se jogou na cama. *Isso não podia estar acontecendo*, ela disse para si mesma, de novo e de novo. Então, ela fechou os olhos e imaginou Clint, como se para trazê-lo de volta para ela. Lembrou-se dos dois juntos no casamento, dos beijos, de mãos dadas, como tudo tinha sido lindo. Isto é, até chegar a hora dos discursos.

Quando chegou a vez da mãe de Clint de dizer algumas palavras, ela se levantou e falou sobre como Clint era quando pequeno, quão maravilhoso ele fora, e que ela não tinha ideia do que aconteceu quando ele cresceu. Todos riram, exceto Cindy. Sua mãe disse mais algumas palavras sobre Clint, um cavalheiro, em seguida, afofou seu cabelo e se sentou. Ela não disse uma palavra sobre Cindy. Quando foi a vez de Marge, ela continuou sobre como Clint era um ótimo partido. Novamente, nem uma palavra sobre Cindy, nem sobre recebê-la na família. Cindy teve um péssimo sentimento, mas apenas deixou isso de lado. Ela não iria deixá-los arruinar seu casamento. Logo ela e Clint estariam longe de todos eles, os dois a sós, em sua lua de mel. Ele era dela agora, e a família dele nunca poderia tirá-lo. Ou assim ela imaginava.

A mente de Cindy se voltou novamente para a lua de mel. Ambos estavam tão emocionados por estarem em Barbados; parecia que tudo lá os acolhia, o céu, a areia, as ondas. Eles riam e brincavam sobre tudo, exploraram todos os tipos de cantos e recantos, viram um peixe voador, tartarugas, recifes de coral, conversaram com os moradores locais e os hóspedes do hotel. Era como se eles estivessem exatamente onde eles pertenciam e nada de ruim poderia acontecer. Lembrou-se de ter mergulhado com Clint na água morna, turquesa, de nadar entre peixes lindos e escorregadios, de cores vermelha, verde e amarela. Enquanto nadavam, entrelaçando as pernas, parecia que eles nunca iriam se separar.

“Fomos colocados na terra apenas um para o outro,” Clint tinha sussurrado para ela, tarde da noite, enquanto dançavam no hotel.

Cindy se sentia assim também. Ela não sabia o que tinha feito para merecer esse tipo de felicidade.

Então ela começou a analisar mais e mais a cada momento, procurando o motivo de tudo ter ido tão errado. Ela se sentiu impotente por não saber, como se ela estivesse apenas deixando que o oceano levasse Clint para longe. Como poderia? Ele era uma pessoa tão boa, sempre estendeu a mão para ajudar a todos. Por que essa coisa terrível aconteceu a ele? Não fazia nenhum sentido. Tinha que haver uma explicação. Talvez alguém quisesse matá-lo. Ela tinha que descobrir quem.

Ela refletiu sobre cada dia antes do casamento com cuidado, de novo e de novo. Clint estava mais estressado que o normal nas últimas semanas que antecederam o casamento. Ela não tinha pensado muito nisso, achava que era normal ficar tenso antes do grande dia. A família dele só aumentava esta tensão, tinha algo para reclamar todos os dias. Eles ficavam insatisfeitos com tudo sobre o casamento - os assentos, as flores, a banda. Nada parecia estar bom para eles. E eles culpavam Cindy por tudo. A mãe de Clint até mesmo fez Ralph ligar para Clint para lhe perguntar se ele realmente conhecia a mulher com quem ele estava se casando. Afinal de contas, eles só estavam juntos há um ano.

“Por que eles me odeiam tanto?” Cindy perguntava frequentemente.

Clint se recusava a considerar essa questão.

“Meus pais não odeiam ninguém. Eles amam você, assim como eu. Eles estão apenas nervosos em relação a mim.”

Cindy não entendia. Ela se perguntou mais seriamente sobre a extensão do ódio deles. Que tipo de ação eles poderiam tomar por este ódio? Havia segredos que ela não conhecia? Será que ele estava escondendo algo dela? E, agora que ele se fora, será que um dia ela descobriria?

Ela começou a soluçar. *Não é justo, não é justo*, ela murmurou, *ele não merecia isso*. Nem Clint. E,

com lágrimas escorrendo incontrolavelmente pelo seu rosto, ela caiu em um sono rasgado, descontínuo. O qual acompanhou, dia após dia, noite após noite, um desfile de pesadelos inquietos.

# Capítulo 6

## 3 semanas mais tarde

Mesmo sendo 10:30 da manhã, Cindy ainda estava dormindo. Alheia ao mundo ao seu redor, ela sonhou que era início do inverno, a primeira neve caía e Clint estava de volta. Eles estavam juntos, usando pás, abrindo um caminho na neve até a casa deles. Eles usavam grandes chapéus de pele e luvas macias. O rosto de Clint estava vermelho, ferido pelo vento frio. Ele disse que, depois de terminarem com as pás, eles poderiam fazer um boneco de neve na frente da casa. Cindy estava animada. Ela não montava um boneco de neve há anos e ela tinha encontrado um chapéu engraçado para colocar sobre ele, como o que Clint estava usando.

Rindo, eles construíram um boneco de neve enorme, gordo, com botões vermelhos nos olhos. Mas, assim que Cindy colocou o chapéu, o boneco de neve começou a derreter.

“Ele está derretendo,” ela gritou para Clint, que, de repente, não conseguia mais ouvi-la.

Desesperada, ela começou a recolher a neve derretida, e então despertou abruptamente.

Ann estava em seu quarto, abrindo as cortinas, deixando entrar a luz do dia.

“É de manhã, acorde,” disse Ann.

A luz era muito brilhante. Cindy levou o braço aos seus olhos. “Ainda não. Feche as cortinas.”

“Hora de acordar.” Ann estava se movendo rapidamente pelo quarto, indo de janela em janela.

“Vamos lá, está ficando tarde. As visitas estão vindo. Hoje é o dia.”

“Eu não estou a fim,” Cindy murmurou.

“Você não tem escolha.” A voz de Ann ficou mais alta. “Você disse a um monte de pessoas que elas poderiam vir hoje. Eles querem ver você. É hora, Cindy. Faz três semanas já.”

Cindy esfregou os olhos e lentamente se espreguiçou. “Eu não sei,” disse ela.

“Não há nada para saber,” respondeu Ann. “Apenas levante-se, vá para o chuveiro e troque de roupa.”

Cindy tirou as cobertas e se arrastou para fora da cama.

O tempo estava ficando mais quente à medida que o fim de maio se aproximava. Ann tinha aberto todas as janelas da casa, deixando a brisa da primavera entrar. As forsythias estavam carregadas e as árvores no quintal do lado de fora estavam explodindo em flor.

Quando Cindy jogou água sobre seu rosto no banheiro, ela pensou o quanto Clint amava a primavera. Eles adoravam esperar o tempo esquentar juntos, observar a terra voltar à vida. Devido à insistência dela, ele mesmo ajudou a plantar um jardim na parte de trás antes de partirem para a lua de mel. Cindy não sabia se ela conseguiria voltar para lá e cuidar dos brotos jovens que deveriam estar crescendo.

Cindy podia sentir o cheiro dos brownies de Ann assando na cozinha. O tempo tinha um jeito de seguir em frente, mesmo que ela não quisesse. Ela sabia que não podia continuar assim para sempre. Haveria um fluxo de pessoas esperando para visitá-la e oferecer condolências. Clint tinha vivido em Cove Bay desde que ele era um menino e toda a comunidade queria vir e trazer comida e ofertas de ajuda. Alguns, é claro, queriam vir por curiosidade, para ver a nova casa e a esposa de Clint. Eles podiam ter visto Cindy de passagem, mas ela não frequentava muito a cidade. Havia rumores por toda a cidade de que a família de Clint não estava feliz com Cindy. Ninguém sabia exatamente o porquê.

Cindy tinha que examinar os visitantes com cautela. Claro que os velhos amigos de Clint eram bem-vindos. Ela também tinha que receber as visitas de pessoas da empresa na qual ele tinha trabalhado - a DGB-Oil. Ann lhe disse que a empresa ligava diariamente, procurando por Cindy, especialmente Henry Greerson, o chefe de Clint. Clint tinha sido uma estrela em ascensão na empresa. Clint era inteligente, assertivo, sincero e fazia um ótimo trabalho em tudo. Trabalhando como ele, pesquisando os impactos

das perfurações offshore no meio ambiente, ele era uma voz importante. E, por falar em muitas conferências, reuniões e almoços, ele estava à vista do público. Ele até fora enviado recentemente para Washington para falar com membros do Congresso e notáveis lobistas da indústria do petróleo.

Clint amava o que ele fazia e tudo o que tinha a ver com isso. Era como se ele estivesse em uma cruzada pessoal para criar um equilíbrio crucial - cuidar da vida selvagem e do meio ambiente e encontrar uma maneira para que as perfurações necessárias fossem feitas de forma segura e com sabedoria. Clint não era alguém que poderia ser facilmente substituído. Não por qualquer um.

Ao se preparar para receber as visitas, Cindy foi para seu armário e olhou para as suas roupas. Ela geralmente se vestia com calças jeans simples, saias curtas e camisetas. Não havia muito em seu armário para usar todos os dias em que ela tivesse que receber visitantes. Ela queria fazer uma boa impressão. Era da memória de Clint que ela estava cuidando. Eles lembrariam um pouco dele pela esposa que ele tinha escolhido, e ela estava determinada a desempenhar bem esse papel.

“Apreste-se e se vista. Está quase na hora,” Ann chamou do outro quarto.

Cindy entrou no quarto e vestiu um vestido verde-escuro simples de linho, um que ela se sentia à vontade. Ele tinha um decote canoa, mangas médias, um adorável corpete e se estendia graciosamente até abaixo dos joelhos. Então ela colocou suas sandálias abertas cinzas e verdes, entrou no banheiro e escovou seu longo cabelo castanho loiro, que estava despenteado. Sem dúvida, seu cabelo era a parte mais marcante dela, ela pensou, combinava com as sardas claras em sua testa. Clint sempre adorava quando ela escovava os cabelos. Ele ficava na porta e a assistia por horas, se pudesse.

“Você não tem ideia de como é linda,” ele sempre dizia. “Todos os caras são loucos de inveja de mim. Eles não sabem como eu conquistei alguém como você.” Então ele se aproximava e lhe beijava no pescoço. Com o passar dos meses, ela começou a acreditar nele.

Agora ela não sabia mais quem era ela.

Cindy escovou o cabelo por um longo tempo, sem realmente olhar muito no espelho. Era difícil ver-se ali de pé, trocando-se, sem Clint por perto. Para quê?

A campainha tocou.

*Oh não,* ela pensou, *eles estão aqui.*

Pelo menos, aquela família não viria hoje. Isso era algo para se agradecer.

Ela ficou no banheiro mais um momento e encostou-se à porta, ouvindo Ann recebendo os visitantes. As vozes ficaram mais altas e depois baixas e, então, tudo ficou silencioso. Ela não conseguiria se esconder ali para sempre.

Ela endireitou os ombros e saiu para a sala de estar, como se fosse uma visita qualquer, como se nada horrível tivesse acontecido para transformar toda a sua vida de cabeça para baixo. *Clint sempre quis que eu fosse corajosa,* ela pensou, ao entrar. Ninguém sorriu quando ela apareceu.

Os amigos de Clint tinham chegado, assim como alguns conhecidos do trabalho de Cindy.

“Eu não posso nem imaginar o que você deve estar passando,” Tina, uma amiga de Clint, disse.

“Insuportável,” outra amiga, Bárbara, entrou na conversa.

Cindy estava grata pela bondade delas.

“Clint disse para nós o quanto ele amava você,” falou Tina, inclinando-se para frente. “Ele se sentia um homem de sorte.”

Cindy engasgou. “Obrigada,” ela conseguiu dizer. “Eu que tinha sorte.”

“Moramos a apenas algumas milhas de distância,” Tina ofereceu. “Estamos aqui se precisar de nós.”

Cindy se sentiu grata. “Isso é tão gentil,” ela respondeu com sinceridade.

A campainha tocou novamente. Al, um amigo de longa data de Clint, entrou, carregando uma cesta de presente. Ele tinha sido o padrinho no casamento. “Ouça, Cindy,” disse ele imediatamente. “Eu era o padrinho de Clint e ainda sou. Se você precisar de alguma coisa, avise. É para isso que serve o padrinho.”

Ele colocou a cesta na mesa de café, desembalhou-a e ofereceu frutas, bolachas e doces para todos eles. Cindy notou que Ann parecia estar mais calma à medida que a tarde passava. Havia pessoas por perto para apoiar Cindy. Ela não estaria completamente sozinha.

Todos se lembravam de Clint, como ele era um bom amigo, quão divertido ele era, que as coisas incríveis ele poderia ter feito em sua vida.

“Mas o cara sempre andou em uma linha tênue,” disse Al de repente. “Logo quando as coisas estavam indo muito bem em sua vida, ele sempre se virava e ia passar algum tempo no lado selvagem.”

“O que você quer dizer?” Cindy perguntou, assustada.

“Perigo, ele tinha um gosto por isto. Nada terrível, apenas algumas aventuras que ele não podia deixar passar. Por um tempo foram as corridas de carro.”

Cindy nunca tinha ouvido nada sobre isso.

“Sim,” continuou Al “tipo quando seu carro bateu na terceira corrida que ele participou.”

“Foi aterrorizante,” disse Tina.

“Sua mãe realmente surtou, mesmo ele saindo dos destroços sem um arranhão. A multidão soltou um grito quando o viram vivo. Mas ele desistiu de correr de qualquer maneira. Ele sempre teve sorte em coisas estranhas do tipo.”

“Acho que sua sorte acabou,” disse Tina, triste.

“Jesus,” disse Al. “Eu simplesmente não consigo acreditar nisso. Como isso aconteceu?”

A campainha tocou novamente. Ann levantou-se e deixou Henry Greerson entrar.

Claramente, Greerson tinha vindo direto do trabalho. Ele ainda usava um terno listrado e gravata e trazia um papel enrolado debaixo do braço. Provavelmente estava lendo durante o trajeto de trem. Cindy não esperava que ele viesse. Ele entrou, parou por um momento, e lançou um longo olhar a Cindy.

“Como você está, Cindy?” perguntou.

“Obrigada por ter vindo,” Cindy respondeu.

“É claro,” disse ele. “Eu teria vindo antes. Sua irmã disse que você não estava recebendo visitas.”

“Eu não conseguia no começo.”

“Naturalmente.”

Havia algo desmotivador sobre ele. Ele tinha lábios finos, penetrantes olhos castanhos e uma tez pálida, mesmo que os dias fossem quentes e cheios de sol. Ela supôs que ele morasse na cidade e não passasse muito tempo ao ar livre.

“Quero que você saiba que eu represento todos na empresa quando digo como nós lamentamos. Clint é uma grande perda. Se houver alguma coisa que possamos fazer para ajudar a sua transição, sinta-se livre para nos chamar.”

Cindy estremeceu. Ela não sentia que ela poderia contar com aquele homem para nada. Quando ele se sentou e se fez confortável, ela lembrou vagamente de quando ele havia voado para Barbados, logo após a morte de Clint. Ele tinha sido o outro que identificara o corpo. Ela também lembrou que Clint falava bem dele.

Cindy viu Al olhando para ele com cautela, também. Greerson parecia fora de sincronia com o grupo que se reunira - formal demais, soberbo, um pouco intimidante.

Ann levantou-se. “Gostaria de tomar uma xícara de café, Sr. Greerson?” ela perguntou.

“Isso seria ótimo,” respondeu ele.

Ann saiu da sala para pegar o café e alguns bolinhos e então ele se virou para Cindy. “Você tem uma irmã maravilhosa,” disse ele.

“Sim,” ela respondeu suavemente, imaginando como ele sabia que Ann era sua irmã. “Mais do que maravilhosa. Na verdade, eu não teria aguentado tudo isso sem ela nestes últimos dias.”

“Quanto tempo ela vai ficar?” Bárbara soltou uma interjeição.

“Para sempre.” Cindy riu.

Greerson pareceu surpreso. “Ela está se mudando para cá para ficar com você?”

Cindy foi pega de surpresa. Como ele sabia que Ann não vivia nas proximidades?

“Quem sabe,” Cindy respondeu em tom de brincadeira. “Neste momento, parece que qualquer coisa pode acontecer. O mundo parece de cabeça para baixo.”

“Caramba, o mundo *está* de cabeça para baixo,” disse Al. “Quando um cara incrível como Clint é levado pelas ondas, com o que podemos contar ainda?”

“Acidentes horríveis fazem você se sentir dessa forma,” Greerson concordou.

“Eu não estou tão certa de que foi um acidente,” disse Cindy repentinamente.

Greerson se encolheu, assim como os outros.

“Isso é uma coisa estranha para se dizer.” Al olhou para ela com estranheza.

“Quanto mais penso sobre isso, menos certeza tenho sobre como Clint morreu.” Cindy falava naturalmente, as palavras simplesmente saíam. “As coisas não se conectam. Há várias coisas que podem ter acontecido.”

“Como o quê?” Greerson perguntou

Era possível ouvir um alfinete cair. Todo mundo ouvia Cindy atentamente. Ann entrou de volta na sala com o café, e parou.

“Eu entrei na internet e procurei alguns fatos,” Cindy continuou. “Há assaltos e assassinatos na costa leste de Barbados regularmente. Há um caso após o outro. A polícia está acostumada a eles. Faz parte da rotina. Nada é feito.”

Ann interrompeu. Ela não queria que Cindy continuasse assim na frente dos outros. “É fácil imaginar todos os tipos de coisas quando alguém que você ama morre de repente,” disse ela, tentando aliviar a tensão que estava se formando.

“Eu não estou imaginando nada,” disse Cindy. “Estou fazendo pesquisas.”

“Pesquisa sobre o quê?” Greerson pressionou.

“Cindy é assistente de pesquisa em um jornal,” disse Ann. “É reconfortante para ela verificar todos os tipos de fatos. Mesmo quando era pequena, ela gostava de fazer isso. Lembro-me dela olhando revista após revista, tentando descobrir isto ou aquilo.” Ela sorriu novamente, tentando aliviar a atmosfera, mas não funcionou.

“Este é um caminho perigoso para entrar,” disse Greerson rapidamente. “Suspeitar que a morte de Clint foi um assassinato. Pensando que isto pode criar um monte de angústia, para você e para todos.”

“Eu concordo completamente,” disse Ann.

Felizmente, a campainha tocou novamente.

“Agora eu vejo porque você vai ficar aqui por um longo tempo,” disse Greerson para Ann. “Você precisa cuidar de sua irmã até que ela se acalme e veja as coisas claramente.”

Cindy detestava aquele homem. Quem ele era para vir aqui e sugerir que ela não estava enxergando as coisas claramente? O que isso significava para ele? O que o fazia pensar que *ele* via tudo tão claramente?

Ann foi para a porta e, para a surpresa de todos, Tom Mallord, o pastor que tinha casado os dois e também feito o serviço funeral, entrou. Ele e Clint tinham tido uma relação próxima há muitos anos. Clint pensava que ele era demais. Mallord carregava um pacote pequeno, bem embrulhado, em sua mão.

“Olá, Cindy,” ele disse ao entrar e lhe entregou o pacote. “Isto é para você. É algo que eu espero que ajude você com os dias pela frente.”

“Muito obrigada,” respondeu Cindy, recebendo o pacote. Ela mal o conhecia, mas sempre gostara dos momentos que eles passavam juntos.

Ann puxou uma cadeira para ele e ele se sentou. Em seguida, ela apresentou Mallord para Greerson. Ele conhecia todas as outras visitas na sala.

“Você chegou no momento perfeito,” disse Greerson. “Nós estávamos falando sobre a melhor maneira de entender o que aconteceu com Clint.”

Mallord ergueu as sobrancelhas. “A grande questão,” disse ele.

Greerson olhou para Cindy, como se esperasse que ela expressasse seus medos mais uma vez. Ela não disse nada.

“Cindy estava apenas dizendo que ela não tem certeza que a morte de Clint foi um acidente.”

Mais uma vez, a sala ficou completamente silenciosa. Mallord ouviu atentamente, sem alterar sua expressão.

“Ela está pesquisando assassinatos na costa leste de Barbados,” Greerson prosseguiu com ironia.

Cindy notou Mallord olhando para ela, pensativo.

“Às vezes, a melhor coisa,” Greerson continuou, “é ver um terapeuta para limpar sua mente e trazê-la de volta à realidade.”

Cindy sentiu pequenas gotas de suor formando sobre sua testa e queixo. Ele estava sugerindo que ela fizesse terapia porque ela achava que a morte de Clint podia não ter sido um acidente? Será que ela não tinha o direito de colocar as peças do quebra-cabeça de uma maneira que fizessem sentido para ela? Isso significava que ela estava louca?

Ela perguntou-se o que Mallord pensava. Ele tinha uma reputação maravilhosa, vivia humildemente com sua esposa em uma pequena casa que a paróquia fornecia e passava longas horas em sua congregação.

“Você concorda com ele?” Cindy perguntou incisivamente a Mallord.

Ele não respondeu de prontidão, fez uma pausa, e finalmente disse: “A terapia pode ser bom quando necessária. Assim como pode a oração e a contemplação. E o tempo tem sempre uma forma de mostrar-nos o que está acontecendo.”

Cindy entendia agora por que Clint gostava tanto de Tom.

“Da mesma maneira que o oceano trazia tudo para a costa,” continuou ele, “a verdade não pode deixar de ser trazida à luz.”

Greerson havia tido o suficiente. Ele se levantou e limpou seu terno.

“Bem, obrigada pelo sermão,” disse ele, rindo, “mas eu tenho uma longa viagem de volta para a cidade esta noite. Há um monte de negócios inacabados para cuidar. Nós temos muito que fazer para lidar com a perda de Clint.”

Cindy sentiu-se oprimida por sua presença na sala e ficou tremendamente aliviada por ele estar indo embora. “Obrigada por ter vindo,” disse ela educadamente.

“O prazer é meu,” respondeu ele, olhando diretamente para ela. “E, como eu disse, não deixe que pensamentos dispersos deixem você louca. Você não está sozinha nisto aqui. Eu certamente estarei por perto.”

Quando ele saiu, parecia que uma nuvem negra tinha se afastado para que a luz da noite pudesse brilhar.

\*

Mais tarde naquela noite, na cama, sua cabeça vagava, Cindy notou o pequeno pacote que Tom Mallord havia lhe dado, na ponta da mesa. Ele fora lindamente embrulhado com papel dourado. Ela estendeu a mão e o abriu lentamente.

Dentro havia uma pequena Bíblia. Profundamente emocionada, Cindy a embalou em suas mãos, recordando o funeral maravilhoso que Tom Mallord tinha conduzido para Clint. Os bancos no funeral estavam cheios até a borda, um silêncio assombroso enchia o lugar. Tom Mallord falava com simplicidade, dizendo que ninguém poderia imaginar a vontade suprema de Deus, ou realmente entender como algo assim poderia acontecer. Mas todos podiam contar um com o outro e oferecer carinho e consolo. Isso estava ao nosso alcance. Cindy havia se sentido confortada por sua honestidade.

Alguns amigos de Clint levantaram-se e falaram sobre a pessoa maravilhosa que ele tinha sido e como eles não poderiam imaginar a vida sem ele. Cindy tinha tremido o tempo todo e não conseguia dizer uma

palavra. A mãe de Clint também não, ela estava sentada na frente, usava um terno de seda preta, olhava para frente com uma raiva moderada.

A irmã de Clint, Marge, vestida de seda azul escura, brincos de pérola e um colar de pérolas, falava em tom comedido. Cindy não acreditava em uma palavra que ela dizia e o som de sua voz a feriam. O pai de Clint permaneceu sentado durante a maior parte do serviço. Quando ele se levantou, no final da cerimônia, para apertar as mãos, ele parecia não lembrar o nome de ninguém.

Cindy olhou para a Bíblia, abriu-a e folheou as páginas. Seria possível que lá houvesse algumas respostas para ela? Poderia alguma coisa realmente dar-lhe consolo em um momento como este?

Ela abriu o livro ao acaso, encontrou o Salmo 84. Ela o leu lentamente. *O qual, passando pelo vale árido, faz dele um manancial; de bênçãos o cobre a primeira chuva. Vão indo de força em força.*

*O vale árido*, ela pensou. Sim, era isso. Mas ela não viu como sairia dele.

\*

Greerson estava ali, usando uma capa cinza, carregando um guarda-chuva preto, rindo incontrolavelmente. Ela correu até ele para dizer-lhe que abrisse o guarda-chuva, que iria começar a chover. Ele continuou rindo e não prestou atenção. Ela pegou o guarda-chuva dele, usando toda a sua força para abri-lo. Ele puxou-o de volta, enfurecido. Em pouco tempo, os dois estavam em um verdadeiro cabo de guerra.

Ela acordou rapidamente e se sentou na cama. Ela balançou a cabeça várias vezes para se livrar do sonho.

Cindy não tinha sido capaz de parar de pensar em Greerson. Ela ficou ressentida com sua inferência sobre ela não estar enxergando claramente as coisas. Acima de tudo, ela se valia de sua capacidade de trazer à tona a verdade de qualquer situação. Ela tinha trabalhado longas horas em seu emprego, certificando-se de que nenhum detalhe importante faltasse em suas pesquisas. Não tinha sido fácil conseguir um emprego em um dos melhores jornais de Nova York. Mesmo que fosse uma posição baixa, eles logo deram a Cindy mais e mais responsabilidades, com artigos cada vez maiores. Cabia a ela verificar os fatos significativos, aprofundar as investigações e as situações das pessoas mencionadas no artigo. Cindy era um grande trunfo. Era de conhecimento geral que ela tinha um futuro maravilhoso pela frente.

Quando ela desceu as escadas, ela encontrou Ann na cozinha, em cima do fogão, mexendo um pote de mingau de aveia como fazia todas as manhãs. Cindy sentou-se à mesa da cozinha. Ela estava coberta com uma toalha de mesa vermelha e xadrezada, colocada perto da janela, sob o sol.

“Eu tenho uma teoria, eu quero compartilhar com você, Ann,” disse Cindy.

Ann continuou mexendo no mingau. Esta era a terceira teoria de Cindy naquela semana. Ela sabia que Ann não gostava, mas ela tinha que continuar de qualquer maneira.

“Não podemos descartar que alguém na família tenha matado Clint,” começou Cindy.

“Oh Deus,” Ann respirou.

“Eles me criticam, me culpam, mas eu sou apenas uma cobertura conveniente. Quando você pensa sobre isso, há muito que eles podem receber ao fazerem parecer que há algo de errado comigo.”

“Quem fez você virar o detetive aqui?” Ann respirava pesadamente. “Vólte ao trabalho. Histórias de investigação no jornal. Mantenha todas as suas pesquisas lá.”

“E, não se esqueça do dinheiro do seguro.” Cindy mal ouviu o que Ann disse. “Se Clint morreu e a culpa for minha, o dinheiro é todo deles.”

Ann parou de mexer a farinha de aveia e se virou. “Pense um pouco sobre o que você está falando, Cindy. A própria família de Clint, que o ama, o teria matado pelo dinheiro do seguro? Por quê? Eles mesmos têm dinheiro em abundância.”

“Alguém na família poderia estar com inveja patológica-”

A voz de Ann ficou mais estridente. “O suficiente para matá-lo?”

“Temos que considerar todos os ângulos.”

“Não, não temos.” Ann jogou a colher de pau em cima da mesa. “Você fala como se estivesse perdendo a cabeça.”

“Eu estou pensando sobre as coisas.”

“Você está ficando obcecada,” continuou Ann. “Ouça, o tempo está passando. Não posso ficar aqui para sempre. Você está tornando as coisas cada vez mais difíceis para eu ir.”

Cindy sabia que ela estava cansando Ann e ela se sentia mal sobre isso. Ann sempre trazia um senso de equilíbrio e normalidade para seus dias. Cindy sentia-se segura perto dela. Ela temia o dia em que Ann diria que ela tinha voltar para casa.

A voz de Ann tinha uma pontada insegura nela. “Eu não posso ir para casa com um coração tranquilo enquanto você tiver esses pensamentos terríveis. Você parece paranoica.”

Ann voltou-se para o fogão. A aveia estava pronta. Ela desligou o fogo, derramou a farinha de aveia em duas tigelas de cerâmica e as colocou sobre a mesa. Então ela foi servir café fresco para as duas, em duas canecas pintadas à mão. As canecas foram um presente de noivado de velhos amigos de Cindy de Wisconsin. Por um momento, Cindy sentiu saudades de casa.

“Eu não quero ser um fardo,” disse ela.

“Esqueça isso,” Ann falou. “Coma seu café da manhã.”

Ann adorava preparar a comida e Cindy amava refeições caseiras. Era algo que sua mãe nunca tinha tempo de fazer. Ela estava sempre ocupada trabalhando e andando pela cidade com seus amigos e namorados depois da morte do pai de Cindy. Ann tinha assumido o papel de mãe na vida de Cindy.

Cindy e Ann começaram a tomar o café da manhã. Cindy odiava se defender, ter que provar que era igual a todo mundo. Ela nunca quis ser igual a todo mundo. Ela só queria ser ela mesma.

“Eu NÃO estou louca.”

“Escute, eu acho que você precisa chegar a um ponto, eu não estou dizendo que precisa ser hoje, onde você terá que aceitar o que aconteceu com Clint e seguir em frente,” declarou Ann.

Cindy sabia que Ann estava pensando em seu bem estar, mas suas palavras a magoavam. Ela nunca iria seguir em frente. Como poderia?

“Eu estou bem,” disse Cindy.

“Como?” Agora, Ann estava irritada. “Você não foi capaz de abrir um presente do casamento. Você não tem sido capaz de escrever uma nota de agradecimento. Você se recusa a considerar deixar este lugar. A mãe e a irmã de Clint vivem uma milha de distância - e eles andam ligando demais. Demais.”

O estômago de Cindy se retorceu. “Sério?”

“Às vezes elas ligam três ou quatro vezes por dia. Você saberia se alguma vez conferisse o seu celular. Agora eles estão ligando no meu celular também. Sem falar do telefone fixo.”

O corpo de Cindy se encolheu.

“Elas querem vir aqui e acabar com você outra vez, obter fato após fato.”

“Elas estão virando tudo do avesso,” disse Cindy, “apontando o dedo para mim.”

“Eu não posso ficar aqui e protegê-la delas para sempre. Elas estão devastadas e furiosas.”

“Isso é o que eu quero dizer,” disse Cindy.

“Isso não significa que a família tenha matado o filho deles.” Ann parecia como se estivesse prestes a tremer. “É natural que você se sinta dessa forma depois de uma perda tão avassaladora.”

Cindy ficou em silêncio.

Ann se aproximou e colocou a mão no braço de Cindy. “Cindy, me escute, eu realmente acho que é hora de você voltar a trabalhar. Seria bom para você. Você amava seu trabalho e ele iria manter Clint fora da sua mente.”

“Eu não quero tirar Clint da minha mente Clint,” Cindy atirou de volta, alarmada. “Eu quero lembrar cada pequeno detalhe. Cuidar bem dele.”

“Ele não está aqui para você cuidar dele,” Ann respirou.

“Mas eu posso cuidar bem de sua memória.”

“Ok,” Ann cedeu, “você quer cuidar da memória de Clint? Muito bem. A melhor maneira de fazer isso seria vender a casa, levar as coisas dele com você e ficar longe da família dele. Pegue o dinheiro da venda desta casa e volte para nossa casa por um tempo. Isso vai lhe dar algum tempo. Você não terá que trabalhar por um tempo, você poderá relaxar, passar por todas estas coisas e fazer algum tipo de memorial.”

Cindy não estava entendendo. “De jeito nenhum eu irei vender esta casa ou deixá-la para trás.”

O rosto de Ann estava ficando vermelho. Sua voz ficou mais alta. “Tá bom. Nesse caso, limpe este lugar! Abra os presentes! Jogue fora as caixas vazias, envie notas de agradecimento, acabe com esta desordem. Você ainda nem desfez sua bagagem da lua de mel, pelo amor de Cristo!”

“Por favor,” disse Cindy, segurando a cabeça entre as mãos. “Eu não estou preparada!”

“Bem, chegou a hora! Você tem que se preparar. Quer você queira ou não,” disse Ann, acima de seu limite. “Você tem que abrir seus e-mails, atender telefonemas, encher a geladeira com comida, definir um tempo para voltar para o escritório - recomeçar sua vida de novo. Você não pode ficar largada por aqui, sonhando com teorias sobre o que poder ter acontecido com Clint.”

Cindy pôs as mãos sobre as orelhas. “Eu estou ouvindo você,” ela gritou de volta.

Ann puxou as mãos de Cindy. “Sério, escute-me, Cindy,” ela gritou. “Você está no limbo e não pode continuar assim.”

A voz de Ann era estridente e dolorosa.

“Faça isso por mim.” Ann, de repente, parecia chorosa.

Isto chocou Cindy. Ann tinha feito muito por ela.

“Tudo bem,” disse ela, suavizando, “Eu vou fazer isso. Eu vou começar.”

“Ótimo,” disse Ann, aliviada. “Porque eu comprei um bilhete de avião. Eu estou voltando para casa.”

“Para casa?” Era como se alguém desse um soco no coração de Cindy. “Quando?”

“Depois de amanhã,” respondeu Ann. “Eu preciso, não tenho escolha.”

“Oh, Deus.” Cindy correu para Ann e jogou os braços ao redor dela, dando-lhe um grande abraço.

“Está tudo bem, Ann, eu entendo.”

As lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Cindy.

“Você foi a irmã mais maravilhosa do mundo, nunca vou esquecer tudo o que você fez.”

“Você é uma irmã maravilhosa, também.” Ann parecia chorosa. “Não posso suportar a ideia de perdê-la.”

“Você nunca vai me perder.” Cindy foi pega de surpresa.

“Às vezes, quando uma pessoa morre, elas levam outras com elas,” disse Ann. “Algumas pessoas nunca superam uma perda. Eu só quero dizer que preciso de você forte e saudável. Por Favor.”

## Capítulo 7

No dia seguinte, Cindy deixou Ann pegar seu carro emprestado, Ann saiu no início da manhã para ir para a cidade, para arranjar algumas coisas que ela precisava para fazer as malas.

Agora a casa estava completamente silenciosa, exceto pelo som da chuva. Pela primeira vez, Cindy estava sozinha.

Era estranho. Ela passeou pelos quartos vazios, viu lembranças de sua vida com Clint em todos os lugares e, finalmente, ela percebeu que não podia continuar assim. Ela tinha que fazer alguma coisa, ou então teria risco de perder a cabeça.

Era um bom momento para começar a colocar as coisas em ordem, ela pensou. Ela vestiu um jeans e uma camiseta velha, trouxe as caixas de presentes para a sala de estar e fez uma pilha com elas. Ela fez viagem após viagem, com os braços cheios de pacotes, sem perceber quantos eles tinham ganhado.

Ela conseguiu um bloco e um lápis para fazer uma nota para quem agradecer. Era estranho abrir os presentes sozinha; eles eram para um casamento que mal tinha começado. Um casamento que durou menos de uma semana.

Quando ela colocou as caixas no chão da sala de estar, Cindy pensou no dia em que ela ficou noiva. Foi apenas três meses após eles se conhecerem. Num dia qualquer da semana, eles foram se encontrar no Central Park após o trabalho para uma caminhada e, em seguida, comprariam um jantar rápido. Quando Cindy viu Clint caminhando em sua direção, ela sabia que algo estava diferente. Ele tinha um sorriso enorme no rosto. Clint não era de ocultar suas emoções, nunca.

“Nós vamos passear em uma charrete,” ele disse a ela e praticamente a pegou e a colocou no assento. Cindy riu. Ela amava suas surpresas. Ela adorava tudo sobre ele.

Então, quando ele lhe pediu em casamento na charrete, aquilo parecia completamente natural. Ela ficou em êxtase. Não havia dúvida em sua mente que ele era a pessoa certa. Tampouco havia dúvida na mente dele.

Cindy olhava para Clint e sentia como ela estava grata e feliz. Desde quase o primeiro momento em que ela o conhecera, ela sabia que ele era o homem com quem ela queria viver sua vida. Alto, robusto, bonito e determinado, ele era o homem mais honesto e carinhoso que ela já tinha conhecido. Havia muitas novas portas que Clint tinha aberto para ela, e ela caminhou através delas alegremente, sempre animada para descobrir algo novo. Ele a apresentou a novas comidas, amigos, ideias, atividades, e a encorajou em tudo que ela fazia.

“Você é uma mulher corajosa, Cindy,” uma vez que ele disse a ela. “Isso é o que eu mais amo em você.”

Isto chocou Cindy. Ela nunca tinha pensado em si mesma como valente. Ela simplesmente adorava descobrir coisas novas e Clint tinha sido um guia maravilhoso.

Agora, ela estava sentada no chão, abrindo a caixa mais próxima. Dentro, havia uma grande tigela de ponche de cristal. O cartão dizia: “Amor e parabéns. Para anos e anos de felicidade. Os Jennisens.”

Cindy segurou a tigela de ponche em seus braços. Era redonda e brilhante, cheia de alegria. Havia tantas ocasiões maravilhosas que poderiam usá-la. Ela olhou para ela por um momento, em seguida, a colocou de volta na caixa, fazendo uma nota de quem era. Ela iria devolvê-la.

Em seguida, ela abriu uma caixa longa e fina. Dentro, havia um belo vaso de cerâmica. O interior do cartão dizia: “Que a sua nova vida seja cheia de belezas.” Cindy acariciou sua superfície lisa e imaginou as flores frescas do jardim que ela e Clint poderiam ter colocado nele.

Uma caixa grande, longa e pesada continha talheres. “Parabéns para este belo casal,” assinado por um amigo da mãe de Cindy.

Ela escreveu o nome e o endereço de cada pessoa que enviou o presente, então reembalou a caixa

para devolver. A cada caixa de presente que ela devolveia, ela sentia seu casamento cada vez mais longe.

Enquanto abria os pacotes, Cindy ouviu o telefone tocar. Ela o deixou tocando. Ela não podia parar cada vez que alguém ligasse. E ela realmente não se sentia com vontade de falar com ninguém de qualquer maneira.

Havia lençóis, copos, tapeçarias, quadros...

Ela abriu e fechou cerca de sete presentes até que algo estranho chamou sua atenção: um envelope de oito por dez, preso entre duas caixas.

Cindy pegou o envelope e olhou para ele. Estava endereçado para Clint, carimbado há seis semanas, sem remetente. Alguém tinha enviado antes do casamento. Ela não sabia como ele tinha chegado ali - provavelmente extraviado na confusão.

O que poderia ser?

Ela rapidamente o abriu e tirou um pedaço de papel. Uma foto estava dentro dele. No papel estava escrito *Para Você*.

Ela ergueu a foto e viu uma foto natural de uma bela mulher - alta, cabelos escuros, andando pela rua com uma criança pequena ao seu lado.

Cindy segurou a foto mais perto, olhou para ela em ângulos diferentes, colocou-a sob a luz. Suas mãos tremiam quando ela percebeu que o menino surpreendentemente se parecia com Clint.

Ela virou a foto para ver se havia uma data. Nada. Seu coração começou a bater mais rápido.

Quem era aquela mulher, quando a fotografia fora tirada?

*Quem é que enviou a carta? Por quê? Será que Clint a conhece? Houve alguma coisa entre eles?*

Cindy olhou para ela, tentando entender.

Seu coração começou a se partir, mas ela o impediu. Ela se recusou a saltar para as piores conclusões. Ela sabia que Clint tinha tido namoradas no passado. Ele lhe disse que estas relações já haviam acabado, que ele não se importava com ninguém, apenas com ela. Nenhuma mulher que ele conhecia era como ela. Era ela quem ele queria.

Ela precisava ficar calma e manter os pensamentos claros. Ela não ia deixar uma foto destruir sua memória de Clint, ou deixá-la ser manchado de forma alguma. Mas ela tinha que saber mais sobre aquilo. Com certeza, algo estranho estava acontecendo. E aquela foto confirmava. E se tivessem enviado outros envelopes como aquele? Clint os teria escondido?

Cindy decidiu entrar no estúdio de Clint para procurar. Ela não tinha sido capaz de entrar nele antes. Era o espaço privado dele, cheio de seus pertences e memórias. Ela se sentia como um intruso, mesmo com o pensamento de entrar ali. Mas a foto a deixara abalada. Alguém queria que ele a visse antes do casamento. Ela precisava saber mais.

Cindy levantou-se e foi direto para o escritório, onde computadores, documentos e arquivos de Clint estavam guardados. O quarto tinha um teto inclinado branco de madeira, janelas menores, e um piso de madeira com um desgrenhado tapete azul-marinho. Clint amava aquele espaço. O tapete lhe pertencia desde a faculdade. Ele o tinha levado com ele para todos os lugares.

Seus arquivos estavam armazenados em caixas ao longo da parede, debaixo das estantes de madeira branca que ele tinha colocado. Havia uma pequena mesa na lateral, em um canto diagonal à parede, com seu computador, um pequeno cacto e todos os tipos de papéis espalhados sobre ela. A janela estava aberta e podia-se sentir o cheiro das glicínias do lado de fora, flutuando. Ela podia ouvir a chuva caindo no telhado. Isto acalmou Cindy.

Aquele aposento era só de Clint. Ele adorava ter privacidade e um espaço separado, dizia que isto manteria o casamento forte. Ele sempre disse que um bom casamento sempre demandava momentos juntos e separados. Cindy não tinha nenhum problema com isso. Havia outro quarto pequeno ao lado de Clint que iria virar o estúdio de Cindy. Ela poderia desenhar, fazer suas colagens, ler ou fazer o que quisesse nele. Aquela sala ali, vazia, esperava ser preenchida. Cindy não tinha vontade de ir nela agora. O

escritório de Clint era o lugar que ela tinha que estar, para se aproximar dele de qualquer maneira que podia.

Foi bom entrar, sentar-se no tapete felpudo e respirar o ar úmido da primavera. Cindy sentiu a presença de Clint em todos os lugares. Ela queria colocar a foto na mesa de Clint, mas esta estava bagunçada. Primeiro, ela colocou um pouco de seus papéis nas gavetas e empurrou outros para o lado. Então ela sentou-se à mesa, colocou a foto na frente dela e abriu o computador.

Aquela foto era um achado. Clint devia conhecer a mulher nela. Ela podia ter sido uma de suas antigas namoradas. A família provavelmente a conhecia, com certeza. Será que eles enviaram a foto para Clint se lembrar dela? Cindy não duvidava.

Ela precisava descobrir quem era a mulher. Ela não sabia onde aquilo a levaria, mas estava grata por finalmente ter algo específico para se concentrar.

Ela examinou a foto no computador, em seguida, conectou-se ao Facebook e usou o software de reconhecimento de face. O nome da mulher apareceu - Heather Krane. Cindy foi para sua página do Facebook para saber mais.

A página estava bloqueada. Privada.

Aflita, Cindy pensou um minuto sobre o que fazer. Ela poderia adicioná-la como amigo, mas ela não conhecia aquela mulher, e duvidava que ela fosse aceitar. E, além disso, não havia tempo suficiente para esperar e ver. Cindy queria falar com ela assim que possível.

Então ela teve uma ideia. Heather Krane poderia ser um dos amigos no Facebook de Clint. Ele tinha centenas e centenas de contatos. Cindy poderia entrar novamente no Facebook como Clint e verificar sua página.

Suas mãos tremiam quando ela digitou a senha de Clint. Sua página do Facebook rapidamente apareceu. Lá estava ele, sorrindo para o mundo e lá estava Cindy, de pé ao lado dele, havia anúncios do casamento por todos os lados e mensagens de bons votos de amigos. Cindy não podia suportar olhar para nenhuma delas.

Ela rapidamente verificou seus amigos e, de repente, a encontrou: Heather Krane.

Cindy respirou fundo. Lembrou-se de uma vez ouvir que nada pode ser escondido para sempre; cada crime deixava um rastro. Especialmente com computadores, ela pensou. Ela estava definitivamente no caminho certo.

Ela clicou na página de Heather e sua imagem apareceu, juntamente com seu marido, amigos e familiares. Cindy olhou para todos eles de perto. Heather parecia ter uma vida boa. Ela era casada, vivia na Filadélfia, tinha um adorável marido e um filho pequeno. Cindy olhou para o menino por um longo tempo. Era estranho vê-lo. Ele era lindo, com cabelo louro avermelhado. E ele se parecia com Clint. Ou Cindy estava imaginando coisas?

Quer sua mente estivesse brincando ou não, ela tinha que seguir em frente. Como Clint conhecia aquela mulher? Eles mantinham contato? Foi a família dele que enviou a foto? Ou poderia ter sido outra pessoa? Heather, possivelmente? Será que aquela linda criança tinha algo a ver com Clint?

Cindy rapidamente anotou informações de contato de Heather, incluindo seu endereço. Ela queria falar com ela.

Cindy olhou para o número de telefone de Heather. Ela poderia ligar imediatamente e se apresentar. Mas ela não tinha ideia de como Heather iria reagir à ligação. Por que ela iria falar com uma completa estranha? E, se Heather estava seguindo a vida de Clint, ela poderia reconhecer que Cindy era a esposa de Clint e ficar congelada.

Cindy percebeu que ela precisava ir para a casa de Heather, pessoalmente, pegá-la de surpresa, encontrar-se com ela cara a cara.

Ela estava olhando para o número de Heather quando seu telefone começou a tocar. Inquieta, Cindy o agarrou e rapidamente atendeu. Uma voz masculina estava na outra extremidade. Ela não o reconheceu.

“É a senhora Cindy Blaine?”

“Sim?” Cindy indagou. A voz parecia autoritária.

“Este é oficial Judd Lawson. Eu estou ligando do Hospital North Alliance. É você a irmã de Ann Haden?”

O coração de Cindy acelerou. Por que um oficial estaria ligando?

“O que foi?” Perguntou Cindy. “Ela está bem?”

“Sua irmã esteve em um acidente de carro.”

Cindy deu um salto.

“Ela está no Hospital North Alliance, na sala de emergência. Por favor, vá para lá o mais rápido possível.”

“Que tipo de acidente?” Cindy engasgou. “Ela está bem?”

“Minha senhora, você vai precisar vir para cá imediatamente.”

## Capítulo 8

Os olhos de Ann fecharam quando Cindy chegou a seu lado. Ela estava escondida em um cubículo, em uma cama na sala de emergência, atrás de uma cortina suspensa verde e branca. Cindy puxou a cortina de lado, entrou na cabine e sentou-se ao lado dela. Os olhos de Ann se abriram por um segundo e depois fecharam de novo, como se ela estivesse caindo no sono.

Cindy agarrou a mão dela. “Eu estou aqui, Ann. Estou aqui. Você vai ficar bem.”

Ann parecia sorrir, mas não respondeu.

“Eles cuidarão maravilhosamente bem de você.”

Ann, de olhos fechados, não respondeu. Será que ela estava escutando?

Uma enfermeira puxou as cortinas de lado e entrou no cubículo. Era uma grande mulher negra, pesada, em seus cinquenta anos, com cabelo curto. Cindy estava grata em vê-la.

“Vamos mantê-la acordada,” disse a enfermeira para Cindy. “Depois que batem alguém na cabeça, é bom mantê-lo acordado.” Então ela se virou para Ann. “Olá, querida.” Ela balançou gentilmente seu braço.

Cindy estava aliviada por ter a enfermeira lá com elas. “O que aconteceu?” Cindy perguntou a ela, alarmada.

“Sua irmã vai ser admitida para um exame completo. Estamos à espera de uma cama no andar de cima.”

“Como isso aconteceu?” Cindy perguntou à enfermeira. Sua boca estava seca e suas mãos, úmidas.

“Um agente da polícia estará aqui para coletar informações,” a enfermeira continuou. “É rotina”.

Lágrimas encheram os olhos de Cindy. Ela inclinou-se sobre a irmã. “Você está bem, Ann?”

Ann abriu os olhos ligeiramente.

Ela moveu os lábios levemente. Estava tentando falar.

“O Quê?” Cindy perguntou, aproximando-se mais.

“Os freios...” Ann sussurrou.

Cindy olhou para ela, sem entender.

Ann estendeu a mão e agarrou o pulso de Cindy.

“Não... freios,” sussurrou Ann, quase inaudível.

Então ela fechou os olhos novamente.

“Ann?” Perguntou Cindy. “Ann?” Ela repetiu, mais alto. “Você está dizendo que os freios do meu carro não funcionaram?”

Mas Ann havia desmaiado.

A mente de Cindy cambaleou. Ela ficou arrasada. Ela havia emprestado o carro dela para Ann. Os freios de seu carro tinham falhado? Como isso era possível? O carro, um Honda Civic, tinha um ano de idade e tinha acabado de receber uma revisão no mês anterior. Não fazia nenhum sentido.

A enfermeira olhou para ela, perturbada.

“Você tem alguém que pode vir para lhe fazer companhia? Um marido ou namorado ou algo assim?”

A verdade atingiu Cindy naquele momento.

“Não,” ela disse calmamente: “Eu não tenho.”

A enfermeira balançou a cabeça. “Sinto muito.”

Então ela puxou as cortinas e saiu do cubículo.

Ann parecia descansar tranquilamente ali, Cindy não queria fazê-la falar. Ela estava respirando por conta própria, o que era bom. Havia uma cinta em volta do seu pescoço. Provavelmente uma precaução habitual depois de um acidente de carro.

“Permaneça acordada, Ann,” disse Cindy, gentilmente cutucando-a. Os olhos de Ann tremeram ao se

abrir.

Cindy segurou a mão de sua irmã e tentou se acalmar. Seria possível, ela se perguntava, que Ann iria morrer? Era muito mais do que podia suportar. Ela segurou a mão de Ann para que ela vivesse. “Você vai conseguir,” Cindy sussurrou para ela, de novo e de novo. “Basta manter a respiração, Ann. A ajuda está aqui. Você não está sozinha.” Ela sentiu o pulso de Ann acalmar enquanto ela conversava com ela, como se suas próprias células ouvissem as palavras de Cindy.

Em seguida, as cortinas abriram novamente e a enfermeira voltou para dizer que a polícia queria falar com ela.

Relutantemente, Cindy se levantou e saiu de sua cama.

Do lado de fora, na sala de espera, um oficial de aparência rude, em seus quarenta e tantos anos, estava em pé, esperando por ela.

“Cindy Blaine?” Ele perguntou, olhando para um bloco de notas.

Cindy seguiu-o até alguns bancos no corredor, onde ambos se sentaram. O hospital estava lotado com pacientes e famílias andando para lá e para cá, juntamente com médicos, enfermeiros, técnicos com carrinhos de bandejas.

Cindy olhou para ele e ficou surpreso ao ver seus olhos castanhos olhando penetrantemente para ela.

“O que aconteceu com a minha irmã?” Ela perguntou.

“O carro saiu da estrada e bateu em uma árvore. Ela bateu a cabeça contra o para-brisa. Ele não quebrou. Poderia ter sido muito pior. Não havia nenhum sinal de álcool. A sua irmã usa algum tipo de droga?”

“De jeito nenhum.”

“Não que você saiba?”

“De jeito nenhum.”

“Nem mesmo para fins médicos?”

“Não, ela não usa nada.”

“A chuva estava forte e as estradas estavam escorregadias,” disse ele. “O carro é relativamente novo. Ele está registrado com seu nome?”

“Sim. Ela me disse que os freios não funcionaram. Isso é verdade?”

O oficial olhou para ela.

“Pode ser. Nós vamos ter que fazer uma busca nele. Você já teve algum problema com ele?”

“Não.”

“Sua irmã vive com você?”

“Não. Ela vive em Wisconsin com o marido. Ela está aqui para uma visita.”

“Por quanto tempo?”

Cindy pensou que aquela era uma pergunta estranha. Qual era a importância? “Ela está aqui há algum tempo,” Cindy respondeu.

“Problemas no lar?” Perguntou.

“Não,” respondeu Cindy. “Ela veio para me ajudar. Meu marido morreu recentemente.”

Ele parou de escrever e parecia realmente surpreso. “Eu realmente sinto muito.”

“Um acidente na nossa lua de mel,” continuou Cindy. De repente, ela teve um intenso desejo de contar tudo. Ela queria tanto alguém para conversar. Para contar sobre suas suspeitas sobre o acidente de Clint. Sobre seus sogros. Sobre a foto suspeita. Poderia haver uma conexão com tudo isso e o acidente de carro? Seus sogros tinham acesso a sua garagem. Será que alguém mexeu nos freios? Eles teriam pensado que Cindy iria dirigir o carro. Aquele acidente era para ela?

Quem queria vê-la morta? E por quê? E o que isso tinha a ver com Clint?

“É possível que meu carro tenha sido adulterado?” Perguntou ela, hesitante.

Ele a olhou.

“Por que você pergunta isso?”

“Eu...,” ela começou. Mas ela não sabia o que dizer. Era tudo muito opressor.

“A morte de meu marido... Eu não acho que tenha sido um acidente.”

Ele olhou para ela.

“Como ele morreu?”

“No oceano. Surfando. Em Barbados.”

Lágrimas encheram os olhos de Cindy.

“Ele não estava destinado a morrer,” ela simplesmente disse e, sem se controlar, começou a chorar.

“E o meu carro estava em perfeitas condições. Teria que ser alguém próximo para mexer nos freios, alguém com acesso à minha garagem.”

Ela sentiu uma mão em seu ombro.

“Senhora,” disse ele, “você já passou por muita coisa. Acho que você deveria ir para casa e descansar. Nós vamos fazer um diagnóstico completo sobre o seu carro. Não se preocupe. Se encontrarmos alguma coisa fora de lugar, você será a primeira a saber. Tudo bem?”

Mas, ao vê-lo sair, enquanto ela estava lá sozinha, na sala de espera, de repente, ela sabia - sem dúvida alguma. A morte de Clint e o incidente com o carro tinham relação. Aquele acidente era para ela. Ela estava mais convencida do que nunca, quem queria Clint morto, a queria morta também.

E nada iria impedi-lo até que isso acontecesse.

## Capítulo 9

Ann foi diagnosticada com uma concussão, um trauma craniano e uma clavícula quebrada. Eles a monitoraram de perto. Era para ter sido comigo, Cindy não parava de pensar. Não era para eu estar viva. Por alguma estranha razão, isso não a surpreendia, apenas a deixava alerta e a deixava pensativa. Se ela quisesse continuar vivendo, ela *precisava* descobrir o que estava acontecendo.

Cindy ficou ao lado da cama da irmã, segurando a mão dela enquanto ela era levada para seu próprio quarto. Acima de tudo, ela estava determinada que Ann ficasse bem. “Você vai ficar bem,” ela continuou murmurando, como se fosse um mantra.

Assim que Ann chegara a seu quarto, Cindy teve que se sentar em uma cadeira no canto, então as enfermeiras assumiram, colocaram Ann numa cama de hospital, verificaram seus sinais vitais, configuraram sua medicação. Enquanto ela estava lá assistindo, Cindy repassou todos os eventos em sua cabeça.

Não havia dúvida sobre isso, o que aconteceu em Barbados estava longe de acabar. Tudo o que acontecera desde então, estava ligado por um fino fio. Cindy tinha que seguir este fio, puxá-lo um pouco e tudo iria se abrir. A hostilidade com a família de Clint não tinha terminado, só ficava pior. Eles eram os únicos que ela sabia que tinham acesso a sua garagem. Eles deviam ter achado que ela iria dirigir. E quem mais teria aquela foto?

Enquanto Cindy traçava o fio do raciocínio, este se mantinha apontando para a família de novo e de novo. E o que dizer de Clint? Eles estavam furiosos por ele ter ignorado seu conselho sobre o casamento. Será que um deles havia armado para que ele fosse sequestrado e morto na praia? Será que seu corpo tinha sido jogado no mar para que pudesse ser encontrado e o caso, encerrado? Quem tinha mais a ganhar com isso?

Cindy pensou sobre o marido de Marge Ralph - como ele estava quase sempre quieto e mal-humorado. Será que ele tinha medo de que o casamento de Clint e Cindy afetasse sua posição na família ou a sua herança? Ele era de uma família pobre, era obcecado com a segurança financeira. Cindy não duvidava. E Marge e Clint nunca foram próximos.

Era por isso que Clint nunca falava sobre sua família? Será que ele podia ter percebido que havia perigo e não queria falar disso? Será que ele tinha mantido todo tipo de segredo dela? A ideia a horrorizava, mas ela precisava enfrentar esta possibilidade, quer ela gostasse ou não. A foto lhe dissera que algo obscuro estava à espreita em seu passado. Seria possível que alguém quisesse se vingar dele?

Cindy sentiu seu mundo começar a tremer, como se não houvesse mais terra firme para se sustentar. Ela não podia descansar até descobrir o que realmente acontecera. Nada mais importava.

A porta do quarto do hospital abriu e o marido de Ann, Frank, entrou. Ele tinha acabado de chegar de Wisconsin, parecia exausto e assustado.

Ele e Cindy nunca tinham se dado bem. Ela sempre fora um incômodo para ele, parecia ocupar muito o tempo de Ann.

Pela sua expressão, parecia que ele achava que Cindy era a responsável pelos ferimentos de Ann.

Frank era um homem corpulento, alto, esperto, se deu bem nos negócios, e se preocupava profundamente com sua esposa. Ele correu para dentro do aposento no minuto em que pôs os pés no hospital para ver Ann, mal disse Olá a Cindy.

Cindy se levantou e foi para o corredor, para dar-lhes tempo a sós.

Ao ficar no corredor, ela pensou como ela nunca entendera como Ann havia escolhido Frank, ou como os dois eram tão próximos, mas ela ficava feliz por sua irmã.

O coração de Cindy apertou ao perceber a falta que ela sentia de Clint. Se ele estivesse aqui, Ann nunca teria se machucado. Clint teria buscado Frank no aeroporto e, naquele momento, os quatro estariam

saindo para comer comida chinesa. Clint sempre gostou de Frank. O vazio dentro Cindy a apertava profundamente. Como ela iria superar isso? Ela não iria.

De repente, ela percebeu que isso não importava. Talvez não se tratasse de superar o ocorrido. Tratava-se de encontrar a verdade, obter justiça para Clint, impedir que coisas piores acontecessem. Não havia tempo para auto piedade. Ela tinha um grande trabalho pela frente.

Quando Frank finalmente saiu para o corredor, seu rosto parecia pálido. Na verdade, ele parecia mais velho do que Cindy se lembrava.

“Eu sinto muito sobre isso, Frank,” Cindy disse.

Ele apenas resmungou.

“Ann vai ficar bem.”

“É claro que ela vai ficar bem,” ele disse energicamente. “Mas ela vai ter que ficar no hospital por um tempo. Em seguida, haverá a reabilitação. Isto é um pesadelo.”

“Eu não sei como isso aconteceu,” Cindy murmurou.

“O que quer dizer com você não sabe? Os seus freios falharam. Será que você não revisa o seu carro?”

“Ele é quase novo. E eu fiz a revisão.”

“Que inferno” - Frank não suportava falar com ela - “há sempre alguma coisa acontecendo ao seu redor, não é?”

Cindy ficou ressentida com seu comentário. “Você está me culpando pelo acidente?”

“Eu não estou culpando ninguém. Eu apenas disse que sempre há algo. Está ficando cansativo.”

“Eu sinto muito, Frank.”

“Desculpe-me, não é suficiente. Eu não vejo por que você simplesmente não volta para Wisconsin, quando sua irmã estiver melhor, e lhe dá alguma paz de espírito?”

“Eu não posso. Não até eu descobrir quem matou Clint.”

Frank então ficou paralisado. “Você deve estar brincando?”

“Ele não morreu surfando.”

“De que diabos você está falando agora? Será que a polícia lhe disse alguma coisa?”

“Não. Eles não precisam. Eu simplesmente sei.”

“Sabe o quê?” Os olhos de Frank estavam girando. Ele estava começando a parecer doente.

“Você sabe como a família dele não suportava as namoradas de Clint,” disse Cindy.

“E?” Frank parecia aterrorizado.

“Como você acha que eles se sentiram sobre eu tirar Clint deles para sempre? Basta pensar nisso por um minuto.”

“Oh Jesus,” Frank gritou. “Você está ficando louca.”

“Quem o matou me quer morta, também. Se eu voltar para Wisconsin, eles também vão me caçar lá.”

“Você está completamente louca - paranoica!” Ele falou.

“Exatamente o oposto. Estou no rastro de algo grande. Mas eu não estarei segura em nenhum lugar até que eles me encontrem. E, se eu for para Wisconsin, você e Ann também não estarão seguros.”

“Você está pior do que eu pensava,” Frank finalmente soltou.

Então, de repente, ele foi direto para o banheiro no fim do corredor.

Cindy o assistiu correr pelo corredor, enquanto a enfermeira saiu do quarto de Ann e tocou em seu ombro.

“Vólte agora mesmo,” disse ela, “a respiração da sua irmã está complicada. Ela precisa de você lá.”

\*

Cindy sentou-se ao lado de Ann, enquanto ela lutava para respirar. O som da respiração de Ann lembrou Cindy das estranhas aves que ela tinha escutado em Barbados, granando através das árvores na escuridão da noite. Por alguns momentos, ela se perguntou se as complicações que estavam aparecendo

não poderiam ser tratadas. Ann iria morrer?

Frank estava longe de ser encontrado. Depois de vomitar, ele precisava de uma pausa e então desceu as escadas para andar de um lado para outro pelas ruas da cidade. Até o momento em que ele voltou, as coisas tinham acalmado e Cindy podia deixar o hospital. Era no meio da noite.

Enquanto Cindy andava pelo estacionamento do hospital abandonado, em direção ao pequeno carro de Clint, de repente, ela ouviu passos.

Ela se virou e procurou a vaga mal iluminada, sentindo uma onda de medo correr através dela. Ela estava sendo seguida?

Os passos ficaram mais altos, Cindy se escondeu atrás de uma coluna de cimento. Ela observou e esperou.

Finalmente, ele apareceu. Era apenas um médico, indo em direção ao seu carro.

Cindy deu um enorme suspiro de alívio. Ela repreendeu-se. Será que estava perdendo a cabeça?

Quando Cindy chegou em casa, ela não conseguia dormir.

Ela rolou na cama e pegou a Bíblia que Tom Mallord lhe dera. Abriu-a de forma aleatória e começou a ler:

*Pois nada há de oculto que não venha a ser revelado, e nada em segredo que não seja trazido à luz do dia.*

Cindy se endireitou. Aquilo era lindo. Era um sinal. Estava incentivando-a a ir em frente, dizendo-lhe que a verdade seria revelada.

*Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!*

Cindy estremeceu. Ela tinha ouvidos para ouvir. Suas orelhas, sua mente, seu coração, todos estavam partidos. Ela estava escutando com cada poro do seu corpo. À espera de ouvir os próximos passos a serem tomados.

## Capítulo 10

Cindy não podia ir para a Filadélfia para falar com Heather diretamente até que ela soubesse que Ann estava estável. E o caminho a ser percorrido era longo. As complicações estavam chegando; Ann estava tendo congestões em seus pulmões e precisava ser acompanhada de perto. Frank estava ao seu lado constantemente, mas Cindy tinha medo de sair da cidade, mesmo por algumas horas.

“Vá fazer o que você tem que fazer,” Frank disse a ela. “Você não está ajudando sua irmã ficando aqui, parece que a morte está por perto. Faça o que você tem que fazer para se sentir melhor. Eu tenho as coisas sob controle.”

Cindy sabia que ele se sentia melhor sem ela, mas tampouco havia verdade no que ele disse. Que bem trazia para Ann, ou para qualquer um, se mais problemas estivessem prestes a acontecer e não houvesse ninguém tentando impedi-los?

Antes que ela começasse o dia, Cindy decidiu que era hora de fazer uma bela e longa corrida para limpar a cabeça. Ela tinha se fechado por muito tempo. Vestiu-se rapidamente com um calção e uma camiseta e decidiu pegar o carro pequeno de Clint e dirigir até Arbor Lane para correr.

Era a primeira vez que Cindy saía ao ar livre em três semanas. Enquanto ela dirigia pela cidade para Arbor Lane, ela olhou para as ruas de paralelepípedos sinuosas e arborizadas. Cove Bay era um subúrbio pitoresco. Tanto a cidade quanto as pessoas ali eram bem arrumadas, charmosas e reconfortantes. Havia um grande relógio no meio da cidade e bancos embaixo dele. Lojas pequenas, meigas e sofisticadas e cafés com áreas externas se alinhavam nas ruas. As pessoas estavam andando para cima e para baixo, deixando recados, conversando, como se tudo fosse normal, como se outro assassinato quase não tivesse sido cometido, bem no meio deles.

Cindy dirigiu e passou por um Ben e Jerry's e uma grande loja de música. No canto mais distante do próximo bloco havia uma loja de esportes e uma loja de suprimentos de arte. Clint tinha tido toda a vantagem de crescer ali, a salvo e seguro. Ele amava Cove Bay e estava determinado a se estabelecer ali e criar uma família. Inicialmente, Cindy tinha sugerido que eles se mudassem para um pouco mais longe da família dele, para a cidade mais próxima. Mas ele foi inflexível sobre este ponto. Ele nunca sairia de Cove Bay.

Parecia estranho dirigir através de sua cidade agora, sem ele, quase como se ela fosse um fantasma passando através de seu mundo.

Ela virou-se em outra direção e dirigiu pelas ruas de volta para Arbor Road.

Arbor Road era uma estrada arborizada, bonita e deserta, que levava até a baía. Muito poucos sequer sabiam que aquela estrada descia até lá. Clint a tinha levado lá para correr várias vezes. Era perfeito para movimentar-se e limpar a mente. E foi ótimo sentar-se em uma das grandes pedras sobre o cais quando ela chegou. Ela podia sentar e ouvir o som da água que espirrava e decidir o que fazer em seguida.

Ela estacionou sob uma árvore e saiu. O horror de ter Ann no hospital veio em ondas. Ela ficava olhando Ann ali, impotente, estendendo-lhe a mão.

O cheiro doce de glicínias encheu o ar, junto com o cheiro salgado da água. Cindy respirou algumas deliciosas lufadas. Não faria nenhum bem a Ann se Cindy ficasse sem o que fazer. A melhor coisa que ela podia fazer por Ann agora era manter-se saudável e vigilante.

Cindy começou a correr em direção ao fim da estrada. Parecia incrível estar se movendo novamente. O ar acariciou seu rosto enquanto ela corria, assegurando-lhe que havia beleza na vida, que ela poderia continuar em frente.

As árvores dos dois lados fizeram um mandril para ela, apoiando-a ao longo de seu caminho. Era fácil libertar-se correndo, esquecer-se de tudo. Por um momento, ela queria mesmo esquecer. Colegas de

trabalho de seu escritório continuavam ligando. Eles sentiam a falta dela. Mesmo que ela tivesse todo o tempo que ela precisava, eles esperavam que ela pudesse voltar, mesmo que por um ou dois dias.

Parte de Cindy queria voltar ao trabalho, fingir que o mundo era seguro e normal, retomar a vida como de costume, se tornar uma das pessoas que trabalhavam pela cidade.

Ao se movimentar agora, ao longo da estrada, Cindy teve um lampejo de desejo de não provocar mais confusão. Ela queria acreditar que a morte de Clint fora realmente um acidente. Em seguida, ela poderia passar o tempo com Ann no hospital até que ela estivesse melhor, voltar para o trabalho de artigos, almoçar com amigos, ver um filme à noite. Podia arranjar um advogado para lidar com a família de Clint e começar sua vida de novo.

Ela correu um pouco mais rápido, então, animada e assustada com o pensamento. Ann estava certa de uma forma engraçada. O tempo passaria e curaria suas feridas. Mas o que dizer de Clint? Será que suas feridas nunca iriam curar? Como poderia a sua vida não contar para nada? Ele merecia mais. Ele merecia justiça, e ela merecia saber a verdade.

E, além disso, o que a fazia pensar que os assassinatos tinham acabado? Naquele exato minuto, ela sentiu que era provável que alguém a queria morta. Ela era muito próxima de Clint. Devia ser ruim ainda tê-la por perto.

Não, não havia como voltar atrás. Seu trabalho estava fora de cogitação para ela, quer ela gostasse disso ou não.

Era umas nove horas quando ela chegou até a baía, o sol da manhã estava chegando. Ela parou e se espreguiçou debaixo de uma árvore e encontrou uma grande e escorregadia rocha para descansar. Assim que ela subiu na pedra, ela viu uma figura caminhando em sua direção na areia. Ele vestia shorts de corrida, uma toalha em volta do pescoço e parecia familiar e amigável. Ao se aproximar, ela ficou surpresa ao ver que era Al, o padrinho de casamento de Clint.

“Meu Deus, é você, Cindy?” Ele perguntou, aproximando-se, respirando com dificuldade.

Cindy não poderia estar mais surpresa. Ele parou ali na areia, em frente à pedra, olhando para ela. “O que no mundo que você está fazendo aqui?” Ele quis saber.

“Eu vim correr. Clint e eu sempre corríamos aqui.”

“É bom para você,” disse ele. “Ótimo. É incrível que você possa voltar a correr.” Então, ele olhou para a areia e depois para a água. “Eu quero lhe dizer de novo,” disse ele, “O quanto estou triste, como isto é horrível. Todo mundo ainda está falando sobre isso.”

“Obrigada,” disse Cindy, protegendo os olhos do brilho do sol.

“Quero dizer, Clint era o cara mais extraordinário.”

“Eu sei,” disse Cindy.

“Olha, eu estou feliz de ter passado aquele dia no final de março com o Clint. Eu fico pensando sobre isso. Tivemos um momento maravilhoso.”

A mente de Cindy acelerou. “Final de março?” Ela não se lembrava de Clint ter mencionado nada sobre ter passado um dia com Al em março. Ela repassou o cronograma de Clint em sua mente novamente. Ele tinha ido a uma conferência em Washington, D.C., durante um fim de semana em março. Fora isso, ele só tinha estado com ela. Ela não tinha ideia de que Al fora na conferência também.

“Ah, sim,” disse ela, “Eu me lembro, a conferência em Washington, D.C.”

“Em Boston,” Al corrigiu, “no final de março. Nós não fomos a uma conferência, só passamos um tempo incrível.”

Cindy ficou em silêncio.

Al olhou para ela com estranheza. “Você tem muito em sua mente,” disse ele. “É fácil esquecer coisas assim.”

“Muito fácil,” ela respondeu. Ela não tinha nenhuma intenção de deixá-lo saber que ela não sabia nada sobre isso. Ou que todos os tipos de mentiras estavam se acumulando rápido.

“Fomos para o Grande Hotel. Ele deve ter lhe contado.”

“Claro,” disse Cindy. “Há apenas tantos detalhes para se pensar agora.”

“Lógico,” disse Al. “Realmente, eu sinto muito.”

Clint nunca lhe disse que estava indo para o Grande Hotel com alguém em março. Apesar do sol quente sobre sua cabeça, um frio gelou sua espinha.

Al conhecia Clint desde que eram crianças. Cindy, de repente, queria perguntar-lhe sobre Heather Krane, mas ela pensou melhor. Se ela lhe contasse sobre a foto, isso se espalharia por toda a cidade. Esta era a última coisa que Cindy queria.

“Eu conhecia Clint há muito tempo,” disse Al.

“Adoraria conhecer mais,” Cindy falou. “É natural querer saber sobre a vida de Clint quando ele era jovem e mais novo.”

“Claro que é,” disse Al. “Faz você se sentir mais perto dele agora.”

“Verdade,” concordou Cindy. “Eu só o conheci um ano antes de nos casarmos-”

“Nós todos sabemos disso,” ele interrompeu. “Ninguém poderia superar isso. A família dele, eles são um grupo interessante. E Clint era o menino de ouro. Eles não gostavam muito de suas namoradas. Nenhuma delas. Os caras sempre brincavam com isso. Nós não acreditamos quando eles realmente deixaram ele se casar. Ouvimos dizer que você e Marge se deram muito bem.”

Al colocou a toalha para baixo e começou a se alongar.

Clint provavelmente tinha dito isso a ele. Era a fantasia favorita de Clint. Ela tentou dizer a Clint quão difícil sua família era com ela, mas ele não escutava isso, sempre pensou que eles estavam se dando muito bem. Cindy pensava que isso não importaria muito, uma vez que ela e Clint estivessem casados. Ela não podia acreditar o quão errada ela estava.

Ela ficou aliviada quando Al foi embora e ela pode sentar-se sozinha e descobrir o que tinha acontecido. Ele e Clint tinham estado em Boston por um dia em março? Do que raios ele estava falando? Ela revirou seus pensamentos sobre os últimos meses em sua mente de novo. Não havia dúvida, Clint tinha estado fora da cidade apenas uma vez, no final de março, para uma conferência sobre perfuração offshore em Washington, D.C. Ele tinha escrito um artigo para apresentar lá.

Algo estava terrivelmente errado. Ela levantou-se da rocha, esfregou seu corpo e começou a voltar, ansiosa para verificar os registros e calendários de Clint. Tinha que haver recibos da viagem, notas, memorandos. Era parte do trabalho de Clint.

\*

No minuto em que ela chegou em casa, ela foi direto para o seu escritório.

Era incrível ver quanta coisa guardada havia nas gavetas de Clint. Havia também muitos arquivos nas caixas fechadas na parte de trás da sala que não tinham sido arrumados ainda.

Quando Cindy folheou os papéis de Clint, encontrou diferentes calendários de anos passados, todos amassados juntos. Ela os colocou em outra pilha, chocada como tudo estava bagunçado. Ela mantinha seus registros organizados e simples. Quando alguma coisa acabava, ela jogava fora. Sua agenda era apenas do ano presente.

Ela passou de um calendário após o outro e, finalmente, encontrou o calendário certo, de março passado. A conferência em Washington, D.C., estava escrita nele. Cindy deu um enorme suspiro de alívio. Mas, em seguida, seus olhos foram atraídos para a parte inferior da página. Havia uma nota em tinta vermelha que dizia que sua apresentação havia sido cancelada. Cindy engasgou. Ele nunca disse isso a ela. Ela vasculhou através daquela página e em outras para encontrar qualquer menção sobre Boston, ou sobre o Grande Hotel. Nenhuma palavra. Mas ela tinha certeza de que Clint estivera fora naquele fim de semana e que ele lhe dissera que estava indo para a conferência em Washington, D.C.

Cindy sentou-se na cadeira de madeira e colocou a cabeça entre as mãos. Uma dor aguda percorreu sua têmpora direita. Não havia nenhuma dúvida sobre isso, Clint havia mentido, talvez mais outras vezes.

Ela, de repente, estava com medo de ir além. O que mais ela iria encontrar? Mais do que qualquer outra coisa no mundo, ela confiava plenamente em Clint e lhe dizia isso muitas vezes. Ele sorria quando ela lhe falava isso.

“Pode confiar em mim para tudo,” ele disse. “Eu sempre estarei aqui para você.”

Ela era uma idiota? Ela sentiu como se realmente não conhecesse o homem com quem ela havia se casado. Será que ele vivia em deslizos?

Ela levantou-se por um momento, foi ao banheiro e jogou água fria em seu rosto. Era fácil duvidar de tudo agora, ter medo de nunca mais confiar em seu próprio julgamento. Mas Cindy se recusava. Havia definitivamente uma parte de seu mundo que ele estava escondendo, mas ela não sabia por quê. Talvez ele precisasse de algum tempo afastado com seus amigos e não sabia como pedir isso a ela? Ela tinha que ter cuidado antes de pensar o pior. Cindy precisava que ser dura com ela mesma agora. Era hora de reunir fatos. Ela tinha que ver onde o fio realmente a levaria. Não era hora de jogar quebra-cabeças na mente.

Cindy teria que ver todos os seus papéis, ver como ele viveu, o que ele estava fazendo, o que ele tinha que esconder. E quem o queria morto. Ela não podia esperar até Ann sair do hospital. Muita coisa estava acontecendo muito rápido. Mas primeiro, ela tinha que ver Heather pessoalmente. E ela tinha que fazê-lo hoje.

# Capítulo 11

Cindy, no pequeno carro de Clint, estava dirigindo para a Filadélfia. Ela estava determinada a encontrar Heather cara a cara. Ela precisava saber o que Heather poderia lhe contar.

Antes de sair, Cindy tinha discado o número de Heather, só para ver se ela estava lá. Uma voz suave respondera.

“Oi, quem está aí?”

Cindy desligou. Ela estava lá, em sua casa. Isso era tudo que Cindy precisava saber.

O caminho foi rápido e fácil. O carro quase voou por conta própria. Quando ela desceu para a Filadélfia, ela verificou o mapa e seguiu pelas ruas que se curvavam ao redor até encontrar o quarteirão de Heather.

Heather vivia em um triplex de três andares em uma rua arborizada e residencial. Cindy parou e estacionou em frente a sua casa. Ela tinha planejado sair do carro assim que lá chegasse, ir até a porta, tocar a campainha e se apresentar. Mas, de repente, ela pensou melhor. Cindy não tinha ideia de como Heather iria reagir. Ela poderia fechar a porta na cara de Cindy. Se Cindy recusa-se a sair, ela poderia chamar a polícia. Cindy não podia correr esse risco. Ela *precisava* confrontar Heather pessoalmente, mostrar a ela a foto, perguntar-lhe sobre isso diretamente.

Era quase hora do almoço. Cindy decidiu esperar no carro do outro lado da rua e manter seu olho sobre o arenito até Heather sair. Cindy estava preparada para sentar lá e esperar o dia todo, até mesmo a noite toda, se necessário. Quando Heather saiu, Cindy iria segui-la de carro, ver aonde ela iria. No momento perfeito, quando Heather estivesse sozinha, Cindy iria sair, ir até ela, e mostrar-lhe a foto.

Após cerca de meia hora observando a casa, Cindy começou a se perguntar o que aconteceria se Heather saísse cercada de amigos. Eles podiam sair todos juntos para o almoço. E, quando Cindy confrontasse Heather, e se ela não conseguisse fazê-la falar? Também era possível que ela mentisse. Mas Cindy estava convencida de que ela era incisiva o suficiente para evitar este último.

Cindy ligou o rádio. A estação estava tocando músicas antigas. Ela colocou em outra estação, notícias. Inquieta, Cindy o desligou. Exatamente neste momento, a porta do prédio de Heather abriu e ela veio para fora, com um menininho em um carrinho de criança. Ela cuidadosamente empurrou o carrinho pelos degraus, um passo de cada vez. Era chocante vê-la em pessoalmente, daquele jeito. Assim como na foto, ela era alta e bonita. Vestia calça jeans e uma camisa polo, ela parecia feliz e despreocupada, tendo um dia comum.

Cindy queria sair do carro e correr até ela, mas ela sabia que ainda não era hora. Ao invés disso, ela a seguiu de carro, lentamente pelo quarteirão, observando cada movimento seu. Heather foi até a esquina, atravessou a rua e então andou mais alguns blocos. Cindy foi junto. Alheia ao fato de que um carro a seguia, Heather conversava baixinho com seu filho.

Quando ela chegou à terceira esquina, Heather virou para a direita e se dirigiu para um parque infantil. Com exceção de algumas mães e filhos dispersos aqui e ali, o lugar estava quase vazio.

Cindy estacionou em frente ao parque infantil e ficou olhando.

Heather entrou pelas portas abertas e desamarrou o filho do carrinho de criança. O menino se contorceu para fora imediatamente e correu para os balanços. Ela foi correndo atrás dele, rindo e depois o pegou e o colocou em um balanço.

Cindy sentiu uma mistura de tristeza e dor. Esta era a vida que ela deveria estar vivendo.

Ela saiu do carro lentamente e entrou no parque infantil. Depois, sentou-se no banco em frente aos balanços e assistiu Heather impulsionar seu filho.

Mesmo que fosse o final da primavera, uma brisa fresca soprava. Heather era bonita e divertida. O coração de Cindy apertou em um nó. Clint a amava? Eles ainda estavam se vendo quando ele morreu?

Eles trocavam e-mails? Será que ele já havia superado essa relação?

Cindy levantou-se e, em seguida, aproximou-se dos balanços e ficou ao lado de Heather e seu filho.

“Oi,” Cindy disse levemente.

Heather olhou diretamente para ela. “Oi,” ela sorriu. “Eu conheço você?”

Cindy não conseguia encontrar as palavras para responder. Ela decidiu ir direto ao ponto, enfiou a mão no bolso e tirou uma foto dele.

“Alguém enviou isto para mim no correio,” disse Cindy, mostrando-lhe a foto.

“Oh meu Deus,” disse Heather, olhando para a foto. “Uma foto minha?”

“E do seu filho.”

“Eu nunca vi essa foto.” Ela olhou para ela mais de perto, intrigada. “Eu nem sabia que ela foi tirada. Quem a enviou para você? Quem é você?”

“Para ser mais exata, ela foi enviada para o meu marido,” disse Cindy.

Heather ficou pouco à vontade. “O que isso tem a ver comigo?” Ela quis saber.

Cindy se sentiu mal. Ela gostou dela, e estava arrependida de tê-la colocado no meio disso.

“Alguém matou o meu marido,” disse Cindy sem rodeios.

Heather engasgou. “Isso é horrível.”

A criança pequena no balanço começou a pedir mais. Heather tinha parado de balançá-lo. Ela ficou ali, paralisada.

“Clint Blaine era meu marido,” disse Cindy.

“Clint Blaine está morto?” Heather respirou alto. Por um momento, parecia que ela iria desmaiar. Era difícil para ela se levantar. “Oh meu Deus. Eu não tinha ouvido esta notícia.”

Cindy acreditava nela. “Vamos sentar no banco e conversar.”

“Balance-me mais alto, mais alto,” o menino continuou pedindo.

Heather ignorou.

“Alguém enviou esta imagem para Clint uma semana antes do nosso casamento,” disse Cindy. “Você pode me dizer por quê?”

“Eu não tenho ideia,” disse Heather. “Eu não sei nem quem a tirou. Eu não vejo Clint há pelo menos uns três anos.”

“Vocês são amigos no Facebook,” disse Cindy.

“Eu tenho mil e cem amigos.” Heather estava falando rápido. “Eu o adicionei como amigo há muito tempo, apenas para você saber. Eu não acompanhava a sua vida. Quando vocês dois se casaram?”

“Um pouco mais de um mês atrás,” respondeu Cindy.

“Eu nunca ouvi nada tão horrível,” disse ela.

Seu menino chamou de novo: “Mamãe! Mamãe!”

“Ele é uma criança bonita,” comentou Cindy. Ela olhou para ele de perto agora, pela primeira vez. Ele tinha olhos azuis enormes, assim como Clint, e um sorriso travesso.

“Há algo que você não está me contando,” disse Cindy lentamente. “E é a razão pela qual eu tenho essa foto.”

Heather começou a tremer, como se um vento congelante tivesse passado.

“Eu nem conheço você,” ela disse em uma voz fina.

“Você pode me olhar no Facebook,” disse Cindy. “Você vai ver que eu sou esposa de Clint. Que motivo eu teria para mentir? Havia algo entre vocês dois?”

“Não foi grande coisa. E aconteceu mais de três anos atrás,” disse Heather. “Nós namoramos por um tempo e foi só isso. Não significou muito para mim, nem para ele. Bem quando eu estava saindo com ele, eu conheci outra pessoa e realmente me apaixonei. Foi pelo homem com quem me casei. Clint e eu terminamos logo em seguida. Fomos amigos casuais depois disso por alguns meses, e foi só isso.”

As duas mulheres se entreolharam. “Eu juro,” disse Heather.

Cindy sabia, no seu âmago, que aquela não era toda a história.

“Você tem que me dizer tudo,” disse Cindy, “porque agora eu estou em perigo, e minha família também.”

Heather mal podia falar. “É horrível, realmente horrível,” ela finalmente soltou, assimilando tudo.

“Você tem que me dizer a verdade. Você viu Clint no ano passado?” Cindy preparou-se para qualquer coisa.

“Não mesmo,” Heather engasgou. “Eu juro para você, eu sou muito bem casada.”

“Ele tinha contato com você?” Indagou Cindy.

“Nenhuma vez. Não havia motivo.”

“Balance-me mais, mamãe!” A criança gritou.

“Heather, ouça, há uma razão para alguém enviar a Clint uma foto sua algumas semanas antes de ele ser morto.”

Heather empalideceu.

“Os assassinatos ainda não terminaram,” Cindy continuou. “Nem estão perto disso. Todos nós podemos estar em perigo.”

Heather parecia aterrorizada. “O que você quer dizer com *nós*?”

“Quem matou Clint tirou esta foto de você e do seu filho.”

“Meu filho pode estar em perigo?” Ela começou a tremer.

“Qualquer coisa é possível,” respondeu Cindy.

Os olhos de Heather encheram de lágrimas. “Você tem que jurar que não vai contar a ninguém.” As palavras se derramavam para fora dela. “Jure.” Ela estava tremendo.

“Eu não sei se eu posso jurar,” disse Cindy. “Talvez eu tenha que dizer a alguém se você e seu filho precisarem de proteção.”

“Eu não tenho nenhuma ideia de quem tirou a foto, mas este filho é de Clint,” Heather explodiu.

“Ninguém sabe disso. Nem Clint. Eu nunca disse a ele. Eu nunca disse ao meu marido. Ele acha que o filho é dele. Estávamos tão felizes juntos, iríamos nos casar, isto teria arruinado tudo. Nem eu mesma sabia quem era o pai, para começar. O calendário estava sobreposto. Foi uma loucura.”

“Como foi que você descobriu que era filho de Clint?”

“Ele se parece muito com ele.” A voz de Heather estava trêmula. “Eu olho para ele e vejo Clint. Eu não podia suportar isso então eu finalmente fiz um teste. Só pra ter certeza.”

Os sentimentos de Cindy estavam por todo o lugar. Ela e Clint tinham falado muitas vezes sobre a família que queriam ter juntos. Agora Clint tinha um filho que ele nunca soube, com outra pessoa. Isso era terrível. Por outro lado, havia uma parte de Clint ainda viva. E isso era maravilhoso.

“Eu tenho que manter meu filho seguro, e o meu casamento também.” Heather não conseguia recuperar o fôlego. Então ela começou a soluçar.

Cindy queria acalmar Heather. “Deve ser tão doloroso para você manter tudo isso escondido,” disse ela.

“Não, não é,” Heather falou. “Eu amo meu filho. Amo meu marido. O meu marido ama esta criança como se fosse sua. Vou ter mais filhos no futuro. Quem está magoado com isso? Ninguém.”

“Mas alguém sabe,” disse Cindy.

Os olhos de Heather se arregalaram. “Quem?”

“A pessoa que tirou a foto.”

“Eles querem arruinar a minha vida?” Perguntou Heather. “Por quê?”

As duas mulheres ficaram lado a lado, compatriotas súbitas, enfrentando um inimigo desconhecido.

“Eles queriam arruinar a vida de Clint,” respondeu Cindy.

“Mas por quê?”

“Isso é o que estou tentando descobrir,” disse Cindy. “Mas eu acredito que quem tirou a foto matou

Clint também.”

Era demais para Heather. Ela colocou as mãos sobre o rosto.

“Eu estou apavorada,” ela murmurou.

Cindy queria acalmá-la, mas não sabia como.

“Balance-me mais, mamãe, mais!” O menino gritou, levantando os braços para o céu.

\*

Dirigindo de volta para Nova York, a mente de Cindy estava girando. Ele estava chocada de descobrir sobre o filho de Clint. Se Heather era apenas uma namorada casual e se ele não tinha ideia sobre a criança, não havia nenhuma razão para que Clint a mencionasse. Ela não tinha escolha a não ser acreditar em Heather.

Mas quem poderia saber sobre a criança? Quem queria alertar Clint? Sua família sabia sobre todas as suas namoradas. Tinha alguém na família que havia conseguido rastrear tudo isso? Que havia tirado a foto? Quem mais se importaria? Por um momento louco, Cindy se perguntou se seu casamento com Clint jamais poderia ter funcionado. De repente, ela não tinha certeza. Havia tantas nuvens desconhecidas flutuando em torno dele, tantos cantos escuros em sua vida. Ela não sabia se poderia suportar encontrar algo mais, se suportaria perder a memória do homem que ela amava tão profundamente.

## Capítulo 12

Quando Cindy chegou em casa, ela estava exausta. Ela fez uma xícara de chá e desabou no sofá, bebendo-o lentamente, pensando sobre o filho de Clint. Clint teria sido um pai maravilhoso. Cindy sentiu que era terrível o fato de que Clint nunca iria vê-lo, o fato de que ele sequer sabia que uma mulher que ele mal conhecia era a mãe de seu filho.

Então, do nada, a campainha tocou. *Deve ser outro pacote*, Cindy pensou. Presentes de casamento ainda estavam chegando diariamente das pessoas que não tinham ouvido o que aconteceu ainda.

Cindy se levantou e foi até a porta.

Era a mãe de Clint.

Era extremamente incomum a família de Clint apenas aparecer do nada. E sua mãe não poderia ter escolhido um momento pior. Cindy não estava com vontade de vê-la.

E ao lado dela estava Marge, parecia distraída.

“Nós precisamos falar com você.”

Elas marcharam até a sala sem permissão e esquadrinharam o lugar de cima a baixo. Cindy imaginou o que elas estariam procurando.

“Eu nunca entendi por que Clint escolheu esta casa,” disse sua mãe com amargura. Era uma velha história; Cindy a escutara muitas vezes.

“Porque ele amava esta casa,” respondeu Cindy rapidamente. “E eu também.”

“Clint amava todos os tipos de coisas estranhas.” A mãe de Clint olhou para Cindy através de olhos semicerrados. “Ele não tinha um bom gosto refinado.”

Cindy realmente não tinha disposição para isso.

“Havia muito na vida de Clint que nós não entendemos,” comentou Marge.

“Sentem-se,” disse Cindy superficialmente. “Tem sido um dia agitado.”

“Sério?” Perguntou Marge. “O que você fez?”

Cindy ressentia qualquer pergunta deles em relação a sua vida pessoal. Ela decidiu romper barreiras, ela estava cansada de fingir que tudo estava normal.

“Eu estive verificando algumas pistas que eu tenho,” respondeu Cindy, de modo prático.

“Que tipo de pistas?” A mãe de Clint parecia animada.

“Sobre quem poderia ter matado Clint.”

Ambas, Marge e sua mãe, estremeceram. Cindy sabia que aquilo era cruel, mas ela estava cansada de jogos.

“Eu estou mergulhando cada vez mais na vida de Clint,” continuou Cindy, olhando para as duas com atenção. “Há muita coisa que não faz sentido.”

Sua mãe olhou de volta para ela. “Seja lá o que Clint fazia ou não fazia em sua vida, ele não merecia morrer.”

Cindy estava de acordo com ela. “Ninguém merece morrer. E ninguém merece ser uma jovem viúva.”

“Você mal virou uma viúva,” a mãe de Clint estalou. “Vocês dois não foram casados nem por uma semana. É mais como uma namorada.”

Cindy sentiu um soco no coração. Ela não podia deixar aquilo continuar.

“Eu sou a esposa de Clint,” ela retrucou. “Nós nos casamos em dezoito de maio, em plena vista de amigos e familiares. Quer vocês tenham gostado ou não. E eu tenho os papéis para provar isso.”

“O que é e o que não é legal é uma grande questão em relação aos casamentos nos dias de hoje,” Marge respondeu.

Cindy começou a sentir náuseas. “Você é maior do que a lei?” Cindy indagou. “Acha você pode fazer o que quiser?”

“O que você quer dizer com isso?” perguntou a mãe.

“Ralph sabe tudo sobre esses assuntos,” prosseguiu Marge. “Ele é um marido maravilhoso e um ótimo advogado. Nós temos falado sobre tudo isso.”

A mãe de Clint assentiu avidamente. De repente, ela parecia frágil e patética, segurando uma enorme bolsa de couro de marca. Naquele momento, Cindy sentiu pena dela. Ela queria lhe trazer um chá. Afinal, ela tinha perdido seu filho.

Mas a mãe continuou atacando. “Eu quero que você me diga por que não havia ninguém lá para resgatar meu filho. Não faz sentido. O tempo da morte listado no relatório do legista foi apenas alguns minutos antes de você chegar à praia.”

Esse fato estranho se agarrava a Cindy novamente. Ela não sabia o que fazer com isso, nem como o tempo havia sido determinado. Isto a deixava com as pernas bambas, imaginar Clint morrendo e, em seguida, ela chegando poucos momentos depois.

“Você levou nosso filho para longe da família e agora ele nunca mais vai voltar.”

Cindy sentiu o sangue deixar seu rosto. “É conveniente, não é, me culpar?”

“Eu não tenho ideia do que você está falando,” disse Marge. “Assim como ninguém da família. Nós não entendemos você. Nunca entendemos. Nunca entenderemos.”

Cindy nunca iria pensar naquelas pessoas como se fizessem parte de sua família. Ela não tinha ideia de como Clint poderia ter morrido e deixado ela ali, com eles.

“Onde você estava hoje à tarde?” A mãe de Clint perguntou. “Nós ligamos várias vezes.”

“Que diferença isso faz?” desafiou Cindy.

“A companhia de seguros nos contatou e o testamento deve ser avaliado.”

Por que a companhia de seguros entrou em contato com eles? Cindy perguntou-se.

“Meu pai está muito doente,” acrescentou Marge. “Grandes decisões precisam ser feitas.”

*Eles estão aqui porque eles estão preocupados com o dinheiro,* Cindy percebeu. *Eles sequer pensaram em como eu me sinto.*

A mãe de Clint se pronunciou, tensa. “Todo mundo sabe que Clint foi teimoso e tolo, às vezes, no passado. Ele fez algumas más escolhas. Agora, temos que resolver tais escolhas.”

“Eu sempre conheci Clint como sendo completamente correto em todos os sentidos,” declarou Cindy. “Eu estava errada? Existem coisas que ninguém está me dizendo?”

“Este é principal objetivo disto tudo, não é?” O rosto da mãe se fechou ainda mais. “Você o conhecia apenas há um curto tempo. Nós o conhecemos por toda a sua vida. Sabíamos cada pequena coisa sobre ele, seus amigos, suas namoradas, seus erros. O que você realmente sabe? Muito pouco.”

Elas estavam tentando abalar sua confiança - esta era a tática. Ela não permitiria isso.

“Precisamos discutir o que acontecerá com o seguro e com a casa,” Marge disparou.

Agora que Clint tinha ido embora, Marge provavelmente queria ter seu quinhão.

“O que há para discutir?” Cindy indagou. “A casa pertence a mim.”

“A casa está somente no nome do meu filho,” a mãe de Clint corrigiu.

Cindy estava chocada. Ela não tinha percebido isso. Ela pensou que Clint tinha colocado no nome dos dois.

“Nós demos dinheiro para ele completar o pagamento com o acordo de que ele colocasse a casa exclusivamente no nome dele.”

Cindy não sabia que eles haviam dado dinheiro. Ele a fizera acreditar que ele tinha muito dinheiro guardado sozinho.

“Bem, eu sou a esposa dele,” disse Cindy, “então a casa vai automaticamente para mim.”

“Nada é automático,” Marge respondeu. “Depende do testamento.”

“Você quer tomar esta casa de mim?” Cindy estava chocada.

“Ela não lhe pertence por direito,” disse Marge. “A casa pertencia a Clint. E ela pertencia a nós.”

O rosto de Cindy corou.

“Clint também não pertencia a você legalmente,” a mãe de Clint cuspiu. “Quem sabe como você o pegou só para você? Vocês se conheceram e se casaram em menos de um ano. Clint não era assim.”

Claramente, a família estava montando um processo.

“Parece que eu preciso de um advogado,” disse Cindy.

“Você precisa de mais do que um advogado,” continuou Marge. “Você precisa sair daqui. Ir para a sua casa. Levar as suas coisas. É muito doloroso para nós ter você aqui por perto. Então nós vamos deixar os advogados decidirem sobre quem fica com a casa e como o seguro será dividido.”

Cindy não podia sair da casa, mesmo se ela quisesse. Clint estava lá. Ele lhe pertencia.

“Eu suponho que vocês estão alegando que deram a Clint dinheiro para a apólice de seguro também?” Ela questionou.

“Não alegando. Temos provas disso. Cheques e recibos assinados. A indenização é nossa. O que é justo é justo.”

Cindy não conseguia aguentar mais aquilo. “Eu vou dizer o que é justo,” ela finalmente explodiu, lívida. “É justo eu ter sogros e cunhados que se importem comigo! É justo que você perceba que seu precioso filho se casou e não pertence a você! Quem sabe como ele realmente morreu? Será que você ficou tão furiosa por tê-lo perdido que você mesma quis matá-lo?”

Marge engasgou. “Você é cruel e insana.”

Cindy continuou, apenas meio controlada. “Estou investigando tudo. Inclusive vocês!”

“Por que nós mataríamos nossa própria criança?” A mãe de Clint começou a vomitar palavras. “Nós viemos aqui fazer uma oferta. A lei está completamente do nosso lado. Ao invés de deixá-la com nada, estamos oferecendo-lhe dinheiro se você apenas sair da cidade. É muito doloroso para nós ver você aqui. Você nos mantém lembrando do que aconteceu com ele.”

Cindy caiu para trás, em silêncio, no sofá. “Você quer me pagar para sair?”

“Por favor,” pediu a mãe. “Nós vamos fazer valer o seu tempo.”

“Vocês não tem maneiras mais fáceis de se livrarem de mim?” Cindy olhou diretamente para ela.

Ela parecia confusa. “Eu não sei do que você está falando.”

Cindy percebeu que ela não sabia mesmo. Quando ela olhou para Marge, ela a viu morder seu lábio inferior.

Nesse momento, ao ver como eles eram patéticos e indefesos, de repente, ela percebeu. Ela percebeu que, sem dúvida, por mais que aquelas pessoas fossem doentes como eram, eles eram extremamente impotentes, incapazes de terem matado Clint.

A realização do fato atingiu Cindy duramente. Ela esteve enganada sobre o culpado o tempo todo. Sua família não tinha nada a ver com isso, afinal. O que significava que quem tinha feito aquilo ainda estava lá fora, ainda atrás dela. E quem quer que fosse, seria melhor descobrir isso rápido.

## Capítulo 13

Quando a família de Clint foi embora, Cindy ficou olhando para fora da janela, desejando que ela pudesse falar com Clint. Ele sempre tinha mostrado a ela o panorama geral, ajudando-a a descobrir o que fazer. Se algo a incomodava, ele simplesmente colocava os braços em volta dela e eles resolveriam. Depois disso, eles passavam o resto do tempo nos braços um do outro. Isso deixava as coisas do jeito certo.

Agora, ela estava sozinha em tudo. Havia decisões importantes a serem feitas. Deixar tudo estava fora de questão. Não era exatamente à casa que ela estava apegada - era o sentimento de Clint nela, em todos os lugares. Onde mais ela poderia ir para estar perto dele agora?

Porém, a visita com sua família durante a tarde revirou tudo ao seu redor. Cindy sabia que a família de Clint era rica, mas, até agora, ela não sabia que Clint havia usado dinheiro deles. Ele lhe dissera que tinha pagado o casamento e quitado a casa. Ela acreditou nisso, ela acreditava em tudo que ele falava. Cindy sentiu que tinha encontrado sua alma gêmea, depois de anos de relacionamentos difíceis com outros caras.

Ela precisava de respostas. Mesmo exausta, Cindy voltou para o estúdio de Clint. Ela acendeu uma luz e olhou para a enorme confusão de papéis. Seria uma longa noite.

Ela puxou os papéis para fora da mesa de Clint e os organizou; havia contas antigas, faxes do trabalho, recibos de restaurantes. Havia um recibo do depósito que ele enviara para o hotel no qual eles se hospedaram durante a lua de mel. Ela o pegou e o segurou mais perto do rosto para ver se ela ainda poderia sentir o cheiro da maresia. Não. Ela o abaixou e pegou outros papéis das gavetas e os organizou em pilhas.

A maioria eram contas e recibos, fáceis de reconhecer. Alguns eram do trabalho. Cindy colocou estes em uma pilha. Em seguida, ela encontrou um recibo do Grande Hotel em Boston, do fim de semana no qual Clint deveria estar em Washington, D.C. Ela colocou este recibo em seu colo. Este confirmava o que Al havia lhe dito. Ela não gostou, mas não foi um choque.

Com o próximo recibo que encontrou, porém, ela paralisou completamente. Era de um hotel em Manhattan, o Century Plaza, de três semanas antes do casamento. O coração de Cindy acelerou. Tinha que haver uma explicação, embora ela não soubesse qual.

Ela tinha o contato da antiga assistente de Clint, Bara, que tinha sua agenda completa de trabalho.

Cindy colocou o recibo em um lugar separado e continuou. Ela não tinha exata certeza do que estava procurando, mas sabia que ela iria reconhecer tal coisa assim que a visse. Era a trama de uma vida inteira que ela estava tocando, dias, horas, dinheiro gasto, ligações recebidas e atendidas.

Quando todas as gavetas da mesa foram investigadas, ela foi para o computador de Clint verificar seus e-mails pessoais e arquivos. Era estranho digitar sua senha e login. Mesmo ela sabendo que tinha que fazer isso, Cindy sentia como se estivesse invadindo sua vida pessoal. Isto a fez pensar em seus próprios e-mails. Ela sabia que provavelmente havia dezenas deles se acumulando. Mas ela não tinha sido capaz de lidar com eles.

Havia 180 e-mails esperando por Clint. Aquela noite ia ser longa. Cindy começou a abri-los, um de cada vez. Havia e-mails sobre reuniões agendadas e frequentadas. Ela leu os comentários seguintes de Clint e as notas de agradecimento de outras pessoas pela sua excelente contribuição. Havia convites para almoços, jantares. Havia até mesmo alguns e-mails de um lobista. Clint tinha tido uma vida muito ocupada.

Cindy sabia que ele ia regularmente para Washington e participava de conferências, mas não tinha ideia que ele também se reunia com lobistas. Ela não sabia a extensão de sua pesquisa nem que havia impacto em projetos de lei aprovadas no Congresso. Clint só tinha falado sobre isso uma ou duas vezes,

de passagem.

Havia um monte de e-mails de um cara chamado Greg Hamden, um colega de trabalho íntimo de Clint. Cindy se lembrava dele mencionar Greg. Ele e Clint estavam trabalhando juntos no Projeto Tearwall há algum tempo.

Os e-mails de Greg iam direto ao ponto.

*Tenho a informação, Clint. Obrigada. Converso com você mais tarde.*

Cindy continuou percorrendo os e-mails para ver se ela poderia encontrar mais.

Outro lhe deu uma pausa por um momento:

*Não posso acreditar que você vai finalmente se casar. É bom que ela mereça você. E é bom que ela saiba no que está se metendo.* Estava assinado por A.V.

Clint não havia respondido este e-mail. O que era que Cindy não sabia no que ela estava se metendo, mas que A.V. sabia?

Cindy continuou rolando a página. Havia um grupo de e-mails falando sobre a conferência de Washington. Clint estava animado para ir. Ele iria apresentar um trabalho sobre o Projeto Tearwall. Ele tinha escrito um monte de e-mails dizendo às pessoas o horário e o lugar de sua apresentação, que ele estava ansioso para vê-los lá.

Então, alguma coisa tinha acontecido. Houve uma enxurrada de e-mails de pessoas em sua empresa pedindo a Clint para que ele comparecesse às reuniões. Ele e Greg tinham se encontrado para almoçarem separadamente. A apresentação de Clint, de repente, tinha sido cancelada. Cindy não conseguia se afastar do computador. Clint tinha dito a ela que ele havia ido à conferência e apresentara sua publicação lá.

Os e-mails contavam uma história diferente.

Quando a apresentação foi cancelada, Clint, muito chateado, mandou um e-mail para Greg para informá-lo.

*Jesus Cristo, Foi tudo o Greg respondera.*

*Inacreditável, Clint escreveu de volta.*

*Seja esperto, Greg respondeu.*

Cindy não sabia o que pensar disso tudo. Ela precisava de mais informações sobre o Projeto Tearwall e sobre o motivo de a apresentação de Clint ter sido cancelada. Ela também percebeu que ela precisava de mais informações sobre a sua empresa e no que exatamente ela estava se envolvendo.

Cindy foi ao website público da empresa. Ela clicou na história da empresa e de seus empregados e uma página inteira dedicada a Clint veio à tona.

A função de Clint na empresa era investigar os efeitos ambientais e ecológicas de uma perfuração em um determinado local. E assim aconselhar a companhia sobre os parâmetros de segurança envolvidos. Ele também era uma parte importante das campanhas de relações públicas da empresa. Era bom ler sobre ele, ver como ele era importante para eles.

Havia várias coisas sobre ele postadas lá. Enquanto ela lia, ela percebeu que Clint estava rapidamente se tornando um especialista amplamente procurado sobre os efeitos da perfuração offshore no meio ambiente. Sua pesquisa era não apenas completa, mas única. Ele tinha todos os tipos de contatos e arranjava fontes que ninguém mais tinha. Artigos sobre ele diziam que ele não deixaria nenhuma pedra sobre pedra. Tudo isso era bom, mas ela precisava de mais.

Ela decidiu usar a senha de Clint e entrar diretamente na rede de sua empresa.

Havia cartas de pessoas de todo o país e do exterior querendo sua opinião. Autoridades em Washington entravam regularmente em contato com ele para pedir apoio aos seus projetos. A informação que ele recolhia era vital para suas decisões sobre onde perfurar, quando e como. Parecia claro que Clint estava fazendo um serviço para o mundo inteiro - para as companhias de perfuração e para a vida marinha selvagem, para as linhas costeiras, para as pessoas, para as nações.

Fascinada, Cindy queria ver a apresentação que ele montara e que fora cancelada - seu relatório sobre

o Projeto Tearwall. Tinha que estar em algum lugar ali, em seus arquivos da empresa. Vários outros relatórios seus estavam lá.

Mas, para sua surpresa, o relatório sobre o Projeto Tearwall tinha sido excluído.

Cindy enviou uma enxurrada de e-mails para três ou quatro pessoas da empresa, perguntando se eles tinham uma cópia.

Ocorreu-lhe, então, que o relatório poderia estar no computador pessoal de Clint. Ela rapidamente foi até ele, conectou-se como Clint e pesquisou. Assim que ela o fez, Cindy ficou surpresa ao ver que Clint esteve baixando incansavelmente todos os seus arquivos de trabalho nas últimas semanas antes do casamento. O relatório do Projeto Tearwall tinha que estar lá. Cindy procurou e procurou.

Ele não estava lá.

Ela levantou-se da mesa e se espreguiçou. Era mais de uma hora da manhã. Ela tinha perdido completamente a noção do tempo. Mas não podia dormir agora, mesmo se quisesse. Sua mente estava girando. Ela estava preocupada que Clint não tinha dito a ela que sua apresentação fora cancelada. Por que não? Ele devia ter ficado envergonhado por isso. Ou, havia algo que ele não queria que ela soubesse? Ela não podia descontar essa possibilidade. Agora, mais e mais aspectos da vida de Clint estavam abrindo-se perante seus olhos. Ela se sentia mal do estômago. Havia tanta coisa que ele não tinha compartilhado.

Quando ela olhou para a sala, as caixas de documentos dispostas no fundo da sala chamaram sua atenção. Seu coração pulou. Talvez houvesse uma cópia impressa do relatório armazenada lá. Ele não poderia ter apenas jogado seu trabalho fora. Cindy correu para as caixas e as abriu.

Elas eram mais arrumadas, organizadas por assunto e data, em ordem alfabética, em ordem cronológica. Isso era um alívio. Ela verificou o conteúdo delas rapidamente. Nenhum sinal ou menção ao relatório do Projeto Tearwall.

Cindy pousou o pacote de arquivos em seu colo. Sua transpiração estava correndo pelas costas. Onde estava esse relatório? O que aconteceu com ele? O relatório deveria conter uma cópia de sua apresentação e também detalhes sobre o projeto em si. Ela precisava desesperadamente vê-lo. Não poderia ter desaparecido no ar.

Ela precisava de uma pausa, mas não tinha esse luxo. Ann tinha se machucado. Quem saberia o que iria acontecer? Ambos, Heather e o filhinho de Clint, poderiam estar em perigo. Ela pensou em como o rosto de Heather tinha ficado pálido quando ela percebeu o que estava acontecendo. Cindy realmente não sabia o que havia ocorrido entre ela e Clint, mas ela certamente não podia deixar que eles fossem feridos. Não era justo.

O que era justo? Cindy perguntou para si mesma, enquanto ela analisava todos os fatos. Ela se lembrou de perguntar a Clint sobre sua pesquisa de vez em quando. Ele dizia que, em geral, era confidencial. Ela nunca tinha sondado a fundo. Ela nunca tinha sondado nada. Esses dias estavam acabados agora. Não havia uma frase agora que deixaria passar.

Cindy pensava que Clint lhe contava sobre toda a sua vida. Eles prezavam transparência e honestidade. Mentira. Isso a assustava. Ela sempre acreditou que a vida era justa, que havia ordem, equilíbrio e, no final, justiça para todos. Agora ela questionava isso.

Era desanimador olhar seus papéis, refazer seus passos. Mas ela precisava de dados específicos: nomes, datas, informações. Ela teria que entrar em contato com a empresa para obtê-los.

O nome de Greg Hamden, de repente, lhe veio à mente. Ele e Clint tinham trabalhado em conjunto no projeto. Sim. Ele seria capaz de preencher as lacunas.

Então, Cindy pensou em Henry Greerson. Talvez ele também pudesse ajudar. Ele tinha ligado várias vezes, dizendo que tinha algo para lhe dar. Ele a convidara para tomar um café. Mesmo ela nunca se sentindo confortável com ele, Clint sempre gostara dele. Eles trabalharam juntos. Parecia que era hora de aceitar seu convite.

Cindy se levantou, foi até a janela e olhou para o jardim. Era no meio da noite. As árvores estavam sendo violentamente fustigadas pelo vento, que estivera forte o dia todo, sem parar. A casa parecia frágil na tempestade; não era realmente capaz de se manter sob o constante ataque do vento. Ela foi tomada pelo medo de que um grande ramo iria se romper e quebrar o telhado ou estourar através das janelas com o vento que soprava contra as frágeis árvores. A vida, de repente, parecia frágil para Cindy, como se alguém pudesse ser facilmente levado embora por uma tempestade qualquer. Ela se perguntava o que havia para ela se agarrar. No que ela poderia realmente confiar de novo?

Era quase de manhã, mas Cindy ainda não conseguira dormir. Ela precisava falar com Greg. Talvez ele estivesse disposto a encontrá-la para o almoço?

Cindy voltou a se sentar na mesa de Clint e enviou um e-mail para Greg, pedindo para que ele arranjasse um tempo para o almoço.

Para sua surpresa, uma resposta automática veio imediatamente.

*Greg Hamden não está mais trabalhando para a DGB Oil Company.*

Cindy estava chocada.

*Se você precisa entrar em contato com ele, procure sua antiga assistente, Bara, no seguinte número de telefone.*

Cindy não tinha ideia de por que Greg não estava mais na empresa. Ele estava trabalhando lá antes mesmo de Clint entrar na companhia.

Ela olhou para o relógio: 05:15. Bara não chegaria até mais algumas horas.

Com seus olhos fechando de exaustão, Cindy decidiu dormir um pouco. E, em seguida, ligar para Bara assim que ela acordasse.

\*

Cindy acordou às 9:15 e imediatamente ligou para Bara. A ex-assistente de Clint, Cindy a conhecia. Elas, inclusive, já haviam se visto algumas vezes.

“Eu preciso falar com Greg Hamden,” ela disse quando Bara pegou o telefone. “Você pode me informar como entrar em contato com ele?”

“Desculpe-me, esta informação não está disponível,” respondeu Bara em um tom cortante.

Aquilo era ridículo. Cindy não seria dissuadida. “É extremamente importante.”

“Quem está falando, por favor?”

“É Cindy Blaine, a esposa de Clint Blaine.” Cindy estava relutante em dizer a ela, mas não tinha escolha.

Houve um longo silêncio do outro lado do telefone, como se Cindy fosse a última pessoa que Bara esperasse ligar.

“Eu sinto muito sobre Clint,” disse Bara, em seguida, em voz baixa. “Como você está?”

“Já estive melhor,” disse Cindy.

“Eu adoraria ajudá-la, mas-” obviamente, Bara tinha recebido ordens para não passar nenhuma informação.

“Por favor,” Cindy interrompeu, “Greg era um bom amigo de Clint. Eu acho que ele ainda não sabe o que aconteceu com ele.”

Bara parou um momento. “É verdade, Greg saiu antes de ficarmos sabendo sobre Clint”.

“Eu sei que Clint gostaria que ele fosse informado.” Cindy estava jogando abertamente com os sentimentos dela, mas ela não tinha escolha.

Bara cedeu. “Tudo bem, não diga a ninguém que eu estou lhe passando isso.” E ela rapidamente passou o número de telefone de Greg.

Cindy animou-se por consegui-lo. “Só mais uma coisa,” Cindy continuou rapidamente, “será que você teria uma cópia do relatório de Clint, do Projeto Tearwall? O que ele e Greg trabalharam juntos?”

Um silêncio sepulcral foi a resposta.

“Você está aí?” Perguntou Cindy.

“Os arquivos de negócios de Greg e Clint foram esvaziados,” respondeu Bara. “Eu não tenho nenhum deles.” Sua voz tornou-se novamente cortante.

“Tem que haver uma cópia em algum lugar,” insistiu Cindy.

“Você está forçando a situação,” disse Bara.

“Desculpe-me,” Cindy disse, “e obrigada pelo número de telefone de Greg.”

Cindy desligou o telefone, perplexa. Forçando que situação? O Relatório Tearwall estava começando a parecer com as joias da coroa. O que poderia estar nele?

Havia outras pessoas na empresa que saberiam. Antes de Cindy contatar Greg, ela enviou um e-mail rápido para Greerson, dizendo-lhe que ela adoraria marcar algo para encontrá-lo.

\*

Antes de ela ligar para Greg, Cindy foi até a cozinha e encheu um copo de café preto fumegante. Sua falta de sono na noite anterior estava começando a se tornar um problema. E Ann não parecia bem. Ela não estava apenas exausta, mas ainda tinha uma estranha palidez. Cindy não podia se deixar preocupar com isso agora. Mas, no fundo, no fundo de seu estômago, ela estava preocupada com sua irmã, com medo de que as coisas não estivessem indo bem.

Assim que Cindy discou o número dele, Greg atendeu imediatamente.

“Quem é?” Perguntou ele apressadamente.

“Greg, aqui é Cindy,” ela começou, em um tom otimista. Ela queria começar com o pé direito. Ela o encontrara de passagem umas duas vezes e lembrava-se dele como um cara animado e positivo.

“Cindy quem?” Ele parecia apressado.

“Cindy Blaine,” ela respondeu, desconcertada.

“Oh, Deus.” Ele abrandou um segundo. “Bem, parabéns pelo seu casamento. Como está Clint?”

Cindy sentiu um arrepio profundo. “Você não ficou sabendo?”

“Do quê? Eu não estou mais trabalhando na empresa.”

Cindy não sabia o que falar.

“Você não ficou sabendo que fui mandado embora?” Greg continuou, ainda mais rapidamente.

“Aconteceu enquanto vocês estavam em lua de mel. Eles disseram a todos que eu decidi sair. Bem, isso não é verdade. Francamente, eu fiquei surpreso que Clint não tenha ligado depois que ele voltou para saber como eu estava. Como é que você está me ligando, mas ele não?” Ele parecia ansioso para desligar.

Cindy não queria lhe contar por telefone. “Eu gostaria de falar com você pessoalmente,” disse ela. “Podemos nos ver no almoço?”

“Eu não estou disponível,” disse ele, raspando a garganta. “Diga-me o que você tem agora. Eu sou um homem muito ocupado.”

Este não era o Greg que Cindy tinha conhecido, o cara que costumava ser compreensivo.

“Eu não posso falar sobre isso por telefone,” respondeu Cindy.

Isso o deixou louco. “Escute, eu tive que falar demais sobre a empresa. Eu não aguento mais isso. Chega. Não há nada mais que eu precise ouvir.”

“Sim, há,” falou Cindy suavemente.

“Ouça, querida, eu vou desligar.”

“Não desligue,” Cindy explodiu, com medo de perdê-lo. Ele era um importante elo com Clint. “Por favor, Greg, não.”

“O que diabos está acontecendo?” Ele perguntou amargamente. “Você não pode respeitar meus sentimentos? Basta dizer o que você precisa por telefone.”

“Clint está morto,” Cindy anunciou sem rodeios.

Greg engasgou.

“Ele morreu na nossa lua de mel.”

“Oh meu Deus.”

“Eu preciso de sua ajuda.”

“Oh não, oh não.” Ele não conseguia falar.

“Por favor, me encontre pessoalmente. Eu preciso falar com você.”

Cindy pensou ter ouvido um soluço. Ele ficou em silêncio por alguns momentos e, em seguida, falou com uma voz rouca.

“Você tem que ter cuidado,” disse ele irregularmente. “Não podemos simplesmente nos encontrar em qualquer lugar.”

“Vou encontrá-lo aonde você quiser.”

“Siga todo o caminho até o East River,” disse ele em um tom abafado. “Há uma alameda perto do rio. É bastante vazio durante a semana. Nós podemos sentar em um banco, ao redor da curva.”

O terror que Greg sentia alcançou Cindy, fazendo seu coração apertar.

“Tudo bem,” disse ela. Ela iria descobrir exatamente onde aquela alameda ficava.

“Eu estarei lá amanhã à uma hora,” Greg continuou furtivamente. “Há uma entrada pela Rua Oitenta e Quatro. Vá para o leste, o mais longe possível. Em seguida, desça até o rio, e você estará na alameda. Não chame atenção dizendo Olá. Aja como se tudo fosse natural.”

“Entendi,” disse Cindy.

E, em seguida, antes que pudesse dizer outra palavra, ela ouviu o som do telefone sendo desligado.

## Capítulo 14

O dia seguinte estava quente e úmido. Cindy dirigiu até a cidade com as janelas do carro abaixadas, deixando o ar úmido e abafado envolvê-la. Ela estacionou em uma rua lateral e andou algumas quadras para o leste, em direção à alameda. Era um belo bairro residencial, com pedras marrons nas ruas laterais e prédios altos e elegantes de apartamentos nas principais avenidas. À medida que ela ia para o leste, ela chegou a um parque de bairro que beirava a alameda. Havia árvores, um parque infantil, uma quadra de basquete. Então, atrás dele, um caminho às margens do East River.

Cindy estava quase com medo de caminhar até o rio. Ela não tinha ideia do estado em que Greg estava nem o que mais ela iria descobrir.

Alguns vendedores de sorvete estavam alinhados ao longo da entrada do parque, sorrindo para Cindy e perguntando se ela queria um sorvete. Cindy gostaria de poder comprar um sorvete para ela e Greg, mas pensou melhor. Aquele encontro era peculiar. Ela não sabia como ele reagiria.

Ela andou lentamente pelo caminho. Quando ela chegou ao rio, lá estava ele, de pé, exatamente onde ele disse que estaria.

Greg era um cara magro, com seus trinta anos, apenas um pouco mais alto do que Cindy. Ele usava uma calça cáqui, uma camiseta azul e um boné de beisebol, puxado baixo, com óculos de sol escuros. Ele a viu imediatamente, balançou a cabeça e olhou para baixo.

Cindy se aproximou e ficou ao lado dele.

“Vamos caminhar,” disse ele em voz baixa.

Eles começaram a andar. Como ele havia dito, a alameda estava quase vazia. Algumas pessoas estavam sentadas em bancos na beira do rio, observando os barcos que passavam. No parque que beirava o Promenade, alguns banhistas se alongavam, deitados na grama. Espessas nuvens brancas de verão enchiam o céu.

Greg se virou e olhou por cima do ombro algumas vezes enquanto caminhavam.

“Nós estamos indo para o norte,” disse Cindy. “Logo atrás daquela curva tem um banco que eu adoro. É sob uma grande árvore, fora de vista.”

“Ótimo,” disse Cindy.

Eles chegaram à curva, viraram uma pequena esquina e então havia uma enorme árvore. Sob ela, um banco vazio.

“Vamos nos sentar aqui,” indicou Greg instantaneamente. “Sempre tem uma brisa.”

Cindy e Greg sentaram-se no banco e ele finalmente respirou um pouco mais tranquilo.

“Eles têm tentáculos em todos os lugares,” disse Greg. “Você tem que ter cuidado.”

“Quem tem tentáculos?” Perguntou Cindy.

Greg virou-se e arregalou seus enormes olhos castanhos. “A empresa.”

“Eu entendo,” disse Cindy.

“O que você entende?” Greg foi rápido na assimilação. Ele era rápido com tudo, ia direto ao ponto.

“Não muito,” disse Cindy.

“Você está em perigo.”

Era como se um vento frio soprasse sobre Cindy. Ela sentia que estava em perigo, mas ouvir isso em voz alta tornava tudo ainda mais real, quase como se ela pudesse sentir seu cheiro. Fora isso, embalada pelas belas árvores, pelo céu e pela tarde de primavera, o mundo inteiro parecia em harmonia.

“Clint nunca fora suficientemente cauteloso,” Greg continuou. “Eu disse a ele repetidas vezes.”

Cindy não podia deixar que seu medo tomasse conta dela.

“Clint gostava de conversar. Ele falava demais. Ele ficou tão animado quando descobriu alguma coisa, que ele contou a todos. Eu dizia, Clint, cale a boca. Ele me chamava de paranoico. Oh Deus, eu não

posso acreditar que ele se foi. Ele era uma pessoa maravilhosa.”

Cindy queria colocar a mão em seu braço, que estava tremendo, para confortá-lo, mas ele tremia demais. Ele e Clint tinham trabalhado juntos por três anos. Aquilo devia ser um choque enorme.

“Como é que ele morreu?” Perguntou ele finalmente.

“O legista disse que foi um afogamento acidental.”

“Mentira,” Greg deixou escapar. “Você mesma viu o relatório do legista?”

“Não. Eu não estava em condições de ver nada naquele momento.”

“Verifique você mesma o relatório dele,” disse Greg.

Ela iria fazê-lo. Era uma boa ideia.

“Por que eles o demitiram, Greg?”

“Eu vou contar a você o que posso. Eu só estou aqui por causa de Clint. Tenho um acordo com a empresa de não dizer nada a ninguém. Isso não é incomum em um acordo de rescisão. Em troca, eles me deram alguns fundos.”

“Eu não sou qualquer uma.”

“Eu não sou estúpido. Eu sei disso. E eu tenho a obrigação moral de proteger você. A morte de Clint definitivamente não foi um acidente.”

Cindy estava começando a sentir frio e nervosismo.

“O Clint foi longe demais. Ele recebeu um monte de avisos para parar de bisbilhotar com a pesquisa que estava fazendo.”

“A pesquisa sobre o Projeto Tearwall?”

“Ele não deveria falar sobre isso.”

“Ele não falou nada. Eu descobri.”

“Ele sempre tinha que ir até o limite em tudo. Mas a empresa tinha milhões e milhões de dólares comprometidos com as perfurações. Quanto mais nós pesquisávamos, piores as coisas ficavam. Você está começando a entender do que estou falando? Ele foi desenterrar informações que ninguém queria.”

“Eu preciso de datas, fatos para trazer às autoridades” disse Cindy.

Greg se virou e olhou diretamente para ela. “Há lobistas envolvidos. Homens do Congresso. Acha que a polícia pode ajudar?”

“Preciso de fatos, detalhes,” pediu Cindy.

“Ai. Você é igual a ele. Brincando com fogo.”

Greg olhou para o rio que se estendia diante deles. “Lindo aqui, não é?” Disse.

“Muito,” concordou Cindy.

“Tranquilo, isolado.” Greg bateu os dedos ao longo do banco. “Se você estiver em silêncio, você pode até ouvir o canto dos pássaros nessas árvores... Ele não acreditou quando eu disse que ele estava nos colocando em perigo.”

“Por que não?” Cindy questionou.

“Clint descobriu algo grande demais para lidar. Mas ele não desistiu. Ele era como um cão com um osso, ele sentia que ele estava lá fora, salvando o mundo.”

Greg finalizou a conversa com isso. Levantou-se do banco abruptamente. “E quem ele salvou? Nem mesmo a si mesmo.” Ele parecia muito triste depois de falar isso.

“Espere um minuto.” Cindy estendeu a mão para ele. “Por favor, eu preciso de mais informações para ir à polícia.”

“É maior do que isso. Eles não serão capazes de fazer nada por você. Eles seguem ordens superiores.”

“Eu vou para a polícia de qualquer maneira.”

“Continue sonhando,” disse Greg. “A melhor coisa que você pode fazer agora é sair da cidade. Não ameace a empresa. Não bisbilhote nada. Finja que a morte de Clint foi um acidente. Desempenhe o papel

da viúva de luto.”

“Esqueça isso,” ela falou. “Como eu poderia viver comigo mesma se eu guardar tudo enterrado? O que você acha que eu sou?” Cindy sentiu-se pior do que antes.

“Pelo menos você viveria.” Greg sorriu estranhamente.

“Estou implorando, eu preciso de mais informações.”

“E eu preciso me manter vivo,” disse Greg.

Então, de repente, ele se virou, acenou, rapidamente correu para longe, e desapareceu ao virar outra curva.

Cindy ficou ali de pé, sozinha, debaixo da árvore. Ela queria saber exatamente o que Clint tinha descoberto. O que tinha lhe custado a vida. Agora Greg estava tentando se salvar também.

Cindy olhou para a bela árvore que a abrigava e percebeu que sua vida não valia nada, se não fosse baseada na verdade. Ela não tinha a intenção de fugir disso. Ela iria obter a ajuda que ela precisava de alguma maneira.

## Capítulo 15

Greerson ficou emocionado ao ouvir Cindy quando ela ligou.

“Encontre-me às cinco horas hoje à noite, no lobby do St. Regis. Lá tem um local encantador para se tomar um café.”

O lobby do St. Regis era um lugar maravilhoso para se recompor. Cindy chegou lá meia hora mais cedo e sentou-se sobre os sofás de veludo vermelho, enquanto esperava Greerson aparecer. Tudo no hotel estava em perfeita ordem, os hóspedes vestiam-se elegantemente, os atendentes do hotel eram solícitos acerca dos pedidos de cada um. Havia um relógio grande, redondo, dourado sobre o balcão de registro. Ao sentar-se ali, parecia que nada de inconveniente poderia acontecer, que tudo estava em ordem.

Greerson entrou, bem vestido em um terno risca de giz, arrumado como de costume. Ele a cumprimentou calorosamente e levou-a para o café atrás do lobby. Era um local perfeito para se tomar uma bebida quente. Greerson pediu um café preto.

“Como você está, Cindy?” Ele colocou a mão sobre a dela.

“Estou melhor,” ela respondeu, e sorriu. Ela se sentiu confortada por um momento. Por um momento, ela se perguntou por que ela nunca tinha gostado dele. Apenas sentimentos do passado que não significavam nada, pensou.

“Temos um pequeno presente para você,” disse Greerson então, pegando Cindy de surpresa. “Há uma política da empresa que, quando há a morte de um funcionário, oferecemos ao cônjuge um cheque agravo para ajudá-los a recomeçarem. Em homenagem a Clint, e o quanto ele significava para nós, deixe-nos presenteá-la com isso.”

Ele entregou o envelope para Cindy. “Tenho certeza que vai levar um tempo até que o seguro entre e todas as outras coisas sejam cuidadas. Isto irá mantê-la muito bem até então. Você não terá que se preocupar com nada e pode recuperar sua vida.”

Cindy olhou para o papel. Dez mil dólares. O que era aquilo, algum tipo de suborno? Algum tipo de recompensa, para mantê-la em silêncio? Este era o valor da vida de Clint? Dez mil dólares?

Cindy deixou o envelope sobre a mesa por enquanto.

O garçom verteu café fumegante na xícara de ambos.

“Então, me diga, como os seus dias estão indo,” disse Greerson, levando a xícara à boca.

“Ocupada vendo os arquivos de Clint,” ela respondeu, “tentando entender tudo.”

Greerson colocou a xícara para baixo. Ele não gostou do que ela disse. “O que há para entender?”

“Todos os tipos de coisas,” disse Cindy.

Ele fez uma pausa, parecendo desconsertado. E limpou a garganta.

“Também ouvi dizer que você está enviando e-mails para as pessoas na empresa perguntando sobre isso e aquilo.”

“Estou procurando por respostas,” ela falou, sem rodeios, “sobre por que Clint morreu.”

Ele pegou sua xícara e a esvaziou. “Ainda com isso?”

“Não foi uma morte natural.”

“Você deveria sair por ai, receber uma massagem, conversar com amigos, voltar para o seu trabalho.”

Passou pela cabeça de Cindy que Greerson pensava que ela, ao aceitar o cheque, aceitara também os planos e desejos da empresa, esqueceria de pesquisar mais a fundo.

Greerson se inclinou para frente. “Na verdade,” disse ele, “nós também temos perguntas. Nós mesmo gostaríamos de rever alguns dos arquivos de Clint. Há relatos de que ele estava trabalhando com algo que nós precisamos agora. Cartas, documentos, coisas assim. Tenho certeza que você entende.”

Cindy compreendia melhor do que ele poderia imaginar. Eles queriam seus arquivos. Eles provavelmente tinham procurado por eles e perceberam que Clint os tinha tirado do computador da

empresa antes de morrer. Eles deviam pensar que ele tinha cópias armazenadas em sua casa também.

Não havia nenhuma maneira de ela entregar essas coisas a eles. “Vou ter que verificar com o meu advogado,” ela respondeu.

“Que advogado?” Greerson pareceu surpreso.

“Meu advogado pessoal,” disse Cindy levemente.

“Os arquivos de negócios de Clint não tem nada a ver com você.” A voz de Greerson parecia aço. “Na verdade, eles são propriedade da empresa. Clint trabalhou neles enquanto era nosso empregado.”

Cindy sorriu. “Eu vou apenas verificar.” Ela estava comprando tempo.

O rosto de Greerson retorceu-se. “Você vai tornar isso difícil para nós, Cindy? Nós não gostamos muito de jogar joguinhos.”

Era claramente um aviso. “Eu não estou brincando,” ela falou, “Só estou tomando um passo de cada vez.”

Greerson estendeu a mão e, em seguida, tocou gentilmente o braço de Cindy. “Eu sei que tudo isso deve ser esmagador para você,” disse ele. “Por que você não nos dá o nome do seu advogado e vamos resolver isso com ele.”

Cindy empalideceu. Não havia nenhum advogado.

“Deixe-me pensar sobre isso,” respondeu Cindy.

“O que há exatamente para se pensar?” Greerson disse, seus olhos se estreitando.

Cindy sentiu-se intimidada. Ele estava criando um acordo para fazer com ela, assim como havia sido feito com Greg. Mas ela não estava acreditando. Ela não tinha a intenção de fazer o que Greerson queria. Talvez a empresa realmente fosse dona dos arquivos de Clint, mas ela tinha o direito de saber primeiro o que havia neles. Era seu marido que tinha perdido a vida. Ela não podia deixar tudo de lado por nada.

Greerson olhou para o envelope em cima da mesa. “Há algo que você está esquecendo,” disse ele, deslizando o envelope em sua direção.

Ela olhou para ele, e então o deslizou de volta.

“Isso é dinheiro de sangue,” disse ela friamente. “Você pode ficar com ele.”

Greerson olhou para ela, seus olhos esfriaram como gelo.

Ele pegou o envelope, levantou-se rapidamente, alisou seu terno e, sem dizer uma única palavra, virou e saiu.

## Capítulo 16

Cindy percebeu que o que estava nos arquivos de Clint devia ser importante, se Greerson estava tão ansioso para tê-los. Ela percebeu que tinha de procurá-los. Eles podiam ser exatamente a chave sobre o que ele estava fazendo, a chave por terem matado Clint.

Mas, enquanto ela estava lá em seu escritório, ela percebeu que tinha procurado por toda a parte - verificado cada cantinho daquele lugar. Ela examinou a mesa, as gavetas, os armários de arquivo, as caixas... Ela não podia imaginar onde mais os arquivos poderiam estar.

Onde é que Clint esconderia algo valioso? Ela se perguntava.

E então ela percebeu. No cofre.

Ela atravessou a sala, tirou o quadro da parede, e olhou para o cofre de metal. Ele só podia ser aberto com a chave. E, de repente, com uma pontada, ela lembrou onde estava a chave.

No porão da mãe de Clint. Seu lugar favorito para armazenar coisas que ele considerava valiosas demais para ficarem largadas pela casa.

Sua mãe nunca deixaria Cindy entrar em seu porão. Cindy sequer perderia tempo ligando para ela.

Cindy pensou. Lembrou-se de que o porão da casa da mãe de Clint tinha uma pequena janela lateral que deixava entrar um pouco de luz. Clint havia casualmente mencionado que esta janela ficava geralmente aberta. Cindy poderia ir lá, empurrá-la para abri-la e se enfiar para dentro. Havia apenas três ou quatro caixas de arquivos de Clint deixados lá. Ela sabia que a chave para o seu cofre tinha de estar em uma delas. Ela lembrou-se que ele havia lhe contado que a deixaria lá.

Seria melhor ir mais tarde, quando já estivesse escuro. Então ninguém iria vê-la no quintal, esgueirando. A mãe e o pai de Clint, no andar de cima, provavelmente, estariam dormindo ou assistindo TV, e jamais ouviriam qualquer barulho no andar de baixo. Cindy poderia correr o caminho todo até lá, ninguém ouviria um carro estacionando nem a veria deslizando para dentro da janela no porão.

Cindy voltou para o estúdio de Clint para esperar até que o dia escurecesse. Era familiar e confortável ficar ali agora. Ela sentou-se no antigo tapete felpudo azul-marinho e passou a mão sobre ele. Foram tantas as vezes em que ela e Clint ficaram sentados juntos sobre ele, de mãos dadas. Ela se perguntou se ele sabia o que estava acontecendo no mundo agora. Se ele sentia falta daqui. Ou, será que ele estava feliz no lugar para onde ele foi?

Finalmente, já estava quase escuro lá fora. Era hora de ir.

Quando ela correu para a casa da mãe de Clint, ela quase podia senti-lo movimentando-se ao lado dela sob a chuva fina do verão, incentivando-a. Assim que lá chegou, ela andou rapidamente sobre a grama macia e úmida, sob o manto de escuridão que tinha caído.

Cindy foi até a janela lateral do porão, abaixou-se e empurrou com força. A janela abriu imediatamente.

Cindy se curvou, colocou a cabeça primeiro, se contorceu para frente e para trás e deslizou o resto de seu corpo pela abertura. Segurando o lado da parede, era fácil deslizar o resto do seu corpo para dentro do porão. Até ali, tudo estava indo bem. Só faltavam alguns passos para ela poder pegar a chave. Por que a família de Clint tinha que fazer tudo tão difícil? Ela estava fazendo aquilo por eles, também.

Estava escuro no porão, mas Cindy se lembrava que as caixas estavam encostadas na parede oposta. Ela rapidamente foi até lá. Havia quatro caixas. Sob a luz fraca que vinha da janela aberta, ela mal podia ver o que havia dentro de cada uma delas. Duas delas estavam abertas. Quem quer que tenha aberto aquelas caixas sequer tivera o cuidado de colocar as tampas de volta. Deveria ser Ralph, procurando informações pessoais. Ele não tinha nenhum interesse nos arquivos do trabalho de Clint. É onde Clint tinha dito que colocaria a chave. Cindy arrastou aquelas caixas para mais perto da janela aberta para obter alguma luz. Uma vez lá, ela tirou as tampas.

A primeira caixa estava cheia de papéis, cuidadosamente organizados. Nenhuma chave.

Ela abriu a segunda caixa. Na parte de trás dela, ela viu um envelope lacrado. Cindy o rasgou para abri-lo. E lá estava ela. Ela levantou a chave e olhou para o objeto. Então ela a colocou no bolso. Aquele era o prêmio. Não podia haver dúvidas a este respeito.

Cindy sabia que deveria sair de lá imediatamente, mas, incapaz de conter sua curiosidade, ela decidiu vasculhar a segunda caixa. Quem sabe o que mais Clint havia guardado nelas? O tempo passou enquanto ela ficou ali sentada, absorta, lendo suas apresentações mais antigas, ela não ouviu os passos que desciam as escadas.

Luzes acenderam, de repente, assustando-a. Ela gritou.

“Quem diabos está aqui embaixo?” Uma voz áspera surgiu.

Cindy deu um salto, apavorada.

“Não faça nenhum movimento.” Uma pessoa chegou mais perto.

Cindy a encarou. Era Ralph. Ela ficou ao mesmo tempo aliviada e perturbada.

“O que diabos você está fazendo aqui?” Ele se aproximou rápido, chegou bem perto dela.

“Eu precisava de algo que pertencia a Clint,” ela respondeu rapidamente.

“Até parece. Você está procurando por dinheiro.”

“Veja.” Ela apontou para as caixas. “São seus arquivos do trabalho.”

“Você acha que eu nasci ontem, Cindy?” Seu rosto estava corado e sua boca bem cerrada. Cindy nunca o tinha visto assim antes. “Como é que você conseguiu chegar aqui embaixo? Quem disse que você podia entrar?”

“Essas caixas são propriedade de Clint.” Cindy deu alguns passos para trás. Ele estava muito perto, respirando pesadamente sobre ela.

“Você tem um advogado? Ele lhe disse para fazer isso? Invasão de domicílio?”

Por um rápido momento, Ralph parecia possuído, insano.

“Eu estou tentando descobrir quem assassinou Clint,” disse Cindy. “Eu não me importo com o seu dinheiro.”

Ralph deu uma gargalhada. “Quem o matou?” Ele estava zombando dela. “Você provavelmente o matou para pegar o seguro para si. Eu mesmo descobri. Você colocou algo na comida dele para que, quando ele fosse surfar, ele não conseguisse lidar com as ondas. E então, o seguro seria todo seu. Agora você está tentando encontrar o assassino. Muito inteligente, culpar outra pessoa.”

Ralph estava paranoico e aterrorizante. Não havia nenhuma lógica nele.

“Você sabe que nós tentamos impedir este casamento antes mesmo que ele ocorresse,” continuou ele. “Clint não quis ouvir. Caramba, o cara era teimoso, e isso lhe custou a vida.”

“Quem exatamente tentou impedi-lo?” Cindy estava em estado de alerta. “Você e quem mais?”

“O padrinho de Clint, Al.”

Cindy estava chocada.

“Ele levou Clint para fora da cidade e conversou com ele sobre isso o dia inteiro. Ele nunca gostou de você. Ele não gostou da ideia de Clint se casar em apenas um ano. E tudo o que Clint dizia, repetidamente, era que ele nunca iria deixá-la. Ninguém entendia o porquê.”

Lágrimas quentes e pungentes encheram os olhos de Cindy. Isso explicava o seu dia em Boston com Al.

“Eu também o amava,” disse ela, cheia de dor. “Eu nunca iria machucá-lo, de maneira nenhuma.”

Ralph zombou. “Você o amava, hein? Você sabia que Al tinha uma foto de uma das namoradas de Clint? Os dois tiveram um filho juntos.”

Cindy se sentiu devastada. “Como ele sabia?”

“Ele viu o garoto. Ele me contou. Ele é a cara do Clint.”

Cindy respirou com um pouco mais de facilidade. Isso explicava tudo.

“Clint não sabia absolutamente nada sobre o garoto, por um longo tempo,” Ralph continuou. “Mas, no final, antes do casamento, ele ficou sabendo. Al enviou a foto para ele. Foi um último esforço para acordá-lo.”

Ralph não sabia que Clint nunca recebera a foto no correio.

Ele riu. “Eu aposto que ele não lhe disse nada sobre isso.”

Não havia mesmo nenhum limite para que eles pudessem separá-la de Clint. Mesmo depois de ele ter partido. Mas isto não iria funcionar.

“Ele nunca recebeu a foto, Ralph.”

Ralph tossiu.

“Eu a encontrei. Depois que ele morreu.”

“Bem, ele era muito idiota. E não pense que a mulher não vai vir reivindicar o dinheiro do seguro para a criança assim que ela descobrir. Tudo que você, mulheres-”

De repente, ele sorriu. Ele tinha dentes minúsculos, todos bem apertados. “Encontrar você aqui, assim, prova minha teoria,” disse ele. “Por que diabos alguém iria se esgueirar em um porão se não fosse por dinheiro? Mas, quer você saiba ou não, nós temos o testamento e o a apólice de seguro. O seguro não foi assinado corretamente - e, querida, ele nem menciona seu nome. Ele nem se preocupou em mudar uma palavra no testamento mesmo depois de conhecer você.”

Por que ele o faria? Cindy pensou. Eles eram jovens e saudáveis. E, quanto à apólice de seguro, ela arranjaria um advogado para endireitar as coisas. E ela ficaria feliz em dar uma boa parte para o filho de Clint. No momento, ela só queria sair de lá.

Mas Ralph tinha outras ideias. Ele chegou mais perto.

“O pai de Clint está se aproximando da morte,” disse ele. “Marge sabe disso. Há um monte de dinheiro para ser passado.”

Ele estava próximo demais, respirando de novo na cara de Cindy. Em seguida, ele esfregou os ombros dela com suas mãos. Ela tentou se livrar dele, mas ele se aproximou ainda mais.

“Eu sempre achei você uma moça bonita,” ele falou, “muito mais bonita do que Marge.”

Cindy sentiu vontade de vomitar.

“Fique longe de mim,” disse ela, torcendo os ombros para se livrar dele. Mas ela não conseguiu. Ele a pressionou com mais força, puxou-a para perto dele e se empurrou contra ela, chegando mais perto. Enojada, ela lutou para tirá-lo de cima dela. Mas não conseguiu.

Ele estendeu a mão para o rosto dela. Ela se virou para o outro lado. Deus sabe o que ele estava planejando fazer.

“Você está louco?” Ela respirava. “Eu vou prender você.”

Ele gargalhou novamente. “Como?”

Sua boca úmida estava sobre o pescoço dela.

“Eu sei de cada movimento que você faz.” Então, ele puxou seu rosto para que ele pudesse beijá-la. Ela virou a cabeça para o outro lado.

“Você está doente,” Cindy respirou, “Quando eu contar para a Marge-”

Ele a agarrou com mais força. “Querida, se você contar sobre isso a Marge, você já era.”

Cindy estava enfurecida. Ela sentiu uma onda de energia que ela nunca soube que ela tinha e, com toda a sua força, ela usou suas duas mãos para empurrá-lo para longe. Pego de surpresa, ele inclinou para trás e escorregou no chão.

Nesse precioso segundo, Cindy voou para o andar de cima, pela porta da frente aberta e correu para a noite como uma criminosa, fugindo desesperadamente. Ralph era um monstro. Ela nunca mais queria olhar para ele. Mas, pelo menos, ela tinha a chave. Nada mais importava.

\*

Cindy voltou para casa e foi direto para o estúdio de Clint. A volta para casa tinha sido desgastante e

seu corpo tremia.

Ela tirou a chave, inseriu-a na fechadura do cofre e a girou. O cofre abriu instantaneamente.

## Capítulo 17

Cindy esperava ver o cofre repleto de papéis, objetos de valor.

Mas, para sua surpresa, estava quase vazio. Havia apenas uma coisa pequenina no seu interior: um pen drive.

Ela ergueu-o e olhou para ele, perguntando o que poderia estar em seu interior. Então ela correu e o inseriu em seu computador.

Uma mensagem apareceu. O acesso ao diretório estava bloqueado. Protegido por Senha.

“*Deus, por favor, ajude-me,*” ela pediu. Cindy estava tão confusa e exausta, ela não conseguia lembrar qual das senhas de Clint poderia ser.

Ela tentou usar algumas que ela sabia que Clint usava regularmente. Nenhuma delas abriu o arquivo.

Ela digitou outras letras e tentou novamente.

Nenhuma funcionou.

*Você tem que me ajudar, Clint,* ela pensou.

Seus pensamentos ficaram um pouco mais claros. Então, do nada, lhe veio à cabeça tentar o seu nome.

Ela digitou *Cindy*.

Para seu espanto, o diretório abriu.

*Obrigada, Clint,* ela agradeceu em pensamento. *Obrigada.*

Ela rapidamente digitalizou o conteúdo. Estava lá. O relatório do Projeto Tearwall. Uma enorme explosão de energia lhe atingiu. Cindy imediatamente abriu o conteúdo e começou a ler.

Primeiro, ela encontrou um relatório geral sobre perfuração offshore que se prolongava por páginas. Era intitulado “Zonas Ecológicas das Perfurações Offshore.” Ele detalhava os efeitos esperados pelas perfurações nas áreas erradas. Anexado ao relatório, havia respostas de outras pessoas.

*Qual seria, então, o verdadeiro valor de um poço de petróleo perfurado uma milha longe da costa, em uma única zona ecológica sujeita a múltiplos usos? Seria simplesmente o custo do poço ou o preço do produto? Por exemplo, vamos olhar atentamente para o Projeto Tearwall. Quais são as despesas acessórias, as receitas e perdas e as consequências de uma eventual catástrofe? Demasiadas grandes para o conforto. Há muitos riscos para o público versus o que pode ser adquirido.*

A resposta de alguém foi: “Vamos esquecer isso agora, Clint.”

Obviamente ele não esquecera. Cindy continuou lendo.

*E não vamos esquecer os refugiados ambientais, as comunidades afetadas, o dano à ecologia produtiva. Do ponto de vista do balanço, o que, em curto prazo, parece que há lucro, em longo prazo, será um desastre financeiro. Vimos isso apenas alguns meses atrás, nas fotos das manchas de óleo, largas e profundas. Vimos praias, animais selvagens mortos, zonas úmidas destruídas, pescadores desempregados, empresas de turismo falidas, as economias locais reduzidas, comunidades arruinadas.*

A resposta de um homem chamado Lew Dorin, da empresa, estava anexada. Ele dizia: *Clint. A grande decisão acontecerá em Washington. Precisamos deixar este projeto de lei passar.*

Debaixo deste, havia outro comentário, de Henry Greerson.

*Ótimo relatório, Clint. Vamos mantê-la em espera para o próximo mês ou as próximas seis semanas. Esperamos uma repartição do governo. Uma vez que tudo estiver aprovado, vamos lidar com esses fatos e avaliar a forma como desejamos proceder.*

Abaixo, havia uma carta do assistente de Greerson.

*As consequências da perfuração lá são enormes, é perigoso. Nós estamos olhando para mais do que apenas terremotos, é uma devastação humana, animal e ecológica.*

Obviamente, a companhia de Clint, a DGB, tinha sido contratada para fazer um projeto de perfuração maciça. Eles estavam prontos para começar. Poucos meses antes de o projeto iniciar, houve problemas

em Washington a respeito dele.

Clint tinha incluído todos os tipos de relatórios que apoiavam suas conclusões. Havia um relatório sobre uma explosão que deixou onze mortos e feridos nas praias do Alabama devido a um derramamento de óleo.

Havia muito dinheiro ali e grandes promessas. O governo estava envolvido em diversas frentes. Os relatórios de Clint poderiam afetar potencialmente milhões de dólares e milhões de vidas.

Havia uma nota anexada ao relatório assinado por Greerson.

*Ótima pesquisa, Clint. Vamos apresentar este relatório para referências futuras. Faça uma pausa nas investigações sobre vazamentos e falhas.*

Clint não tinha feito uma pausa. Aparentemente ele continuou desenterrando mais informações. Imediatamente depois disso, ele escreveu e enviou outro relatório.

Cindy olhou atentamente para as respostas de pessoas da empresa sobre seus relatos. No começo eles foram elogiosos, comentando sobre sua atenção aos detalhes e rigores. Conforme o tempo passava, havia mais e mais cartas falando para ele parar. Esqueça isso. Seus relatórios estavam se tornando batatas quentes.

Clint não lhes deu atenção, apenas continuou. Eles não conseguiram impedi-lo.

Ou conseguiram?

Parecia óbvio o que tinha acontecido. Clint havia ido longe demais. E eles precisaram se livrar dele. Esperaram por um momento e um local convenientes, um lugar como Barbados, com as ondas fortes do oceano, onde não ficaria claro se ocorresse um assassinato, onde não haveria suspeitas. Era demais para Cindy suportar.

Ela precisava entender tudo aquilo. Ela precisava de confirmações, precisava ter certeza de que ela não estava louca.

E então lhe ocorreu. Greg.

Ele saberia. Ele com certeza saberia. Ela precisava compartilhar aquele relatório com ele, ouvir sua opinião a respeito. Quais seriam as consequências?

Cindy pegou seu celular e digitou o número de Greg. Ouviu o telefone chamar por um tempo. Finalmente, alguém atendeu.

“Alô,” uma voz feminina respondeu.

“Desculpe-me por ligar tão tarde,” Cindy começou, “eu gostaria de conversar com o Greg.”

Silêncio do outro lado da linha.

“Ele está disponível?” Cindy perguntou.

“Não.” A voz parecia distante e estranha.

“Posso ligar mais tarde? Amanhã seria melhor?”

“Amanhã não é melhor.” A voz parecia devastada.

“Aconteceu alguma coisa?” O coração de Cindy pulou.

“Greg morreu subitamente de parada cardíaca, ontem,” ela disse.

Cindy engasgou. “Quem é?”

“A irmã dele. Nós sabíamos que ele tinha um coração fraco, mas ninguém esperava que ele fosse morrer. Não foi tão ruim assim. Ele era tão jovem. Aconteceu tão de repente.”

Cindy ficou em silêncio.

“Pelo menos ele não sofreu,” disse ela.

Cindy se perguntou o que realmente acontecera.

“Nós vamos fazer um memorial depois,” disse a sua irmã. “Ele queria ser cremado. Liguei para você em uma semana e eu irei avisá-la.”

Cindy ficou totalmente, completamente sem palavras. Seu estômago começou a doer muito, ela se dobrou de câibras. A morte de Greg seria sua culpa também? Será que a companhia estava observando-a

e a viram conversando com ele? Será que isso teria acontecido se ela nunca tivesse ligado para ele?

Era a terceira pessoa que tinha sido morta ou ferida em torno de Cindy. Por um momento, queria deixar tudo aquilo passar, estabelecer uma trégua, voltar para a empresa, aceitar o cheque e dar tudo para Heather e para o filho de Clint.

Cindy deitou-se no sofá, exausta e abalada. A empresa era maior do que ela, mais rica, mais forte. Ela tinha uma munição que ela não conseguia sequer imaginar. Mas ela tinha algo melhor do seu lado. Justiça. Ela pensou na pequena Bíblia que Tom Mallord lhe dera. Palavras dela passaram pela sua mente.

*O que quer que você faça às essas pessoas, irmãos e irmãs menos favorecidos, considerarei que isso foi feito a mim.*

Alguém tinha de levantar-se pela justiça e pela compaixão. Caso contrário, para que serviria tudo aquilo?

Ela não iria recuar, não teria medo por mais tempo. Ela precisava da voz da razão, uma direção clara. Ela pensou em Ann. Sim. Ann saberia exatamente o que fazer.

## Capítulo 18

Ann estava deitada na cama do hospital com os olhos fechados quando Cindy entrou na sala. Ela tinha desenvolvido uma febre baixa e sua recuperação estava mais lenta do que o esperado. A enfermeira disse a ela que Frank tinha voltado para passar a noite em casa e estaria de volta para o fim de semana. Ann abriu os olhos, satisfeita por ver Cindy, mas, em seguida, os fechou novamente. Ela ainda parecia exausta.

Cindy colocou a fruta e os biscoitos que ela trouxera sobre uma mesa perto da cama, sentou-se ao lado de sua irmã e pegou a mão dela.

“Indo com calma?” Perguntou Cindy.

“Estou chegando lá,” Ann conseguiu responder.

“Os médicos dizem que você indo bem,” disse Cindy, tentando encorajá-la. “Assim que a febre passar, você estará pronta para a fisioterapia. Eles podem até liberar você em poucos dias.”

Ann assentiu.

“Essas coisas levam tempo,” disse Cindy.

“Tudo leva tempo,” Ann sussurrou. “O tempo é bom.”

Cindy perguntou como Ann podia dizer isso, estando ali deitada, sentindo dor.

“Sinto muito,” disse Cindy novamente.

Ann balançou a cabeça, como sempre fazia quando Cindy dizia isso. Ela quis dizer que não havia nada para se desculpar.

“O relatório sobre os freios voltou da polícia,” disse Cindy baixinho, para interromper o silêncio.

“Eles estavam definitivamente adulterados.”

Ann balançou a cabeça para trás e para frente de novo, tentando falar algo.

“O que foi?” Perguntou Cindy.

Ann levantou-se e se aproximou. “Você esteve certa o tempo todo,” disse ela.

Cindy não entendia o que ela queria dizer. Então, de repente, ela compreendeu. “Certa sobre Clint?”

Ann caiu para trás no travesseiro e assentiu.

O coração de Cindy inchou ao ouvir isso.

Finalmente, Ann acreditava nela, não achava que ela era louca. Ela se sentiu encorajada a ir em frente.

“Ann,” Cindy começou, “Eu encontrei várias informações preocupantes. Sobre a empresa de Clint. Eu tenho um relatório que ele escreveu... Sei que parece loucura, mas acho que ele estava se preparando para responsabilizá-los. E eu acho que queriam se livrar dele.”

Ann assentiu.

“E eu acho que quem se livrou dele me quer morta, também.”

“Você tem alguma prova?” Perguntou Ann.

“Só um relatório que ele escreveu. Mas é bem condenatório.”

Ann assentiu com a cabeça, seus olhos abrindo e fechando.

“O que devo fazer?” Perguntou Cindy. “Ir para a polícia?”

Ann balançou a cabeça.

“O FBI,” respondeu Ann.

Os olhos de Cindy se arregalaram.

“É um crime internacional,” continuou Ann. “Você precisa do FBI. Vá! Não espere.”

As palavras de Ann deram um calafrio em Cindy. Elas também lhe deram coragem, determinação para seguir em frente. Ela apertou a mão dela enquanto seus olhos se fecharam e ela sabia que, mais uma vez, Ann estava certa.

## Capítulo 19

O encontro de Cindy com o agente James E. Farnell no FBI demorou menos de 15 minutos. Farnell era um cara grande e corpulento, de queixo quadrado, ele já tinha passado por aquilo milhares de vezes. Cindy lhe trouxe todas as informações que tinha sobre a morte de Clint, juntamente com tudo o que acontecera desde então, incluindo os relatórios da empresa, e colocou tudo sobre a mesa de Farnell.

Ele sentou-se ali mordendo o lábio inferior, examinando os papéis.

Com os olhos semicerrados, ele olhou para Cindy. “É tudo circunstancial,” ele finalmente disse.

O coração de Cindy apertou. “Você não vai assumir o caso?” Ela perguntou.

“Não há nenhum caso aqui,” ele respondeu.

O coração de Cindy apertou.

“Eu não estou dizendo que não faz sentido. É interessante.” Farnell esticou a mandíbula e pousou seu dedo sobre ela. “Eu preciso de mais. Algo sólido, algo direto. Você está pedindo para investigar uma empresa internacional de perfuração de petróleo, com conexões em Washington. Isso não é o suficiente.”

“Ajude-me,” pediu Cindy, de repente, aflita.

“Desculpe,” disse Farnell.

“Espere um minuto.” Cindy ficou irritada. “Você está me dizendo para simplesmente esquecer?”

Um pequeno sorriso surgiu ao redor da boca dele. Ele gostou da coragem dela. Cindy percebeu isso.

“Não, eu não estou. Estou dizendo que isso aqui não é o suficiente para iniciar uma investigação.”

“O que mais eu preciso?”

“Arranje o relatório original do legista,” disse Farnell. “Quero vê-lo em primeira mão. Encontre uma testemunha. Quem encontrou o corpo? Quem recolheu as provas? O que eles encontraram? E sobre a cena do crime?”

A mente de Cindy estava correndo. Ela tirou seu bloco e começou a tomar notas.

“A cena do crime foi no oceano,” disse ela, com lágrimas enchendo seus olhos repentinamente.

“Como você sabe?”

Isto chocou Cindy.

“Que tipo de evidências foram coletadas? Eu preciso da condição exata do corpo, o que estava exatamente dentro ou fora?”

“Eu tenho que voltar para Barbados para obter esses tipos de detalhes,” ela falou.

“Então, vá,” disse ele.

No segundo em que ele disse isso, um choque atingiu Cindy. Ela sabia que ele estava certo. Parecia a coisa certa. Sim. Barbados. Mas é claro. Ela tinha que voltar.

Cindy sentiu-se nervosa, mas animada.

“Posso manter contato com você?”

“Envie-me a evidência, se você obtê-la, e eu vou dar uma olhada. E, em relação a todas as suas teorias sobre a DGB e a morte repentina de Greg...”

“Hamden,” disse Cindy.

Ele anotou. “Hamden, certo... Bem, eu não estou prometendo nada, mas eu vou dar uma olhada nisso,” ele cedeu.

“Eu não sei como agradecê-lo,” disse Cindy.

“Não me agradeça ainda,” ele respondeu. “Vamos ver o que você vai encontrar.”

Cindy levantou-se.

“Só mais uma coisa,” ele acrescentou.

Ela parou e se virou.

“Se houver algum tipo de encobrimento envolvido, você pode estar caminhando em direção a um

ninho de vespas. Se a polícia local foi comprada, se eles tiveram ajuda para a falsificação de provas, então não os procure para obter ajuda.”

Cindy engoliu em seco, nervosa. Ela não tinha pensado nisso.

“Mas então...” ela começou, “quem eu posso procurar?”

“Basta manter a cabeça baixa, obter o que precisa, e voltar,” disse ele. “Mas se você se encontrar em qualquer tipo de problema, vá para a embaixada dos Estados Unidos. E ligue para mim de lá.”

O coração de Cindy acelerou em seu peito, enquanto se perguntava se tudo aquilo poderia dar errado.

## Capítulo 20

Cindy correu para sua casa usando o carro de Clint, ansiosa para fazer suas malas e pegar o próximo avião que iria para Barbados. O agente do FBI estava certo: ela nunca iria obter as respostas que ela realmente queria, a menos que fosse para lá. E ninguém mais faria isso por ela. Se ela realmente quisesse resolver isso, honrar a vida de Clint, se ela realmente quisesse que tudo aquilo acabasse, ela teria que voltar.

Quanto mais ela pensava sobre isso, mais ela percebia que isso também daria a ela a chance de voltar para onde ela e Clint tinham sido tão felizes. Ela percebeu que uma parte dela desejava isso - estar de volta no lugar onde eles estiveram felizes, ser capaz de retomar de onde eles tinham parado.

Ela iria reservar um quarto no mesmo hotel, falaria com o pessoal, consultaria o médico legista, descobriria a condição exata do corpo de Clint. Todas as coisas que ela não tinha sido capaz de fazer antes. Ela iria para a praia, onde ele tinha ido surfar e diria a Clint que ela mesma estava resolvendo o caso.

Cindy estacionou na calçada, ansiosa para começar a verificar os voos disponíveis. Animada, ela correu para a porta, abriu-a e entrou na casa.

Uma onda fria de medo tomou conta dela.

O lugar estava virado de cabeça para baixo. Mesas derrubadas, uma cortina rasgada, revistas espalhadas pelo chão, seu vaso favorito esmagado. Alguém tinha invadido o local.

Ela correu para o estúdio de Clint. Todos os seus arquivos foram levados - juntamente com o seu computador.

Graças a Deus ela ainda tinha o pen drive, e tinha deixado cópias de segurança com o FBI.

Ela correu para o quarto para ver se seu computador fora levado também. Ela o mantinha sob a cama para que ela pudesse alcançá-lo no meio da noite. Milagrosamente, ele ainda estava lá.

Cindy imediatamente pegou o telefone e ligou para o Agente Farnell. Para seu grande alívio, ele atendeu.

“Alguém invadiu a minha casa,” ela disse a ele imediatamente. “Eles pegaram todos os arquivos.” Farnell ficou em silêncio.

“Estou com medo.”

“Chame a polícia local. Faça um relatório. E vá para Barbados. Vou informar a Embaixada dos Estados Unidos que você está indo. Mantenha contato.”

# Capítulo 21

Cindy reservou o primeiro voo disponível, um voo noturno que estava meio vazio, e que sairia naquela mesma noite.

Quando ela chegou ao aeroporto, ela sentiu como se estivesse voltando no tempo. Ela e Clint também tinham pegado um voo noturno, que havia saído logo após o casamento.

“Foi ótimo, foi ótimo,” ele dizia repetidamente, seus braços em volta dela, beijando-a.

“Eu nunca pensei que teríamos um momento tão maravilhoso. E nossas famílias também estavam felizes. Meu pai e sua mãe conversaram por tanto tempo. A banda foi melhor do que eu esperava. E você viu Al dançando?”

Cindy sorria o tempo todo. Ela estava exausta, mas completamente contente. Ela tinha agora tudo o que ela sempre quis. Ela mal podia esperar para chegar à praia e deitarem juntos na areia, longe de todos.

Enquanto eles entravam no avião, Clint continuava falando e rindo. Ele estava, provavelmente, um pouco bêbado, ela pensou, com todo aquele champanhe.

“Você tem ideia do quanto eu amo você?” Ele continuava sussurrando no ouvido de Cindy, várias vezes durante o voo. Era como se ele estivesse subindo o Monte Everest e, finalmente, chegando ao topo.

Cindy não tinha certeza por que ele a amava tanto, mas estava feliz em ouvi-lo, ela era capaz, pela primeira vez em sua vida, de aceitar. Ela tinha certeza de que tinha uma vida de viagens como aquela pela sua frente.

Agora ela estava dormindo sozinha no avião durante a maior parte do caminho. Era bom estar no ar, deixando a bagunça da cidade para trás. Mas ela também estava nervosa sobre o que a esperava.

Enquanto o avião voava pelo ar, ela sonhou com Clint. Ela sonhou que eles estavam na lua de mel, bebendo champanhe. Eles estavam de volta ao hotel, com suaves brisas do oceano soprando sobre eles. Então, com o canto do olho, Cindy viu um homem pequeno, cheio de marcas, carregando uma bandeja com comida para eles. A bandeja era feita de pele de cobras mortas. Cindy estremeceu e soltou um gritinho. O homem deixou cair a bandeja e começou a correr sobre as rochas, fora da costa, enquanto as cobras deslizavam loucamente por todo o chão.

Cindy despertou de repente no avião e estendeu a mão para pegar a mão de Clint, pensando que eles ainda estavam juntos. Mas o assento ao lado dela estava vazio. Ela balançou a cabeça, virou-se e olhou, e então adormeceu em um sono agitado.

“Preparem-se para o pouso.” Cindy foi despertada pelo som da voz da aeromoça pelo alto-falante. “Nós pousaremos em cerca de quinze minutos.”

Cindy não podia acreditar que eles estavam prestes a pousar. Ela se sentou e começou a recolher suas coisas. Pela janela do avião, ela podia ver a luz do amanhecer começando a aparecer. Um novo dia.

Ela fechou os olhos e respirou fundo. Ela não tinha ideia do quanto ela queria estar de volta ali. Sentia-se tão perto de Clint, voltando a Barbados como se nada tivesse mudado, como se o mundo fosse estável e cheio de alegria.

O pouso foi suave e, como o avião estava meio vazio, ela saiu rápido. Cindy desceu uma prancha instável, pegou uma xícara de café em um carrinho nas proximidades, e caminhou até o bagageiro para esperar por sua mala.

Logo a catraca começou a derramar as poucas peças que o avião tinha transportado. Cindy observou os passageiros pegarem suas malas no aeroporto ainda sonolento. A dela veio por último. Ela pegou e saiu para chamar um táxi.

Enquanto caminhava para a linha de táxis, o ar quente, salgado caiu sobre ela, relaxando seus músculos e trazendo um sorriso ao seu rosto. Com tudo o que tinha acontecido, era maravilhoso estar ali. Cindy balançou os cabelos e os deixou caírem livremente sobre os ombros quando ela olhou para o céu.

Era azul claro, com nuvens fofas brincando à deriva acima de sua cabeça. Ela se sentia tão em casa ali no Caribe, como se ali fosse exatamente onde ela pertencia.

Enquanto ela esperava alguns momentos por um táxi, ela se perguntou se ela iria encontrar o mesmo motorista que ela e Clint tinham pegado antes.

Não. Um motorista jovem, alto e magro aproximou-se. Ele saiu do táxi e colocou sua bagagem na parte de trás, enquanto ela entrava.

“Hotel El Barado,” disse ela.

Assim como o motorista na sua lua de mel, este parou, virou-se e olhou para ela estranhamente. “Tem certeza?”

“Certeza absoluta.”

“Você sabe para onde está indo?”

Cindy perguntou se todos os taxistas eram instruídos para avisar aos viajantes antes de levá-los para lá.

“A maioria vai para a costa oeste,” disse ele. “Há uma abundância de quartos disponíveis lá.”

“Eu sempre vou para o El Barado,” respondeu Cindy.

“Sempre? É mesmo? Você gosta de lá?”

Cindy não queria ter uma discussão. Ela queria chegar ao hotel.

“Vamos,” disse ela.

Ele fez uma careta, virou-se, deu partida no carro, ligou o rádio alto e foi embora.

“Você pode diminuir o volume do rádio?” Ela pediu.

“Eu gosto de som alto,” ele respondeu.

O rádio tocou música reggae a maior parte da corrida. Cindy se inclinou para perto da janela e olhou para as pequenas aldeias pelas quais ela e Clint tinham passado. Fileiras de fazendas de cana de açúcar e pequenas aldeias de casas térreas, mais uma vez pontilhavam a paisagem. Era cedo, ninguém tinha acordado ainda e as aldeias pareciam misteriosas, quase cidades-fantasmas, mal havia uma pessoa para ser vista.

No que pareceu um rápido momento, o táxi saiu da estrada estreita, atrás de arbustos e palmeiras muito altas, em direção ao Hotel El Barado, situado nas rochas, ao lado do oceano. E da praia que tinha reivindicado a vida de Clint.

Tudo parecia fechado. O táxi estacionou em frente ao hotel e, para surpresa de Cindy, o motorista apertou sua buzina bem alto para que soubessem que eles haviam chegado. Em seguida, ele saiu para pegar a bagagem dela.

Cindy saiu do táxi. Era chocante estar de volta ali. O lugar estava exatamente como ela se lembrava, nada mudara, exceto que as nuvens estavam se tornando rapidamente um pouco mais pesadas, e o vento estava ficando mais forte.

O motorista voltou para a cabine e se inclinou novamente em sua buzina.

“Não é nada, senhorita,” disse ele, sorrindo. “Eu faço isso o tempo todo. Tenho que avisá-los que eles têm um hóspede.”

Naquele mesmo instante, a porta de entrada para o hotel abriu e Alex saiu correndo, de braços abertos.

“Senhorita Cindy, senhorita Cindy,” disse ele, aproximando-se para vê-la. “Mas é um prazer ter você de volta aqui com a gente.”

Cindy ficou emocionada ao vê-lo. Mas também se sentiu estranha, chegando tão cedo e sozinha. Ali era um local de lua de mel para casais. Mas Alex sabia que ela tinha estado ali com Clint. Ele se lembrava do que tinha acontecido, tinha tomado um interesse especial por eles. Ela não tinha chegado a dizer adeus a ele corretamente quando ela fora embora antes. Aquele último dia parecia um borrão. Eles haviam lhe dado sedativos para acalmá-la. Greerson tinha estado lá, acompanhando-a até o aeroporto.

Ela não se lembrava de ter visto Alex, no final.

Cindy correu até ele. Ele era uma conexão forte com Clint. Ela queria abraçá-lo, como um velho amigo, mas parou por um momento antes que ela o fizesse.

Ele estendeu as duas mãos e agarrou a dela entre as dele.

“Eu sinto muito,” disse ele, com os olhos cheios de lágrimas.

Cindy agarrou as mãos dele. Elas deram-lhe força e conforto.

“Seu quarto está pronto,” disse Alex.

Ela tinha reservado o mesmo quarto que ela e Clint tinham se hospedado.

“Eu pensei que talvez você quisesse outro quarto,” Alex disse timidamente. “Se você quiser mudar de quarto, você pode.”

“Não,” respondeu Cindy. Ela queria passar por todas as etapas, exatamente como elas aconteceram.

“Não, mas obrigada. Eu quero o quarto no qual ficamos antes.”

Alex pegou a bagagem do motorista de táxi, que estava ouvindo atentamente a cada palavra. Cindy pagou, deu uma gorjeta ao taxista e agradeceu. Ele pegou o dinheiro, sorriu e saiu lentamente pela porta da frente. Cindy estava feliz por ele ter ido embora.

Alex pegou sua bagagem. “Você fez uma boa viagem?” Perguntou.

“Perfeita, tranquila,” respondeu Cindy.

Alex sorriu. “Muito bom, muito bom. Vamos fazer com que você se sinta em casa.”

Ela o seguiu pelas escadas para o quarto. Abriu-o e os dois entraram.

O quarto estava exatamente como ela se lembrava, o pátio com vista para a vasta extensão do oceano; as persianas de madeira batendo levemente contra as janelas. Cindy respirou fundo. A enorme cama king size na qual eles dormiram estava lá, assim como as conchas e os búzios, dispostos em cestas de palha sobre a mesa.

Alex colocou a bagagem no chão e parecia querer dizer algo, mas mudou de ideia, ficando em silêncio. Ele provavelmente queria dizer que ele sentia muito. Ele, provavelmente, também estava se perguntando o que raios ela estava fazendo de volta ali agora. Ela iria contar, na hora certa. Então, ela tirou algumas notas para agradecer a Alex.

Ele balançou a cabeça. “Não é necessário, senhorita. É um prazer tê-la aqui.” Então ele se virou para ir embora e parou na porta. “Espero que a sua estadia seja agradável. Se eu puder ajudar com qualquer coisa, senhorita Cindy, eu estou bem aqui.”

E depois ele saiu.

Cindy estava aliviada por estar sozinha no quarto. Ela foi para a cama e passou a mão sobre as colchas azuis claras de algodão, as mesmas de antes. Ela puxou a colcha da cama e a segurou bem perto, como se ela estivesse embrulhando Clint ao seu redor.

Cindy deitou-se e estendeu-se na cama, olhando para o teto de madeira alto. Ela escutou o vento nas palmeiras do lado de fora e respirou o ar salgado. Tudo estava exatamente como antes.

Deitada, ela sentiu o espírito de Clint fortemente com ela. Ela não tinha sentido isso tão poderosamente antes e tinha certeza de que ele iria guiá-la a cada passo do caminho.

Enquanto ela estava lá, Cindy pensou em todas as coisas que queria fazer naquele dia.

Primeiro, ela queria caminhar pela praia, refazer os passos onde tudo aconteceu.

Em seguida, ela iria direto para o escritório do legista para obter o relatório. Ela precisava de mais informações sobre as condições do corpo de Clint. Até agora, ela não tinha sido capaz de suportar pensar sobre isso. Mas, ali em Barbados, uma energia forte tomava conta dela. Sentia-se cheia de vida, como a natureza, poderosa e capaz de lidar com qualquer coisa.

Cindy fechou os olhos, dormiu por um tempo e depois acordou rapidamente, decepcionada com ela mesma. Ela não tinha a intenção de tirar um cochilo. A viagem fora mais cansativa do que ela pensava. Ela olhou para o relógio, pulou da cama e foi direto para a praia.

Mesmo no início do dia, as marés estavam fortes e as ondas rolavam para dentro da costa. Cindy adorava o som da arrebentação das ondas. Ele limpava sua mente e ajudava a ver detalhes que ela nunca tinha visto antes. Ela e Clint tinham corrido naquela mesma praia juntos. Era maravilhoso estar ali agora. Ela correu mais rápido e mais rápido, em sintonia com a batida das ondas.

Cindy parou na faixa de praia onde ela tinha ido no dia em que Clint morreu, o local onde sua prancha estava flutuando. Era um dia muito bonito como aquele, mas a maré estava mais calma. Cindy ficou lá, apreciando o mar e olhando ao redor da praia. Não havia nada lá que dissesse que a vida de um homem havia sido interrompida naquele local. Que a maré o engolira. Como se nada tivesse acontecido, as ondas simplesmente rolavam.

As perguntas de Farnell vieram à mente. Como ela sabia Clint morrera naquele local? Sua prancha de surfe tinha flutuado até ali, mas isso não provava nada. Era um desperdício de tempo ficar ali se perguntando. Ela tinha que chegar ao escritório do legista, ver o relatório com seus próprios olhos, obter os fatos.

Cindy começou a correr de volta. Enquanto corria, ela percebeu como ela esteve cega para a vida. Ela vivia em um pequeno canto do mundo com pessoas e situações familiares. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse voltar a viver assim. Era hora de abrir os olhos e ir mais fundo na ilha e o que ela tinha feito para o homem que ela amava.

\*

Cindy alugou um carro e dirigiu-se ao escritório do legista da cidade. Demorou um pouco para se acostumar a dirigir por ali, do lado esquerdo da estrada.

Era uma viagem de cerca de duas milhas ao longo de uma estrada sinuosa. O escritório do legista ficava em um prédio de três andares no centro da cidade, cercado por alguns outros edifícios pequenos pintados de branco.

Cindy estacionou o carro e saiu.

Havia pedrinhas espalhadas ao longo da via principal e sapos apareciam aqui e ali. Cindy entrou no prédio e perguntou a um homem que estava sentado em um banquinho onde o escritório do legista ficava. Ele mal tomara conhecimento dela, apenas apontou diretamente para o corredor. “Aguarde alguns minutos. A secretária está fazendo uma pausa. Espere ali e eu vou chamá-la quando ela voltar.”

Ele apontou para um pequeno canto de espera com bancos de madeira.

Cindy aproximou-se e sentou-se. Havia um relógio de pêndulo raquítico ali e pequenas mesas perto dos bancos com folhetos sobre Barbados e todos os tipos de artigos. Havia também um grande ventilador no canto, zumbindo, resfriando aqueles que ali esperavam. Cindy pegou um dos folhetos e leu.

*Três surfistas deslizavam nas águas em uma onda de 15 pés na costa leste de Barbados. Um dos surfistas estava em sua prancha, de pé e aproveitando a onda, os milhões de galões de energia do oceano o impulsionavam para frente. Ele foi para a esquerda, então direita, depois se agachou e segurou os lados de sua prancha, lançando-se cinco pés para fora da crista. Ele voou, girando no ar e aterrissou com perfeita facilidade na onda, que pegou impulso e o levou até a praia.*

Clint tinha feito coisas como essa várias vezes e havia descrito a emoção para ela, repetidamente. O que deu errado com a onda que ele pegou? Houve realmente uma correnteza súbita? Cindy foi tomada por um desejo de ler cada palavra que fora escrita sobre Clint e como ele morreu. Tinha que haver alguns artigos nos jornais locais. Ela fez uma nota para verificar isso naquele mesmo dia.

Então ela notou um pequeno folheto sobre a mesa ao lado dela, um guia de viagem de um consulado em outro país. Alguém o tinha deixado lá. Um item chamou sua atenção.

*Visitante foi sexualmente agredida com uma faca, teve vida ameaçada e foi roubada à luz do dia.*

A polícia permaneceu indiferente. Os moradores locais de fora do negócio turístico confidenciaram que tal situação não é surpreendente. Ela também leu um aviso sobre viagens do consulado a respeito de estupro de turistas e o aumento da criminalidade.

Cindy sentiu-se abalada. Ela não tinha ideia sobre o assunto, nem tinha verificado tais avisos no seu consulado. Ela dobrou o folheto e o enfiou na bolsa. Cada pedaço de evidência era adicionado a sua imagem.

O cara que tinha originalmente falado para que ela esperasse se aproximou e apontou para uma porta no final do corredor. A secretária havia retornado de seu intervalo.

Cindy foi até a porta, abriu-a e entrou. Havia apenas algumas pessoas por lá.

Uma linda mulher com olhos brilhantes e dentes brancos pérola cumprimentou-lhe na mesa principal.

“Bem-vinda a Barbados.” Ela sorriu, parecendo ter um gosto imediato por Cindy.

“Preciso de algumas informações,” disse Cindy para a mulher.

“Claro, querida, qualquer coisa,” a mulher respondeu.

“Eu estou procurando pelo relatório original do legista, é sobre a morte do meu marido.”

A mulher a encarou. “Oh meu Deus.

“Aconteceu alguns meses atrás,” acrescentou Cindy.

A mulher balançou a cabeça. “Eu sinto muito. Aconteceu em Barbados?”

Cindy assentiu.

“E com uma mulher tão jovem.” A secretária suspirou. “Só Deus sabe por que ele leva nossos entes queridos de nós.”

Cindy queria continuar investigando. “O relatório que temos nos EUA é um resumo. Ele diz que foi morte acidental, por afogamento. Eu preciso de mais detalhes.”

A mulher balançou a cabeça para frente e para trás. “Tanta dor para uma mulher tão jovem e bonita como você.”

Cindy estava ficando frustrada. “Preciso de mais informações sobre a investigação.”

A mulher balançou a cabeça.

“O que quer dizer com investigação? Um acidente é um acidente. O que há para investigar? As ondas podem ser perigosas na costa leste. Uma investigação leva muito tempo aqui. Primeiro temos um inquérito-” ela suspirou.

“Eu quero o relatório do legista completo.” Cindy disse com mais força.

“Nós não liberamos isso assim.”

“Eu só quero lê-lo. Você pode fazer uma cópia do mesmo. É só isso que eu quero.”

“Sim, sim, eu entendo. Mas estamos muito ocupados no momento.”

Cindy olhou em volta. Eles não pareciam nem um pouco ocupados.

“Só vai levar um minuto. Não há algum arquivo com os relatórios?” Ela perguntou.

“Claro que há um arquivo,” disse a mulher, “mas você não pode simplesmente entrar e vê-lo. Nós precisaríamos de sua identificação e coisas assim.”

“Eu tenho identificação,” respondeu Cindy. “Eu vim dos Estados Unidos sozinha para ver este relatório.”

Os olhos da mulher se arregalaram. “Sozinha?” Isso pareceu surpreendê-la. “Você está pedindo um inquérito?”

“Não, não estou,” Cindy falou. “Eu só quero comparar o relatório que vocês têm com o que eu tenho. Ver se há algo errado.”

“Um inquérito pode levar uns dois anos,” a mulher disse como se estivesse lendo um formulário. “Nós temos que alinhar as testemunhas, coletar depoimentos. O legista tem que verificar as evidências.”

Claramente, ela queria desencorajar Cindy, mandá-la embora. Esse era o seu trabalho. Essas eram as suas instruções. Cindy precisava contorná-la.

“Eu não quero um inquérito,” Cindy repetiu. “Acredite em mim.”

Os olhos da mulher pareciam vidrados.

“Estou sozinha,” disse Cindy em uma voz suave e trêmula. “De mulher para mulher, eu sei que você

pode me ajudar. Eu só quero dar uma olhada no relatório.”

“Você tem certeza?”

Cindy se inclinou e tocou em seu braço. “Só vai levar alguns minutos. Você não pode me dar uma mão?”

Algo no tom de Cindy tocou a mulher.

“Ouça, meu amor,” disse ela, “Pegarei o relatório para mostrá-lo a você. Vou fazer-lhe uma cópia, e é isso. Nós não precisamos de mais problemas aqui em Barbados.”

Cindy estava grata. “Isso é ótimo, tudo bem. É só isso que eu quero.”

“Nunca é tudo que querem,” disse a mulher. “E que bem isso irá fazer? Ele morreu em Barbados. É a nossa jurisdição. Estes casos se estendem por anos e, em seguida, nada acontece. Deixe seu querido homem descansar em paz e poupe as suas lágrimas.”

Cindy não queria dizer que o assassinato podia ter acontecido em Barbados, mas o crime ocorrera nos EUA. Não havia necessidade de dar detalhes àquela mulher.

“Eu sinto falta do meu marido” Cindy preferiu dizer. “Eu quero ver o que aconteceu com ele.” Exausta, sua voz estava ficando pesada, quase à beira das lágrimas.

“Ok, vamos lá, não chore. Vou pegar esse relatório. Não é tão difícil.” A mulher levantou-se e fez um gesto para Cindy segui-la.

Eles caminharam até o fundo da sala e, em seguida, se viraram para caminhar por um corredor estreito.

“Vai chover forte mais tarde,” a mulher comentou enquanto seus passos ressoavam no antigo piso de madeira. Em seguida elas entraram em uma sala estreita e longa, repleta de enormes armários por todos os lados.

“Dê-me o nome e a data.”

“Clint Blaine. 23 de maio de 2010.”

“Recente,” ela murmurou e folheou os arquivos. “Você sabe, eu acho que eu ouvi alguém falar sobre isso. Morreu na lua de mel?”

“Sim,” respondeu Cindy.

“Certo,” disse a mulher, folheando cada relatório rapidamente, esperando que o arquivo de Clint estivesse ali. Não estava.

Ela então começou a prestar mais atenção, parecia folhear mais devagar, com cuidado, verificando cada nome e data. De repente, ela parou e virou-se para Cindy.

“Não consigo encontrá-lo em lugar nenhum.”

“Do que você está falando?”

A mulher parecia angustiada, ela se virou para averiguar novamente.

“É engraçado. Nós normalmente temos uma cópia de todos os relatórios aqui.”

Ela revisou novamente os arquivos e nada.

“Alguém deve tê-lo levado,” disse a mulher.

“Quem levou?” Perguntou Cindy.

A mulher não tinha ideia.

“Só trabalho na recepção,” ela respondeu em um tom triste, cadenciado. “Eu estava tentando ajudá-la.”

“Deixe-me falar com o médico legista.”

Ela olhou para Cindy com um rosto inexpressivo. “Querida, ele é um homem ocupado. Ele não vai falar com ninguém.”

“Eu não sou qualquer uma. Meu marido foi morto.”

“Eu sei e eu sinto muito. Mas ele não está disponível.”

Cindy não podia ficar zangada com ela. Ela estava apenas fazendo seu trabalho e tinha feito mais do

que devia, de qualquer maneira.

“Obrigada por tudo,” agradeceu Cindy e, em seguida, virou-se e foi embora.

“Então, desculpe, desculpe mesmo, querida,” a mulher falou. “Que ele descanse em paz. Que a ilha o tenha. Deixe seu espírito voar com as nossas belas aves.”

\*

Não havia dúvida. O relatório original fora escondido. Tinha que haver um motivo. Ele havia sido adulterado. Cindy teria que enfrentar o legista sozinha.

Ela sabia que o escritório do legista ficava naquele edifício. Ele deveria estar a poucos passos de distância. Ela foi para o seu carro, abriu seu telefone e deu uma olhada no website do legista para saber mais sobre ele.

A foto dele logo apareceu. Ele era uma figura proeminente, com um rosto redondo e grande e olhos sorridentes.

Cindy imediatamente ligou para o seu escritório e perguntou se ele estava lá hoje.

A voz ao telefone perguntou se ela tinha marcado um horário com ele. Cindy não o fizera, mas precisava de um urgentemente. O legista estava lá, mas as consultas precisavam ser marcadas com três semanas de antecedência, a pessoa a informou. O legista era um homem muito, muito ocupado.

Cindy não tinha tempo a perder. E ela não precisava. Ela iria estacionar o carro na frente do prédio, esperar lá sentada até ele ir embora. Havia apenas uma porta para a saída. Assim que ela o visse, ela iria correr até ele para conversar. Como ele poderia recusá-la?

Parecia que havia passado várias horas enquanto ela estava ali sentada, naquele calor, com os olhos grudados na porta da frente. Ela não ligara o ar condicionado, pois ela queria estar pronta para sair do carro assim que ela o visse.

Enquanto Cindy esperava, ela se perguntou o que seu pai pensaria dela se a visse agora. Cindy raramente pensava em seu pai. Ela mal o conhecera; quando ela era pequena, ele sempre estava ocupado com seus deveres policiais. Ela era tão nova quando ele morreu. Mas memórias vagas dele estavam lhe vindo à mente nos últimos dias. Ele era grande, robusto e bem-humorado. Ela sempre quis ser forte como ele. Será que ele teria orgulho dela? Ou ele pensaria que ela estava louca, ao se sujeitar a fazer tal coisa?

Enquanto refletia, Cindy, de repente, viu o legista andando calmamente para fora do prédio. Ela saiu do carro e correu em direção a ele.

“Sr. Kartrite,” ela disse rapidamente, ficando na frente dele.

Ele desviou. “Com licença, senhora,” e ele continuou andando.

Cindy alcançou o lado dele e começou a andar junto.

“Eu preciso falar com você. É importante, urgente.”

Ele continuou andando e não disse nada.

“Sou a esposa de Clint Blaine,” ela continuou. “O homem que morreu em sua lua de mel. Tenho certeza que você ouviu a respeito.”

“Por favor, pare um minuto e fale comigo. Eu tenho uma consulta com você. Eu preciso de uma cópia do seu relatório.”

Cindy falava cada vez mais rápido enquanto andava ao lado dele. “Eu tenho que comparar o seu relatório com o que eu recebi em casa. Várias coisas terríveis têm acontecido desde que eu voltei para os EUA.”

Ele parou e olhou para ela. “O que uma jovem mulher como você está fazendo aqui sozinha pedindo algo sobre isso?”

“Eu não tenho escolha. Por favor, ajude-me.”

“Não há ninguém na sua casa que possa vir ajudá-la?”

Cindy sacudiu a cabeça.

Ele olhou para ela com gentileza, parecia se sentir mal por ela.

“Não apenas meu marido, minha irmã foi ferida, o amigo do meu marido foi morto.”

O legista parecia perturbado.

“O que eu posso fazer?” ele disse, afobado. “Eu disse a eles tudo o que eu sabia. Eles não me ouviram. E mudaram as informações.”

“Oh meu Deus.” Cindy parou de andar. “Quem?”

O legista parou também. Eles se encararam.

“O relatório que você tem não é o que eu escrevi. Acontece às vezes. Os fatos podem ser inconvenientes.”

“Eu estou implorando para me dizer o que está em seu relatório. Eu preciso saber.”

“Seu marido não morreu de afogamento,” ele finalmente confessou, suspirando profundamente.

O coração de Cindy apertou. Ela tinha medo de perguntar.

“Então... como?” Ela indagou.

Ele olhou para ela. “Ele morreu por causa de um trauma na cabeça. Mas não causado por uma prancha de surfe.”

Cindy sentiu-se tremer por dentro.

“Causado por... o quê?” Ela perguntou, sua voz quase um sussurro.

“Eu não poderia dizer com certeza. Do ângulo, porém, eu apostaria que era uma lancha. Ele foi atropelado.”

Cindy sentiu-se fisicamente doente. O pensamento a horrorizava.

Ainda assim, finalmente, ela tinha fatos.

“Eu preciso do relatório e eu preciso que você seja uma testemunha,” ela implorou, lágrimas enchendo seus olhos.

Ele balançou a cabeça e começou a andar de novo.

Ela se apressou para acompanhá-lo.

“Eu não posso ser uma testemunha e eu não tenho o relatório. Eu só disse o que eu sei. Vamos manter isso assim.”

Ela agarrou seu braço. “Por favor, não é só ele. Minha vida está em perigo.”

Ele fez uma careta. “Essas empresas podres pensam que são os donos do mundo.”

“Sim,” respirou Cindy.

“Eles acham que com alguns dólares no bolso e eles podem fazer o que quiserem.”

“É errado,” lamentou Cindy.

“Eu sei.” Ele ficou parado ali mesmo.

“Por favor,” disse Cindy acaloradamente, “você deve ter o relatório.”

Ele acenou com a cabeça. “Você promete que você nunca vai contar a eles de onde ele veio?”

“Nunca,” prometeu Cindy.

Ela deu-lhe um cartão com seu endereço de e-mail.

Ele olhou fixamente para ele, pensando. Finalmente, ele cedeu.

“Eu vou enviar um e-mail para você. Imagens do corpo, o exame médico, tudo isso,” ele disse de repente.

“Oh meu Deus, obrigada. Por favor, envie assim que puder.”

Sem outra palavra, ele se virou e correu para seu carro, entrou nele e saiu em disparada.

Cindy ficou sozinha no estacionamento, querendo saber o que fazer em seguida. Ela sabia que tinha encontrado o que ela estava procurando, que ela deveria voltar calmamente para casa, esperar pelo e-mail e informar o FBI.

Mas uma parte dela não podia deixar as coisas assim. Ela sentia uma necessidade de pressionar ainda mais, encontrar todos os responsáveis. Não podia simplesmente voltar tranquilamente para casa. Isso só não era mais apenas sobre ela.

A polícia local sabia claramente. Eles haviam encoberto o relatório. Ela precisava saber quem estava subornando os policiais. E não descansaria até encontrar o culpado.

Ela reconhecia que era tolice, mas, quando voltou para seu carro, sabia que sua próxima parada tinha que ser na polícia local.

## Capítulo 22

Cindy estava animada. Ela se sentia invencível. Ela esteve certa o tempo todo e agora tinha provas. Trauma na cabeça. Como alguém se atreveu a machucar Clint assim? Se essa fosse a última coisa que ela fosse fazer na vida, ela iria descobrir quem o fizera - e obteria justiça.

Seu corpo estava extasiado de energia enquanto ela dirigia cerca de meia milha pela estrada em direção à delegacia.

Encorajada, Cindy entrou na delegacia como se fizesse isso todos os dias. Um crime fora cometido e ela não descansaria até descobrir mais a respeito.

“O chefe da polícia,” ela disse para o rapaz sonolento sentado à mesa principal.

Ele olhou para ela por um minuto e sorriu. “Não é aqui, querida.”

Cindy se sentiu incomodada. “É urgente. Ele está me esperando.”

O cara riu. “Ele não está esperando ninguém. Na verdade, aqui nem é o escritório dele.”

“Então, onde é?”

“La Moya. Seu restaurante favorito.”

“Onde fica La Moya?” Perguntou Cindy.

O cara só deu de ombros.

Cindy se aproximou da mesa, ameaçadoramente. “Olha, isso aqui não é uma brincadeira,” disse ela, com os olhos queimando.

“Ei, senhora. Vá com calma. Todo mundo sabe que o La Moya fica duas quadras daqui, na estrada.”

Então ele sorriu novamente e fechou os olhos. Ela devia ter perturbado seu sono.

Cindy entrou no carro e dirigiu direito para La Moya.

Era um restaurante chique, na água, com um enorme pátio externo com várias palmeiras. As pessoas ficavam horas sentadas no pátio, comendo e bebendo rum. Uma música de reggae tocava ao fundo.

“O chefe de polícia está me esperando,” ela disse ao garçom alto e magro que a cumprimentou. “Onde ele está?”

O garçom apontou para uma mesa na frente. Um homem enorme estava sentado lá, inclinado para trás na cadeira, bebendo cerveja e comendo.

“É onde ele se senta todos os dias,” respondeu o garçom.

Ela foi direto até a mesa do chefe de polícia. “Posso me juntar a você?”

Ele olhou para ela e riu alto. “Pequena tigresa,” disse ele, divertindo-se. “Sente-se.”

Cindy se sentou em frente a ele. Era um belo local, bem perto da água. Como ela desejava que Clint pudesse estar sentado ali com ela.

“Desculpe interromper seu almoço,” ela falou.

Ele soltou uma gargalhada de novo, bem alta. Ele era um cara enorme, musculoso, com grandes bochechas e bolsas sob os olhos. Seus dentes eram minúsculos e amarelados.

“Ninguém interrompe meu almoço,” disse ele. “Eu como durante o dia todo.”

Ele estava comendo bolinhos crocantes e delicadamente grelhados de filés de peixe voador, juntamente com uma garrafa da cerveja de Barbados, a cerveja Bancos. Ele enfiou uma enorme colherada de bolinhos em sua boca.

Enquanto ela o assistia comer, ela deixou que o vento salgado e forte soprasse sobre seu corpo. Era tão fortalecedor saber que Clint não tinha morrido por afogamento, que ela não estava maluca, que suas suspeitas tinham um fundo de verdade, afinal. E que todos os seus esforços estavam levando a algo real.

“O que eu posso fazer pela mocinha?” Ele engoliu a comida fazendo barulho.

“Meu nome é Cindy Blaine,” ela começou.

Isso não significava nada a ele.

“O nome do meu marido era Clint Blaine. Ele foi morto em Barbados há pouco tempo.”

Ainda nenhum reconhecimento.

“Morreu durante sua lua de mel,” Cindy continuou, tentando fazê-lo lembrar de algo.

“Momento ruim para ser morto,” ela falou “Claro que nunca há um momento bom, mas durante a lua de mel é o pior momento possível.”

Cindy se sentiu completamente enojada.

“Ou talvez tenha sido, na verdade, em um momento bom?” Ele continuou. “Talvez ele tenha morrido após passar pelo melhor, assim não teve que passar pelo pior?”

E então ele riu de novo e enfiou mais comida em sua boca.

“Eu pensei que você pudesse ter ouvido falar deste caso.” Cindy tentou o máximo possível parecer profissional.

Isso o fez rir ainda mais alto. Ele estava curtindo cada momento com ela.

“Quem ele era, ou por que ele fez isso, eu não tenho ideia. Esta ilha não é de perdoar.” De repente, ele parecia sombrio. “Ouço sobre assassinos durante todo o dia. Matar é natural aqui em baixo, animais e pessoas, comendo-se uns aos outros.”

Era uma imagem horrível. Cindy sentiu-se mal do estômago.

“Você sabe, muitos surfistas vêm aqui e se afogam. As pessoas não falam sobre isso, mas acontece o tempo todo. Estamos acostumados. As belas ondas daqui tem vida própria. Você tem que aprender a respeitá-las, deixá-las conduzirem o caminho.”

“Você se lembra pelo menos deste caso?” Cindy não mudaria de assunto.

“Como eu posso me lembrar de todos os casos? Há tantos casos por aqui.” Ele bufou. “Para você o cara significava algo. Para nós, ele é só alimento para os peixes.”

Cindy empalideceu. Não havia como fazê-lo ceder.

“Meu marido foi morto na praia perto do Hotel El Barado.”

Ele mordeu o lábio de um segundo. “Você é uma detetive?” Ele perguntou.

“Eu sou uma esposa.”

Ele mal ouviu o que ela disse, largou o garfo e olhou para o horizonte, como se imaginasse o Hotel El Barado.

“Eles gostam de culpar as ondas por tudo de ruim que acontece aqui na ilha,” declarou ele. “Provavelmente o seu relatório dizia que a correnteza causou tudo. Agora acontece que eu amo correntezas. Elas não podem fazer nada de ruim a você. Se você invadir o território delas, de quem é a culpa se você morrer?”

“Clint entendia o oceano. Ele era um surfista muito.”

“Não era bom o suficiente.”

Ele fechou os olhos por um momento e começou a morder o lábio novamente.

“Há muitas maneiras de ser morto por aqui na ilha.”

“Eu preciso de informações sobre a investigação,” ela insistiu.

“É mesmo? Que tipo de informação?”

Isto era diversão para ele, uma distração durante a tarde. Ele estava brincando com ela como se ela fosse um peixinho.

“Quem encontrou o corpo, quem foram as testemunhas? É estranho que não ouvimos nada sobre eles.”

Ele fez uma cara azeda em seguida, como se seu almoço estivesse voltando a sua boca.

“Para os americanos, tudo é estranho. Aqui embaixo, nas ilhas, tudo é lindo. Parece que você acha que sabe muito. Mas eu vou te dizer uma coisa que você nunca pensou - as pessoas morrem porque elas devem morrer. Se dissermos caso encerrado, é isso e ponto. Vá reclamar com Deus, não comigo.”

“Eu não vim aqui para me queixar com você,” disse Cindy. “Eu preciso ter algumas perguntas respondidas.”

Sua grande cabeça balançava para cima e para baixo. “Há pessoas que não podem aceitar a realidade. Elas lutam até o último minuto. Até se matam no processo. Espero que você não seja assim, pequena tigresa.”

Ele empurrou o prato de volta e fez sinal para o garçom. “Traga-me mais um prato, outra cerveja e o mesmo para a moça.”

“Não estou com fome.”

“Vocês vêm para cá dos EUA achando que são os melhores e que nós somos um bando de idiotas que vocês podem controlar. Bem, vocês acabam encontrando outra coisa. Nós costumávamos ser escravos, mas não somos mais. Nós lutamos a batalha pela nossa independência e ganhamos. Barbados é uma nação independente, apesar de nós, Bajans, termos um sabor mais britânico do que qualquer outra ilha do Caribe. Temos orgulho da nossa ilha, estamos orgulhosos de tudo, e somos mais espertos que vocês.”

Ele ergueu as mãos para o céu como se estivesse pregando um sermão que já era muito ultrapassado. Quanto mais ele falava, mais Cindy ficava cansada e mais o sol parecia abatê-la.

“Esta é a nossa casa e nós a amamos,” continuou ele. “Nós compreendemos como a ilha dá voltas de uma maneira engraçada. Conhecemos os seus humores, necessidades, decepções, entendemos a batida de suas tempestades.” Sua voz estava ficando cada vez mais alta. “Nós vemos os animais que vivem dela. Algumas pessoas, a ilha as cospe para fora. Em outras, ela leva até suas entranhas. E algumas ela nunca as solta. Qual delas você é?”

Ele olhou para Cindy com olhos nevoentos, esquivos.

A música reggae no fundo foi ficando cada vez mais alta, à medida que mais pessoas começaram a preencher as mesas para o almoço. A cabeça de Cindy começou a doer.

Ele poderia divagar o quanto quisesse. Ela não iria deixá-lo afastá-la de seus objetivos.

“Eu vi o relatório,” disse Cindy, blefando. “O relatório do legista. Meu marido não morreu afogado. Ele morreu por causa de um trauma na cabeça. Alguém falsificou os resultados.”

Ela ganhou. Ela o pegou desprevenido por um segundo.

“Quero que o caso seja reaberto,” ela acrescentou.

“Quando o caso é encerrado, o caso é encerrado e ponto final,” disse ele, franzindo o cenho.

Cindy entendeu. A polícia tinha sido paga para não investigar o caso. Era óbvio. De repente, ela ficou preocupada se o médico legista realmente enviaria um e-mail com o relatório. Será que ele tinha dito aquilo para se livrar dela? Ela precisava desesperadamente do relatório.

Ela rapidamente abriu seu telefone, debaixo da mesa, para ver se o e-mail estava lá. Ainda não. *Oh, Deus, Cindy pensou, será que aquilo não iria servir para nada?*

“Se eu fosse você,” o chefe de polícia continuou, cavando em seu prato de arroz e camarões, “eu me divertiria na ilha de Barbados, tiraria umas férias, relaxaria sob o sol. Vá para a praia onde seu marido morreu, diga adeus a ele. Em seguida, volte para o seu país e recomece a sua vida.”

Então ele largou o garfo e deu um enorme gole de cerveja.

“Isso é o que você aprende aqui na ilha, como recomeçar. As ondas ensinam. Elas levam todos os tipos de coisas para a praia e, em seguida, elas as pegam de volta.”

Cindy não podia suportar ouvir mais uma única palavra. O tom de sua voz, o cheiro de sua comida misturada com o sol quente, era repugnante. Ela levantou-se para ir embora.

“Obrigada por tudo,” ela começou.

Parecia que ele não queria que ela fosse embora. “Ei,” ele tentou impedi-la, “pensei que você fosse ficar aqui a noite toda e me faria companhia. Pode ser muito solitário ficar aqui embaixo quando escurece.”

Cindy estremeceu.

“Quem sabe?” Ele sorriu. “Talvez se você ficasse comigo o tempo todo até amanhã, eu poderia encontrar algo para lhe dizer?” Ele olhou para ela, imaginando.

Dormir com ele em troca de informações. Cindy preferia morrer. Se ela morresse, pelo menos, ela se encontraria com Clint e aquela charada horrível seria esquecida.

“Por que você não se mata,” ela respondeu com raiva, então se levantou e saiu.

Ela podia ouvi-lo rindo atrás dela, a risada mais sonora de todas.

“Talvez eu o faça, senhorita,” disse ele. “Mas isso não vai trazer seu marido de volta, não é?”

## Capítulo 23

Cindy entrou em seu carro e acelerou em direção ao seu hotel. Sua mente corria enquanto ela se perguntava com quem falar em seguida. Ela não podia voltar para casa de mãos vazias. Ela tentou novamente juntar tudo o que aconteceu naquele dia fatídico com Clint. Lembrou-se do café da manhã, de sua soneca... E, de repente, algo lhe veio à mente: o garçom. O sorriso dele. Aquela torta servida por ele. Podia estar envenenada? Será que ele tinha algo a ver com aquilo?

Cindy verificou seu e-mail novamente. O relatório ainda não estava lá. O legista ainda podia estar almoçando. Ela tinha que acreditar que ele não estava mentindo, que ele enviaria mais tarde.

Ela pisou no acelerador, obrigando o pequeno carro alugado a ir mais rápido. Quando ela olhou para o retrovisor, viu um carro da polícia a poucos quarteirões, fazendo o mesmo caminho que ela, e se perguntou se ele estaria seguindo-a. Ela dirigiu mais rápido.

Quando Cindy entrou no hotel, Alex estava lá, atrás da mesa principal, exatamente onde ele ficara durante a lua de mel. Ele olhou para cima e a cumprimentou calorosamente com um belo sorriso. Era hora de descobrir.

“Você está tendo um bom dia, senhorita Cindy?” Perguntou.

Cindy se aproximou e sentou em um banquinho na frente dele.

“Muito bom,” Cindy respondeu. Então ela fez uma pausa. “Alex.”

“Pois não, senhorita?” Ele sorriu generosamente.

“Eu voltei para cá por um motivo.”

Seu sorriso ficou preso em seu rosto.

Seus olhos se arregalaram. “O que você quer dizer?”

“Preciso saber mais sobre o que aconteceu com meu marido.”

“Como o quê?” Ele parecia nervoso.

“Qualquer coisa que eu puder encontrar. Sua morte não foi um acidente,” ela disse sem rodeios.

“Meu Deus!” Ele parecia assustado. “Você veio para remexer em lembranças ruins?” Ele abriu as duas mãos.

“Eu vim para cá para descobrir a verdade.”

“Aqui nas ilhas, a verdade tem muitas faces.” Ele corou. “O que você quer fazer com isso? O que você vai conseguir com isso? Posso dizer a você o que os jornais publicaram, acidente de surfe - forte correnteza apareceu. Surfistas nadam a sua própria sorte por aqui. Eu informei vocês dois assim que entraram pela porta. Surfistas iniciantes vão para a escola Duncan Surfers primeiro, a três milhas daqui, na estrada.”

“Ele não era um surfista iniciante.”

“Até os surfistas mais fortes podem ser levados por uma onda. Especialmente em uma forte correnteza.”

“Alex,” ela disse, “você pode me dizer o nome do garçom que nos serviu o café da manhã todos os dias?”

As veias do pescoço de Alex incharam. “Por que ele?”

“O dia em que Clint morreu, eu me senti muito mal após comer. É por isso que eu não fui com ele à praia. Parecia intoxicação alimentar.”

“Oh meu Deus,” disse Alex.

“Eu só quero ter uma conversa com o garçom.”

“O nome dele é Tomale,” respondeu Alex. “Ele não está mais aqui.”

“Por quê?”

“Ele se demitiu. No dia em que você foi embora.”

Então ela fez uma pausa.

“Onde posso encontrá-lo?”

“Ele vive em uma pequena cidade à beira dos campos de cana de açúcar. Em uma pequena casa. Ele é um bom homem, cuida de sua família. É religioso.”

“Você pode me dar o endereço dele?”

Os olhos de Alex se arregalaram. “Claro que não. Você não pode ir para essas redondezas sozinha.”

Cindy estendeu a mão e tocou a mão dele. “Por favor, Alex,” ela implorou, “o tempo está se esgotando. Eles levaram meu marido, mas eles não podem tirar o meu espírito. Eu não vou viver uma vida de medo.”

Alex, de repente, parecia prestes a chorar. “Eu não sei por que eu estou fazendo isso.”

Ele deu o endereço e as orientações para a casa de Tomale.

“Não é muito longe da Embaixada dos Estados Unidos,” ele falou. “São duas milhas subindo a estrada. Deixe isso para lá, senhorita Cindy, por favor. Estas pessoas são perigosas. Você acha que eu vou conseguir dormir à noite, se alguma outra coisa acontecer no meu hotel? Especialmente com você?”

Alex realmente se importava com ela, Cindy podia sentir.

“Eu sempre serei grata,” disse Cindy.

“Não sei se você se sentirá assim.”

\*

Cindy começou a dirigir rápido ao longo das estradas esburacadas que se estreitavam, retorciam e a levavam para a parte de trás da ilha. A estrada seguia em uma curva, aglomerada de árvores altas e finas. Esta parte de Barbados era outro mundo. Podia ter sido uma vez o lar de criaturas míticas gigantescas. Enormes pedras de calcário estavam espalhadas nas águas rasas, como se gigantes tivessem brincado por lá e se sentando ao sol. O vento soprava implacavelmente, as estradas estavam desertas e as palmeiras se arqueavam para trás em meio aos uivos do vento.

Quando ela saiu da estrada, em direção ao interior da ilha, Cindy foi passando ao longo de altos campos de cana-de-açúcar que brilhavam sob o pôr do sol. Os campos estendiam-se até onde os olhos alcançavam, movimentando-se para frente e para trás, em direção ao céu. Pequenas casas com teto de palha e pequenas casas simples pontilhavam os campos. Era outro mundo. Cindy fora transportada. Ela não podia imaginar como seria realmente viver por ali.

Ao dirigir atravessando os campos, ela chegou a uma vila, com várias casas pequenas, uma do lado da outra, em vielas estreitas, ela podia escutar o som de vozes chamando, música tocando, ruas repletas de latas, bicicletas, papéis, roupas penduradas em varais e galinhas ciscando pela rua. A casa de Tomale era uma daquelas. Foi ficando mais difícil diferenciar uma casa da outra sob a luz que ia enfraquecendo.

Cindy estacionou o carro na beira de uma rua e decidiu caminhar. O ar estava fresco e perfumado. Algumas crianças de rua se viraram e olharam para ela enquanto ela ia de casa em casa.

Finalmente, ela encontrou a casa de Tomale, foi até a porta e bateu.

Um homem pequeno, magro e franzino apareceu à porta. Cindy se lembrava dele claramente de sua lua de mel. Por um momento, ele trouxe de volta memórias bonitas, cafés da manhã deliciosos, longos cochilos à tarde.

Tomale a reconheceu imediatamente. Por um segundo, ele estava feliz em vê-la novamente.

“Olá, senhorita, oi. Como você está?” Tomale tinha cuidado especialmente dela e de Clint durante a lua de mel, sempre perguntando sobre o dia deles.

Então, de repente, ele ficou diferente. “O que você quer? O que você quer?” Perguntou ele repetidamente, como um pássaro assustado que caíra de uma árvore.

“Posso entrar?” Cindy indagou.

Tomale parecia aterrorizado. “Agora não, agora não.”

“Tomale, por favor.”

“Amanhã.” Ele mal podia falar.

“Apenas por dois minutos.”

Isso o acalmou. “Dois minutos? Tudo bem.”

Por dento, a casa era escura, desarrumada, carregada de cheiro de cerveja. Havia pequenas janelas quebradas. Não havia mais ninguém lá.

“Todo mundo foi embora,” disse Tomale, segurando as duas mãos abertas.

Cindy não sabia o que ele queria dizer exatamente.

“Não tem nada aqui,” ele continuou, num tom estridente.

Parecia que ele estava pensando que ela fora verificar sua casa, verificar se ele estava escondendo alguma coisa.

“Tomale,” Cindy disse: “Você se lembra do meu marido?”

Ele balançou a cabeça rapidamente, afobado. Então ele se virou.

“Ele está morto.”

Tomale começou a tremer. “Eu sei, eu sei. Mas eu não sabia de nada. Não posso dizer mais nada.”

“Outra pessoa também foi morta no meu país. E minha irmã ficou ferida. Eu posso ser a próxima, Tomale.”

Ele engasgou. “Por favor, acredite em mim, eu não sabia de nada.”

“Eu não estou culpando você.”

“Culpe-me.” Ele abaixou a cabeça.

“Por quê? Você pode consertar tudo se você me contar.”

Ele parecia gostar desta ideia.

“Eu não quis fazer nada ruim, senhorita.” Ele se virou e olhou para ela, trêmulo. “Minha mãe estava morrendo. Eu não sabia o que eu estava fazendo. Eu precisava do dinheiro que me deram. Agora, ela se foi mesmo assim. Veja...” Ele apontou para a casa vazia. “Ela morreu há duas semanas.”

“Meus sentimentos. O que você fez para eles para receber o dinheiro?” Perguntou Cindy.

“Eles disseram que era apenas para ajudá-los a fazer você dormir. Eles me deram algo para colocar na torta, à tarde. Apenas para você, *não* para o Sr. Clint.”

“Envenenaram minha comida?”

“Não era veneno, era algo para fazê-la dormir. Eles me disseram que precisavam falar com ele a sós. Pensei que talvez eles fossem dar uma surra nele. Isso é tudo. Eu juro!”

“Quem disse isso?”

“Os homens dos EUA, que Deus me perdoe, estou consertando tudo agora? Será que Deus vai me perdoar?”

“Tomale, você iria para os EUA comigo para testemunhar? Eu vou pagar por tudo. Eu vou dar-lhe dinheiro extra para a sua família.”

“Não há mais família,” ele choramingou. “Minha mãe se foi, todos se foram. Quando eu descobri que o Sr. Clint foi morto, eu não consegui mais trabalhar.”

“Morto?” Cindy indagou. “Você descobriu?”

Parecia estar ficando cada vez mais escuro do lado de fora, o cheiro de mofo da casa parecia ficar cada vez mais forte enquanto eles conversavam.

“Que Deus me perdoe.”

“Como?”

“Eu não tinha nada a ver com isso. Juro. Só descobri depois.”

“Como, Tomale?” Ela perguntou novamente, suando naquela pequena casa.

Tomale estremeceu. Um longo silêncio encheu o ar úmido.

“Ouvi dizer que eles o atropelaram com um barco. Racharam a cabeça dele.”

Cindy se retorceu de dor.

De repente, o som das sirenes da polícia.

Tomale correu para a pequena janela e olhou para fora, petrificado.

Cindy olhou também: três carros da polícia estavam indo em direção à casa.

Ele olhou para ela, seu lábio tremia. “Você foi à polícia?” Ele perguntou a ela.

“Sim,” Cindy respondeu.

“Oh meu Deus,” ele falou. “Por que!? Você tem que correr! Fugir, se esconder!”

Ondas de horror tomaram conta de Cindy. Ela não podia se mover, estava colada no lugar, observando os carros da polícia pararem e um bando de policiais correrem até a casa e entrarem à força. Um deles a agarrou pela cintura. Isto a acordou. Ela jogou-se e virou, tentando afrouxar seu o aperto. Não importa o que ela fizesse, não tinha resultados. Ele era mais forte, mais resistente. Seu corpo parecia frágil ao lado dele, como um galho que poderia quebrar a qualquer momento. Seu rosto, que tinha traços esticados e marcados, parecia indiferente e resignado. Ele provavelmente já tinha feito aquilo mil vezes. Ele iria matá-la? Agora, tal pensamento a deixava nervosa e triste.

Era isso? Ela iria morrer? Para sua grande surpresa, ela não estava assustada. Ela quase se sentia pronta.

Naquele momento, Tomale, repentinamente, conseguiu se soltar, então correu pela sala e chutou com força as costas do policial que estava segurando Cindy.

Ele gritou de dor e a soltou.

“CORRA!” Tomale gritou para ela, com os olhos arregalados.

Foi a última coisa que ela ouviu antes de sair pela porta. Em seguida, ela viu os policiais pulando em cima de Tomale, dentro de sua casa.

Sob as sombras da escuridão, ela viu uma motoneta encostada na cerca de piquete de Tomale. Ela saltou sobre a moto, forçou o arranque do motor e saiu fazendo barulho rua abaixo, graças a Deus, Clint havia lhe ensinado como andar de moto. Ela sabia que a Embaixada dos Estados Unidos ficava a umas duas milhas na rodovia. Não era longe. Ela conseguiria. Um enorme e inesperado aumento de energia tomou conta dela, foi quando ela escutou um estrondo atrás.

Ela olhou no espelho lateral. Dois carros da polícia estavam em seu encalço. Ela acelerou o máximo possível e saiu correndo dentro e fora da estrada, deslizando entre as árvores, em torno de touceiras de cana-de-açúcar. Eles não a seguiriam por ali. Ela saía da estrada e depois voltava, repetidamente, em direção à Embaixada.

À medida que ela ia mais longe, ela ouvia os carros de polícia cada vez mais próximos.

*Por favor, Deus, apenas um pouco mais. Aquilo não era jeito de morrer, em uma estrada de Barbados. Há muita coisa boa que eu posso fazer viva.*

Mais à frente, ela conseguia ver a Embaixada. Então, com um último impulso enorme, ela saiu da estrada, voltou para a estrada e, em seguida, passou diretamente pelos portões da Embaixada.

A salvo. Protegida. No território dos Estados Unidos. A polícia não poderia segui-la ali.

Ela sentiu uma vibração em seu bolso e olhou para seu telefone celular. Uma nova mensagem. Era do legista. E tinha anexos.

## Capítulo 24

Quando seu avião pousou no aeroporto de Kennedy, a notícia havia se espalhado. Cindy estava chocada. Ela foi recebida por um bando de fotógrafos e repórteres. Os flashes das câmeras disparavam. Era uma grande notícia agora.

Enquanto os fotógrafos apontavam suas câmeras para ela, ela levantou-se, estupefata, procurando pelo homem que deveria encontrá-la lá: Farnell, o agente do FBI.

Ele estava na frente do portão, espiando por entre a multidão, esperando por ela. Ele correu para ajudá-la, abrindo caminho através das ondas de pessoas.

Antes que ele chegasse até ela, grupos de repórteres correram até Cindy, pedindo comentários.

“Estou feliz por estar em casa,” foi tudo o que ela conseguiu dizer.

“Existe algum outro comentário seu? Quando você soube que a DGB estava envolvida?”

“Eu não tenho certeza.” Cindy estava perturbada.

“Você sabia que a morte de seu marido iria chegar até o Congresso?”

Farnell colocou um braço ao redor dela e conduziu-a através da multidão até um carro que os esperava.

“O que está acontecendo?” Ela perguntou, atordoada.

Ela se sentia como se estivesse em um sonho louco.

Assim que o carro deu a partida, ela se acomodou confortavelmente e Farnell entregou-lhe um jornal.

As manchetes diziam: *Grande executivo da empresa de petróleo, Henry Greerson, preso sob suspeita de assassinato. Lobistas e deputados de Washington possivelmente envolvidos.*

Farnell olhou para ela com um olhar diferente. “Você fez bem.”

“Eu não tive escolha,” disse Cindy.

“Sim, você teve. O relatório do legista que você me enviou era exatamente o que precisávamos,” disse ele. “Nós já temos uma confissão de Greerson - ele está tentando um acordo judicial. A DGB está afundando. E eles vão levar um monte de lobistas e alguns congressistas junto.”

Eles continuaram em silêncio, entraram na via Van Wyck, em direção a sua casa em Cove Bay.

“Para ser honesto, eu não achava que você conseguiria resolver,” disse ele, e abriu um pequeno sorriso.

“Eu também não achava,” ela concordou, sorrindo.

“Quer um trabalho no departamento?” Ele ofereceu, sorrindo largamente.

Ela olhou para ele e sorriu de volta. “Não, obrigada.”

Cindy finalmente abaixou o jornal, fechou os olhos e respirou fundo. Flashes de Barbados continuavam passando pela sua cabeça.

“Eu enfrentei a morte,” comentou Cindy, “e eu não estava com medo. Sabe o que isso faz para uma pessoa?”

“Sim,” disse ele, enquanto permaneciam no carro em silêncio. “Eu sei.”

Quando Farnell a deixou, ela viu que Ann e Frank estavam esperando por ela no gramado da frente.

O ombro de Ann estava em uma tipoia, mas ela tinha um sorriso no rosto. E Frank, pela primeira vez, sorriu para ela também. Ele a olhava com um novo respeito.

Ann correu para eles e as duas se abraçaram. Ambas começaram a chorar.

“Estou tão feliz por você estar bem,” disse Cindy.

“E eu estou tão feliz por você estar em casa em segurança,” respondeu Ann.

Quando as duas começaram a andar em direção a casa, Frank olhou para ela.

“Eu sinto muito, Cindy,” disse ele, “por tudo o que eu disse. Parece que você esteve certa o tempo todo.”

Ele colocou uma mão protetora sobre seu ombro enquanto ele as conduzia para dentro da casa.

\*

Horas mais tarde, os três ainda estavam sentados em volta da mesa da cozinha, tomando café, assistindo ao noticiário e conversando infinitamente sobre aquela longa história. Finalmente, eles estavam ficando cansados. E era quase a hora de Ann e Frank irem embora. De verdade, desta vez.

“A família de Clint ligou,” disse Ann.

O corpo de Cindy se encolheu.

“Não se preocupe. Eles mudaram o jeito deles. Viram a notícia. Estão realmente gratos a você. Eles estão aliviados em saber como ele morreu. E gratos por tudo o que você fez. E acho que estão com vergonha de si mesmos. Eles não sabem como agradecer.”

“Eu não preciso que eles me agradeçam,” disse Cindy. “Estou satisfeita.”

“Bem, pelo menos eles já desistiram do assunto da casa. Eles me pediram para lhe dizer que ela é sua. Eles não vão entrar na justiça contra você sobre isso.”

Cindy assentiu. Ela olhou ao seu redor e percebeu como ela se sentia em casa naquele lugar. Ela estava feliz por não precisar sair de lá.

\*

Na manhã seguinte, Cindy acordou sozinha em sua casa e, pela primeira vez, sentia-se bem. Era diferente agora estar em sua casa em Cove Bay. Ela pulou da cama e começou seu dia. Ela estava grata por estar ali, por enquanto. Ainda havia um monte de limpeza a ser feita, especialmente por causa da invasão, e Cindy estava feliz por ter de organizar tudo. Ela queria colocar tudo em ordem, fazer o lugar virar novamente um lar.

Cindy se levantou e foi até a janela. O verão havia chegado e o jardim estava em plena floração. Ela abriu a janela e se inclinou para fora, deixando a fragrância das flores e das árvores invadirem suas narinas.

Ela saiu da casa e foi para o jardim que ela e Clint haviam começado. Ele estava lindo, cheio de cor e vida. Enquanto ela estava lá entre as flores que eles tinham plantado, ela sabia que Clint estava com ela, e que ele queria que ela deixasse sua vida florescer também.

Enquanto ela estava lá, apenas olhando, seu celular tocou. Ela tinha ativado o toque de seu celular, não estava mais medo de atender ligações.

Era Helene. Uma velha amiga de faculdade de Wisconsin. Ela havia lido sobre o que tinha acontecido com Clint, e o que Cindy tinha feito em Barbados. Helene estava assustada. Ela disse que ela mesma estava vivendo em uma ilha do Caribe durante os últimos seis meses. Mas algo terrível tinha acontecido. Ela não podia dizer o que era a Cindy pelo telefone. Sua voz começou a tremer.

Cindy prendeu a respiração. Ela sentiu a angústia de Helene.

Helene já tinha ligado para dois investigadores particulares, mas não tinha resultado em nada. Ela precisava desesperadamente de ajuda. Será que Cindy iria ajudá-la? Ela não sabia mais a quem procurar. Ela pagaria uma boa quantia e todas as despesas se Cindy voasse até lá para ajudá-la.

“Eu não sou uma detetive,” disse Cindy.

“Por favor,” pediu Helene. “Eu não sei a quem mais recorrer. Estou em um beco sem saída. E você já passou por isso. Você entende o que eu estou passando. E é evidente que você sabe o que está fazendo.”

Cindy raramente pensava em seu pai. Será que ele estava olhando para ela, tentando empurrá-la, convencê-la, a seguir seus passos?

“Deixe-me pensar sobre isso,” respondeu Cindy.

Ela conseguiu todas as informações necessárias antes de desligar.

Ela fechou os olhos e respirou fundo, ouvindo o chamado dos pássaros de verão. Talvez tudo aquilo tivesse acontecido por uma razão. Talvez ela pudesse ajudar os outros também.

Talvez, apenas talvez, ela iria ajudá-los.

**AGORA DISPONÍVEL!**



**MORTE PELO DIVÓRCIO**  
**(Livro # 2 na série Assassinatos no Caribe)**

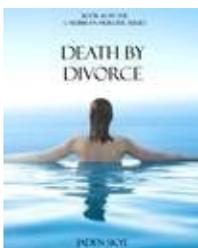
Quando o marido de uma velha amiga desaparece, ela procura Cindy em busca de ajuda. Logo após sua própria tragédia, Cindy retorna para o Caribe, desta vez para a belíssima e exuberante ilha de Grenada, para encontrá-la.

Cindy, ainda lamentando a morte de seu próprio marido, fica hospedada na incrível vila de sua amiga, sobre o oceano, enquanto ela faz o seu melhor para ajudar a rastrear o marido de sua amiga, Ames. Enquanto Cindy investiga, ela conhece os diferentes personagens da ilha, alguns locais, alguns fantasticamente belos, os quais parecem estar envolvidos um com o outro, seja romanticamente ou em negócios escusos. Quando Cindy descobre assuntos secretos, relações estranhas entre dinheiro e drogas, ela percebe que há uma complexa rede na ilha escondida da vista do público. E, à medida que ela se aprofunda na vida de Ames, ela fica chocada ao descobrir quantos segredos ele tinha escondido de sua esposa e que ela nunca conheceu realmente o homem que amava.

A polícia, a princípio, se recusa a levá-la a sério, mas eles logo ganham respeito por ela devido a sua inteligência, coragem e determinação. O relacionamento de Cindy com um policial em particular, Matheus, desenvolve-se de maneira inesperada, uma vez que eles se consolam sobre suas perdas.

Mas Cindy desenterra informações demais. Logo, ela descobre que sua própria vida está em perigo, enquanto ela se dirige para o lado oculto da ilha. Acontecimentos surpreendentes durante a investigação levam a um final surpreendente, um corpo é descoberto, e Cindy deve descobrir se eles condenaram a pessoa errada...

Livros # 3 - # 14 da série estão agora também disponíveis!



**MORTE NO DIVÓRCIO**

**(Livro #2 da série Assassinatos no Caribe)**

Também de Jaden Skye

**SÉRIE ASSASSINATOS DO CARIBE**

- MORTE NA LUA DE MEL (Livro # 1)
- MORTE NO DIVÓRCIO (Livro # 2)
- MORTE NO CASAMENTO (Livro # 3)
- MORTE PELO DESEJO (Livro # 4)
- MORTE POR ENGANO (Livro # 5)
- MORTE POR INVEJA (Livro # 6)
- MORTE PELA PROPOSTA (Livro # 7)
- MORTE POR OBSESSÃO (Livro # 8)
- MORTE POR DEVOÇÃO (Livro # 9)
- MORTE POR TRAIÇÃO (Livro # 10)
- MORTE POR PEDIDO (Livro # 11)
- MORTE POR COMPROMISSO (Livro # 12)
- MORTE POR SEDUÇÃO (Livro # 13)
- MORTE PELA TENTATIVA (Livro # 14)

**A SAGA DO RIO TOM**

- UM PERFEITO ESTRANHO (Livro # 1)

[Clique aqui para baixar os livros de Jaden Skye agora mesmo!](#)



## Sobre Jaden Skye

Jaden Skye é a autora da série best-seller # 1 O ASSASSINATO NO CARIBE, que possui 14 livros até o momento. O primeiro livro da série, MORTE NA LUA DE MEL, um best-seller # 1, está agora disponível como um [download GRATUITO no Amazon!](#)

Jaden sempre foi fascinada por mistérios, mortes injustas, mentiras, falsidade e pelo poder que a verdade tem de prevalecer. Seus romances de suspense / mistério apresentam fortes protagonistas do sexo feminino que devem superar obstáculos intransponíveis e, através deles, elas buscam chegar ao centro da natureza da justiça e do amor.

Por favor, visite [www.jadenskye.com](http://www.jadenskye.com) para encontrar os links para manter contato com Jaden via Facebook, Twitter, Goodreads, o blog dela e mais um monte de outros lugares. Jaden gosta de ouvir sua opinião, por isso não se acanhe e volte sempre!